Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORAÇÕES DE GERÚNDIO NAS MODALIDADES FALADA E ESCRITA DO PORTUGUÊS

Andreia Rezende Garcia Reis

2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa

ORAÇÕES DE GERÚNDIO NAS MODALIDADES FALADA E ESCRITA DO PORTUGUÊS

Andreia Rezende Garcia Reis

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Letras
Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa

Orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português

Andreia Rezende Garcia Reis
Orientadora: Professora Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

_____
Presidente, Profa. Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

_____
Profa. Doutora Mariangela Rios de Oliveira – UFF

_____
Profa. Doutora Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ

_____
Profa. Doutora Maria Luiza Braga – UFRJ

_____
Profa. Doutora Nilza Barrozo Dias – UFF

_____
Profa. Doutora Helena Gryner – UFRJ, Suplente

_____
Profa. Doutora Cláudia N. Roncarati de Souza – UFF, Suplente

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

GARCIA REIS, Andreia Rezende.

Orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português/Andreia Rezende Garcia Reis. – Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2010.

xi, 182f.: il.; 31cm.

Orientadora: Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Tese (doutorado) – UFRJ/Faculdade de Letras/Programa de Pós-graduação em Linguística, 2010.

Referências bibliográficas: f. 174-182.

1. Conexão de orações. 2. As orações de gerúndio. 3. As orações adverbiais de gerúndio. I. Paiva, Maria da Conceição Auxiliadora de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística. III. Título.

Dedico este trabalho aos meus professores e aos meus alunos, de hoje e sempre, que são exemplos de dedicação e de entusiasmo em aprender.

AGRADECIMENTOS

À professora Conceição, pela disponibilidade, atenção, seriedade, paciência e brilhantismo em todo o processo de orientação desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado e do Doutorado, pelo compartilhamento do saber.

A muitos dos meus alunos, que acreditaram e vibraram com minhas conquistas.

À Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora, pela concessão da licença na fase final da pesquisa.

Ao Pedro, pelo companheirismo incansável, incentivo, credibilidade e amor indispensável.

À minha avó Maria, sempre.

Aos meus pais, pelo exemplo de persistência, fé e amor incondicional.

Ao meu irmão, pela amizade, cumplicidade, exemplo de coragem e de luta.

À Larissa e à Thiara, por acreditarem em mim e compartilharem sonhos, vitórias e angústias.

À Laura, por despertar o que há de melhor em mim, pela esperança revigorada na vida e pela reflexão sobre a essência do amor.

À minha família, pela presença e confiança constantes.

Aos meus amigos, pela torcida, apoio e amizade.

Enfim, a todos que partilharam da minha história e contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

ORAÇÕES DE GERÚNDIO NAS MODALIDADES FALADA E ESCRITA DO PORTUGUÊS

Andreia Rezende Garcia Reis

Orientadora: Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Esta tese investiga as orações de gerúndio que codificam, juntamente com a oração núcleo, relações semânticas de concomitância, modo, tempo, condição, finalidade, causa, consequência e concessão no português falado e escrito contemporâneo. O objetivo central é de verificar a hipótese de que diferentes feixes de propriedades, tanto da oração de gerúndio quanto da oração núcleo, podem favorecer uma determinada interpretação semântica em detrimento de outras. Para verificar essa hipótese, foram utilizados dados de 32 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes cariocas (Amostra Censo, 2000) e 350 textos – cartas de leitor, artigos de opinião, crônicas, reportagens e notícias – publicados nos jornais cariocas: Jornal do Brasil, O Globo, Extra e Povo. Considerando as diversas relações lógico-semânticas que emergem nos períodos com orações de gerúndio, são analisados parâmetros morfossintáticos, semânticos e discursivos, com o objetivo de identificar as propriedades mais relevantes para uma determinada interpretação, assim como os padrões de organização mais gerais dessas estruturas oracionais. Os resultados obtidos mostram que as orações adverbiais de gerúndio são mais frequentes na modalidade escrita, e, sobretudo, nos gêneros textuais de caráter mais argumentativo. Além disso, verificamos que as diferentes relações lógico-semânticas agrupam-se de acordo com suas propriedades, ocupando pontos distintos num *continuum* de integração semântica. As orações de gerúndio concomitantes e modais constituem um grupo com propriedades muito semelhantes e estão em pontos mais à esquerda no *continuum* de integração; as orações finais têm comportamento diferenciado das demais, pois codificam estado de coisas posterior ao da núcleo e estariam menos integradas; as orações temporais, consecutivas e concessivas ocupam uma terceira posição no *continuum* e possuem propriedades muito semelhantes; as condicionais e causais são as menos integradas à núcleo, formando um quarto grupo e desempenhando funções discursivas e textuais mais específicas, relacionadas mais frequentemente aos constituintes situados na margem esquerda da oração, como ligação com o discurso anterior e introdução de enquadramentos. Através da comparação entre as orações adverbiais de gerúndio e orações hipotáticas finitas, mostramos que, apesar das muitas similaridades entre essas duas estruturas, elas não são inteiramente equivalentes.

Palavras-chave: Orações de gerúndio. Relações semânticas. Integração de orações.

ABSTRACT

GERUND CLAUSES IN SPOKEN AND WRITTEN PORTUGUESE

Andreia Rezende Garcia Reis

Supervisor: Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística.

This thesis investigates the gerund clauses that codify, together with the core clause, semantic relations of concomitant, manner, time, condition, purpose, reason, result and concession in the spoken and written contemporary Portuguese. The main objective is to verify the hypothesis that different bundles of properties in both gerund and core clauses can favor a certain semantic interpretation to the detriment of others. In order to verify this hypothesis, we used data of 32 sociolinguistic interviews applied to cariocas speakers (Amostra Censo, 2000) and 350 texts – letters to the editor, op-ed, chronicles, news reports and news articles – published in the cariocas newspapers: Jornal do Brasil, O Globo, Extra and Povo. Taking various logical-semantic relations which emerge in the gerund clauses into consideration, morphosyntactic, semantic and discoursive parameters are analysed, aiming to identify the most relevant properties to a certain interpretation, as well as the most general organization patterns of these clauses. The results show that the gerund adverbial clauses are more frequent in the written form, and, above all, in the most argumentative text genres. We also verified that the different logical-semantic relations gather together according to its properties, occupying distinct points in the semantic integration continuum. Both gerund concomitant and manner clauses consist of a group with very similar properties and occupies levels more to the left in the integration continuum; the purpose clauses are different from the others, as they codify states of affairs later to the core one and are less integrated; the time, result and concessive clauses occupy a third position in the continuum and have very similar properties; the conditional and reason ones are less integrated to the core, organizing a fourth group and having more specific discoursive and textual functions, more frequently related to the constituents placed in the left periphery of the clause, such as a link to the previous discourse and frames introduction. Comparing the gerund adverbial clauses and the hypotactic finite ones, we showed that, although there are a lot of similarities among their structures, they are not entirely equivalent.

Keywords: Gerund clauses. Semantic relations. Clauses integration.

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 CONEXÃO DE ORAÇÕES 16

2.1 Pressupostos funcionalistas 16

2.2 A dicotomia coordenação/subordinação 18

2.3 Perspectiva funcionalista sobre a conexão de orações 24

3 AS ORAÇÕES DE GERÚNDIO 35

3.1 A multifuncionalidade da forma de gerúndio 35

3.2 A natureza sintática das orações de gerúndio 38

3.3 A ambiguidade semântica das orações de gerúndio 48

3.4 Aspectos discursivo-funcionais das orações de gerúndio 55

4 FALA E ESCRITA: O *CONTINUUM* DE GÊNEROS TEXTUAIS 59

5 AMOSTRAS E METODOLOGIA 69

5.1 Amostras 69

5.2 Procedimentos metodológicos 80

6 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS DE GERÚNDIO 85

6.1 Relação semântica entre a oração núcleo e a oração de gerúndio 86

6.2 Propriedades morfossintáticas da oração núcleo e da oração de gerúndio 93

6.2.1 Tempo e modo verbal da oração núcleo 93

6.2.2 Tipo de sujeito da oração de gerúndio 100

6.2.3 Correferencialidade entre os sujeitos das orações 104

6.3 Propriedades semânticas da oração núcleo e da oração de gerúndio 108

6.3.1 Tipo de predicador da oração núcleo e da oração de gerúndio 108

6.3.2 Sequencialidade entre os estados de coisas relacionados 122

6.4 Estatuto informacional da oração núcleo e da oração de gerúndio 128

6.5 Posição das orações de gerúndio 137
6.5.1 Sequência de orações adverbiais de gerúndio 153
6.6 A variável gênero textual 157
6.7 Grau de vinculação das orações adverbiais de gerúndio 159

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 169

REFERÊNCIAS 174

Lista dos quadros, gráficos e tabelas

Quadro 1: Amostra Censo (2000)
Quadro 2: Cartas de leitor
Quadro 3: Crônicas
Quadro 4: Notícias e Reportagens
Quadro 5: Artigos de opinião
Quadro 6: Extensão das amostras de fala e de escrita
Quadro 7: Propriedades das orações de adverbiais de gerúndio de acordo com seu valor semântico - Fala
Quadro 8: Propriedades das orações adverbiais de gerúndio de acordo com seu valor semântico - Escrita

Gráfico 1: Distribuição das orações de gerúndio por modalidade
Gráfico 2: Orações de gerúndio de acordo com o gênero textual

Tabela 1- Frequência das orações de gerúndio na fala e na escrita em relação ao número de sentenças
Tabela 2 - Distribuição das orações de gerúndio de acordo com a relação semântica – Fala
Tabela 3 - Distribuição das orações de gerúndio de acordo com a relação semântica – Escrita
Tabela 4 - Relação semântica e tempo verbal da oração núcleo – Fala
Tabela 5 - Relação semântica e tempo verbal da oração núcleo – Escrita
Tabela 6 - Relação semântica e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Fala
Tabela 7 - Relação semântica e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Escrita
Tabela 8 - Relação semântica e correferencialidade entre os sujeitos – Fala
Tabela 9 - Relação semântica e correferencialidade entre os sujeitos – Escrita
Tabela 10 - Relação semântica e tipo de predicador da oração núcleo – Fala
Tabela 11 - Relação semântica e tipo de predicador da oração de gerúndio – Fala
Tabela 12 - Relação semântica e tipo de predicador da oração núcleo – Escrita
Tabela 13 - Relação semântica e tipo de predicador da oração de gerúndio – Escrita
Tabela 14 - Correlação entre tipo de verbo da oração núcleo e da oração de gerúndio

Tabela 15 - Relação semântica e disposição temporal das orações de gerúndio – Fala
Tabela 16 - Relação semântica e disposição temporal das orações de gerúndio – Escrita
Tabela 17 - Relação semântica e estatuto informacional da oração núcleo – Fala
Tabela 18 - Relação semântica e estatuto informacional da oração núcleo – Escrita
Tabela 19 - Relação semântica e estatuto informacional da oração de gerúndio – Fala
Tabela 20 - Relação semântica e estatuto informacional da oração de gerúndio – Escrita
Tabela 21 - Relação semântica e posição da oração de gerúndio – Fala
Tabela 22 - Relação semântica e posição da oração de gerúndio – Escrita
Tabela 23 - Relação semântica, posição e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Fala
Tabela 24 - Relação semântica, posição e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Escrita
Tabela 25 - Relação semântica, posição e estatuto informacional da oração de gerúndio - Fala
Tabela 26 - Relação semântica, posição e estatuto informacional da oração de gerúndio - Escrita
Tabela 27 - Distribuição das orações de gerúndio de acordo com o gênero textual

1 INTRODUÇÃO

As orações de gerúndio têm sido objeto de diversos estudos, sendo tratadas por gramáticos como Mira Mateus *et alii* (1983), Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2002), como orações não-finitas, reduzidas, e por pesquisadores da linguística, como Braga (1996), Lobo (2003), Hoyer (2004) e Simões (2007), como orações que apresentam características diversificadas, tanto sintáticas, quanto semânticas e discursivas. Um ponto comum a esses diferentes tratamentos é o reconhecimento da natureza inerentemente ambígua dessas orações, fato que despertou interesse e deu origem a esta pesquisa. O exemplo a seguir, em que se superpõem as relações de modo, de finalidade ou mesmo de tempo, ilustra essa ambiguidade:

(01) Primeiro, tivemos o caso, ainda insolúvel, do casal Stahelli. Neste, *o secretário Garotinho montou autêntico espetáculo televisivo*, <u>apresentando o verdadeiro assassino do referido casal</u>. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

Desde as origens do português, o gerúndio presta-se a diferentes usos, podendo participar de perífrases aspectuais, iniciar orações adjetivas ou predicativas, expandindo um SN, ou orações com funções adverbiais que codificam circunstâncias relacionadas a um estado de coisas. Essa última constitui o objeto de estudo desta tese. Focalizamos, então, os períodos complexos formados pelas orações de gerúndio que possuem valor adverbial, ou seja, aquelas que acrescentam circunstâncias como as de tempo (*Quantos se contaminaram* (continuam) <u>cuidando da saúde pública</u>?); condição (<u>Isso você indo de ônibus</u>, *de carro eu acho que é melhor*! É bom pra caramba!); finalidade (Minha mãe tinha que ficar em casa mesmo, *era dentro de casa* <u>tomando conta da gente</u>.); causa (<u>Temendo a violência</u>, *parentes de vítima de assalto haviam deixado o Rio.);* modo (Aí eu acabava demorando muito, *mas umas três horas eu estudava assim* <u>brincando</u>!) e outras, no português falado e escrito contemporâneo.

Embora a superposição entre dois ou mais valores lógico-semânticos em períodos com orações de gerúndio seja largamente exemplificada em manuais do português, poucos estudos procuram explicar a conjugação de fatores da qual decorre essa ambiguidade e, menos ainda, os parâmetros que podem favorecer

uma ou outra interpretação. O objetivo principal deste estudo é investigar, à luz de pressupostos funcionalistas, as propriedades associadas às diversas relações lógico-semânticas que emergem em períodos com orações de gerúndio, na forma como elas ocorrem nas modalidades falada e escrita. Partimos da hipótese de que diferentes feixes de propriedades, tanto da oração de gerúndio como da oração núcleo, podem favorecer uma determinada interpretação semântica em detrimento de outras.

De acordo com uma perspectiva funcionalista, as estruturas da língua não constituem um objeto autônomo, autossuficiente, já que estão sujeitas a imperativos impostos pelas situações comunicativas. Longe de se reduzirem a aspectos estritamente formais, as estruturas linguísticas resultam de uma interação entre os níveis sintático, semântico e discursivo. Dessa forma, analisamos as orações de gerúndio sob diferentes perspectivas: morfossintática, semântica e discursiva. No nível morfossintático, consideramos aspectos como *tempo e modo verbal da núcleo*, *forma de realização do sujeito da oração de gerúndio*, *polaridade das duas orações* e *correferencialidade entre os sujeitos*. No nível semântico, focalizamos a *predicação verbal da núcleo e da oração de gerúndio* e a *sequencialidade entre os estados de coisas relacionados nas duas orações*. No nível discursivo, consideramos o *estatuto informacional das duas orações*. Serão analisadas, ainda, propriedades ligadas à organização sintagmática do período, dedicando especial atenção à correlação entre disposição sintagmática e propriedades morfossintáticas e discursivas das orações de gerúndio.

O tratamento dado aos processos de articulação de orações pela tradição gramatical, baseado numa dicotomia entre coordenação e subordinação, revela-se insuficiente na análise do período complexo constituído pelas orações adverbiais de gerúndio e sua núcleo. Concebidas como formas reduzidas de suas contrapartes finitas, as orações de gerúndio são incluídas indistintamente no conjunto das subordinadas, tratadas, nessas abordagens, como equivalentes àquelas. Assumindo a proposta de que a integração/vinculação entre orações constitui um *continuum* derivado da conjugação de diferentes parâmetros, discutimos a adequação desse tratamento. Partimos da hipótese de que, a depender do seu valor semântico e de diferentes conjugações de propriedades, as orações de gerúndio podem situar-se em pontos distintos de um *continuum* de integração sintática. Pode-se discutir, portanto, se elas constituem um conjunto homogêneo.

Um objetivo central das abordagens funcionalistas é o de explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua e de identificar as condições discursivas em que tais usos ocorrem. Para tanto, faz-se necessário o testemunho de dados empíricos que permitam, inclusive, verificar a possível influência de fatores externos à própria língua. Assim, neste estudo, nos valemos de uma amostra de fala e de uma amostra de escrita do português brasileiro contemporâneo. O *corpus* relativo à modalidade falada é representado pelas entrevistas sociolinguísticas que compõem a Amostra Censo (2000), gravadas com informantes cariocas entre os anos 1999 e 2000. O *corpus* de escrita é composto de textos de diferentes gêneros – Cartas de leitor, Artigos de opinião, Crônicas, Notícias e Reportagens – retirados de quatro jornais publicados na cidade do Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, O Globo, Extra e Povo, entre os anos de 2002 e 2004. As duas amostras foram constituídas pelo Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL), sediado na UFRJ.

Através da comparação entre as duas amostras, buscamos depreender os padrões mais regulares de estruturação dos períodos complexos com orações de gerúndio e, ao mesmo tempo, identificar possíveis particularidades ligadas a diferenças de planejamento. Alinhando-nos, no entanto, com uma perspectiva de que as diferenças entre as duas modalidades podem refletir um *continuum* de gêneros textuais, controlamos, para a amostra de escrita, a variável gênero de texto. Partimos da hipótese de que diferentes gêneros textuais, por constituírem diferentes estruturas discursivas e composicionais e cumprirem diferentes objetivos comunicativos, favorecem de forma diferenciada a ocorrência das orações de gerúndio.

Os dados coletados são submetidos a uma análise quantitativa com o objetivo de identificar as correlações entre os parâmetros acima especificados e as diferentes relações lógico-semânticas que emergem na relação entre a oração de gerúndio e a oração núcleo. Essa análise quantitativa é complementada em muitos pontos por considerações mais detalhadas sobre os contextos de ocorrência de padrões de organização das orações de gerúndio que se mostram menos frequentes, com o objetivo de identificar seu papel na organização discursiva.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, retomamos as abordagens da gramática tradicional referentes à articulação de orações para, em seguida, discutir esses processos numa perspectiva funcionalista, com ênfase nas propostas que propõem um *continuum* no tratamento de períodos complexos. No

capítulo 3, focalizamos as orações de gerúndio, destacando características sintáticas, semânticas e discursivas já observadas por estudos de diferentes perspectivas teóricas. No capítulo 4, traçamos importantes considerações sobre os gêneros textuais utilizados para seleção das orações de gerúndio, bem como suas características composicionais e comunicativas. No capítulo 5, caracterizamos as amostras utilizadas nesta pesquisa, assim como os procedimentos por meio dos quais foi operacionalizada a análise dos dados. No capítulo 6, é apresentada a análise dos dados de fala e escrita, os resultados obtidos e a discussão de exemplos. O capítulo 7 é dedicado às principais conclusões autorizadas pela pesquisa e, por último, são mencionadas as referências consultadas.

2 CONEXÃO DE ORAÇÕES

Muitos são os teóricos envolvidos no estudo da conexão de orações e de suas implicações sintáticas, semânticas e pragmáticas na construção do discurso escrito e falado. Neste capítulo, apresentaremos algumas propostas teóricas, com o objetivo de delimitar um quadro mais geral no interior do qual focalizamos as orações de gerúndio com função adverbial. Discutimos primeiramente alguns pressupostos da perspectiva funcionalista para o estudo da linguagem, em seguida, revisitamos os conceitos de subordinação e coordenação e de hipotaxe e parataxe, considerando aspectos como a oposição dependência/independência, a posição das orações e a presença/ausência de conectores explícitos. Num terceiro momento, destacamos algumas propostas funcionalistas para o tratamento da articulação de orações, enfatizando os conceitos de que nos valemos na análise das orações adverbiais de gerúndio.

2.1 Pressupostos funcionalistas

Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, a pesquisa ora empreendida adota pressupostos teóricos de base funcionalista, o que significa assumir que a estrutura da língua reflete suas características discursivas. Seguindo, por exemplo, Givón (1979, 2001), assumimos que princípios de natureza comunicativa, como o dinamismo comunicativo, o grau de planejamento, o monitoramento face a face e o conhecimento pragmático compartilhado, influenciam a forma linguística. Nessa perspectiva, abordagens funcionais e teorias pragmáticas se encontram, na medida em que enfatizam a relevância de componentes externos, ligados à interação verbal. Esta é entendida, nos termos de Pezatti (2004, p. 172, 173), como:

> [...] uma atividade estruturada, já que é governada por normas e convenções, e cooperativa, uma vez que necessita de pelo menos dois participantes para que seja realizada. Na interação verbal, os participantes servem-se de certos instrumentos que, no sentido geral do termo, são denominados expressões linguísticas.

Dentro dessa perspectiva, os propósitos comunicativos dos falantes vão interferir na escolha das expressões linguísticas, que são, portanto, determinadas contextualmente e situacionalmente.

Opondo-se a abordagens formais da linguagem, os modelos funcionalistas colocam em causa o pressuposto de arbitrariedade dos sistemas linguísticos. Consideram que as estruturas linguísticas não são completamente arbitrárias, ao contrário, são, pelo menos parcialmente, influenciadas pela maneira como os falantes concebem as relações entre os fatos na realidade. De acordo com esse princípio, existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana.

A partir dessa noção da não arbitrariedade, Givón (1990) define iconicidade como o isomorfismo consistente entre o código sintático e seu *designatum* semântico ou pragmático. Trata-se de uma relação não arbitrária entre forma e função, de um paralelismo entre as estruturas linguísticas e as experiências vivenciadas pelo falante.

Para Neves (1997, p.104):

> A consideração de uma motivação icônica para a forma linguística implica admitir (em maior ou menor grau, dependendo do nível de radicalização), por exemplo, que a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete e extensão ou a complexidade de natureza conceptual.

Seguindo o princípio da iconicidade, Givón (1984) elenca diferentes parâmetros que estabelecem relação entre forma e função, entre eles o estatuto informacional dos constituintes e sua ordenação, questões a serem analisadas mais a frente nas orações adverbiais de gerúndio.

Outro pressuposto característico das abordagens funcionalistas envolve a distinção entre sincronia e diacronia, para as quais os dois eixos não são mais compreendidos como duas perspectivas de análise dicotômicas, mas antes como possibilidades de estudar os fenômenos em mudança numa concepção pancrônica. A partir de então, há a compreensão de uma interrelação entre as duas perspectivas de análise, de modo que é impossível separá-las precisamente. É neste contexto que situam-se os estudos de gramaticalização, justamente pela consideração de que a língua sofre processos de mudança que afetam seus componentes ao longo do tempo.

Martelotta e Areas (2003) afirmam que a concepção funcionalista que advoga uma linguística baseada no uso compreende a sintaxe como uma estrutura em constante mutação, obedecendo às diferentes mudanças dos contextos discursivos. Assim, os estudos em sintaxe não podem desenvolver-se numa perspectiva autônoma ao discurso, pelo contrário, precisam ser contextualizados em usos discursivos específicos, pois é a partir deles que a gramática é construída.

A pesquisa sobre as orações adverbiais de gerúndio, objeto desta tese, adota esse modelo funcionalista, uma vez que se compromete com a análise linguística a partir dos usos que falantes e escritores fazem dessas orações em contextos bastante demarcados.

2.2 A dicotomia coordenação/subordinação

Ao fazer referência à conexão de orações e explicar a relação entre elas, as gramáticas se apoiam na dicotomia entre coordenação/subordinação e/ou entre parataxe/hipotaxe. Gramáticos como Mira Mateus *et alii* (1983), Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2002) são autores que propõem as denominações coordenação e subordinação para classificar a articulação de orações. De acordo com Mira Mateus *et alii* (1983), as estruturas de coordenação seriam aquelas em que nenhum dos constituintes (frases ou sintagmas) depende sintaticamente do(s) outro(s). Ainda segundo as autoras, a coordenação pode exprimir-se por conectores ou por pausas e o nexo semântico entre os elementos coordenados pode ser de conjunção, disjunção, contrajunção e condição-consequência. As estruturas de subordinação, por sua vez, são caracterizadas pela dependência entre dois constituintes, incluindo-se aí, no caso das orações, tanto os casos em que há encaixamento de uma frase em outra (uma construção de complementação ou uma construção de relativização) ou aqueles em que não há encaixamento (condicionais, finais, contrastivas e de ordenação temporal). As autoras incluem ainda sob o rótulo de subordinação as construções de gradação que, embora envolvam encaixamento, exigem para sua interpretação o conhecimento de noções lógico-semânticas. Ao contrário das estruturas de coordenação, na subordinação há dependência sintática entre seus constituintes.

Além da subordinação e da coordenação, Castilho (1998) considera a correlação como um terceiro tipo de ligação de sentenças. Para o autor, essa

construção surge quando há conjunções correlacionadas com expressões adverbiais de focalização, expressões de alternância ou comparações entre constituintes de uma mesma sentença[1].

Já Bechara (2002), ao tratar dos processos de articulação de orações, apresenta como sinônimos os termos hipotaxe e subordinação, bem como parataxe e coordenação. Embora o autor focalize essa questão em termos de níveis, ou estratos, sua abordagem não se distancia muito da tradicional, visto que preserva o critério de dependência entre as orações. Para o autor, a hipotaxe, ou subordinação, consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores, o que significa dizer que há subordinação quando uma oração passa a funcionar como membro de outra oração. Ao referir-se à parataxe ou coordenação, o autor afirma ser essa uma relação na qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se num mesmo nível, formando uma nova unidade. Na parataxe, as unidades não sobem a um estrato superior. Assim, as estruturas de coordenação seriam aquelas em que nenhum dos constituintes (frases ou sintagmas) depende sintaticamente do(s) outro(s). Nas estruturas de subordinação, ao contrário, uma oração integra a estrutura argumental da outra, funcionando seja como um complemento seja como um adjunto dessa.

Para Cunha e Cintra (1985), a classificação das orações em um período composto tem um caráter meramente sintático, ao considerar apenas a função sintática dos termos da oração. Para eles, orações coordenadas podem ser justapostas ou ligadas por conjunções coordenativas, e orações subordinadas, aquelas equivalentes aos termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração, podem ser substantivas, adjetivas, adverbiais, conformativas ou proporcionais.

De acordo com os autores, às

> [...] orações autônomas dá-se o nome de COORDENADAS, e o período por elas formado diz-se COMPOSTO POR COORDENAÇÃO. As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se SUBORDINADAS. O período constituído de orações SUBORDINADAS e uma oração PRINCIPAL

[1] Castilho (1998) cita como exemplos da correlação : O aluno não só estuda como também trabalha; Seja o aluno, seja a aluna, ambos dão duro na Universidade ; Hoje eu tenho mais medo de economista do que de general.

> denomina-se COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO[2] (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 578 e 579).

O que podemos observar nas abordagens tradicionais mencionadas até o momento é que o tratamento puramente sintático dado à conexão de orações não permite um tratamento adequado de todos os processos de articulação de orações, uma vez que não consideram a relação semântica e até mesmo pragmática existente entre elas. Ao classificar as estruturas coordenadas e subordinadas de acordo com o grau de dependência ou independência entre as orações, a perspectiva tradicional ignora uma série de outros pontos a serem considerados, como por exemplo a ordem das orações no período, a sua relação com o mundo real, o sentido veiculado pelas orações, e obscurece a questão do encaixamento, incluindo no mesmo processo indistintamente os termos acessórios e integrantes.

A dependência, característica das subordinadas de acordo com a tradição gramatical, nem sempre ocorre quando analisamos dados reais do português escrito e falado, e então não é suficiente para interpretar e diferenciar estruturas coordenadas e subordinadas. Da mesma forma, não é sempre que estruturas coordenadas são independentes, pois muitas vezes há dependência semântica entre as orações de um período coordenado, como já destacava Garcia (2006).

Para Garcia (*op. cit*.), a subordinação ou hipotaxe é um processo de hierarquização, havendo desigualdade de funções e de valores sintáticos entre as orações. Embora considere as orações coordenadas sintaticamente independentes, o autor já destaca casos de "falsa coordenação", em que haveria coordenação gramatical e subordinação psicológica, ou seja, não haveria autonomia de sentido entre as orações. Embora o tratamento de Garcia (2006) incorpore critérios semânticos no estudo tradicional da articulação de orações, o autor continua afirmando que as orações subordinadas são sempre dependentes, tanto sintática quanto semanticamente, ou seja, elas fazem parte e exercem função em outra oração, denominada oração principal.

Um exemplo das dificuldades de aplicação de um conceito bastante largo de subordinação pode ser encontrado nas próprias orações de gerúndio. Nos trabalhos sobre essas orações e até mesmo nas gramáticas, as orações de gerúndio são consideradas estruturas subordinadas, equivalentes a adverbiais ou a relativas, talvez pelo traço de dependência próprio dessas orações. Braga (1996) mostra, no

[2] Grifos do autor.

entanto, que há certas orações de gerúndio que não se enquadram nesta classificação, pois apresentam propriedades mais compatíveis com estruturas coordenadas. (cf. também BECHARA, 2002). De forma semelhante, Dias e Garcia Reis (2004) defendem que mesmo as orações de gerúndio adjetivas podem se apresentar numa estrutura paratática, em que a oração principal e a reduzida de gerúndio estabelecem uma relação de adição, sendo, portanto, coordenadas[3].

Koch (1995), Gryner (1995), Castilho (1998), Decat (1999), Carvalho (2004) e Garcia (2006) defendem que a não consideração de critérios semânticos e até mesmo discursivos na classificação da conexão de orações, como fazem os autores tradicionais, não permite um tratamento adequado desse processo linguístico. De acordo com esses autores, o critério de (in)dependência não é suficiente para explicar a natureza coordenada ou subordinada de uma oração, já que os exemplos por eles mostrados revelam outras possibilidades de articulação clausal. Para Lopes (2004), a grande heterogeneidade de estruturas completivas, relativas e adverbiais sugere que a oposição entre coordenação e subordinação não é a mais adequada para descrever e caracterizar as possibilidades de frases complexas.

Essa inadequação agrava-se pela tendência taxonômica de tipos de conectores ou conjunções (conectores subordinativos e conectores coordenativos), em que está subjacente um pressuposto de isomorfismo entre tipo de elo de ligação e processo de articulação de oração (MACEDO, 1991, CUNHA e CINTRA, 1985, NEVES, 1999, BECHARA, 2002, GARCIA, 2006, MIRA MATEUS *et alii*, 1983).

A associação entre tipo de conector, processo de articulação de orações e relação semântica obscurece o fato de que elementos de conexão de oração possam transmitir outros sentidos e até mesmo codificar relações diferenciadas. Um exemplo da multifuncionalidade de conectores é mostrado, por exemplo, por Neves (2000), com relação ao conector temporal *quando*, que pode operar ligação entre orações que exprimem diversas relações do tipo lógico-semântico (causal,

---

[3] Exemplo de Dias e Garcia Reis (2004) em que a oração de gerúndio com valor aditivo pode ser considerada como coordenada: Na Ásia, quem dá o primeiro passo é Abu Sayyaf, chefe dos moros, os muçulmanos da ilha de Mindanao, nas Filipinas, ao ordenar o ataque total contra Luzón, ilha povoada por filipinos católicos. Logo ele é seguido por Syed Salahuddin, líder da guerrilha Al Faran, no vale do Caxemira, que faz seus homens descerem para se unirem às tropas da Hindutava, os fundamentalistas daquela região. Na Europa, *a mesma ofensiva transborda das fronteiras da Albânia, da Bósnia e da Turquia,* apavorando sérvios, croatas e búlgaros.

condicional, concessiva), apontando para o fato de que a relação estabelecida não é marcada somente por ele, mas por todo o conjunto enunciativo[4].

Além dos conectores não delimitarem claramente o tipo de relação semântica estabelecida entre as orações, a sua presença não é indispensável para a instauração de uma relação lógico-semântica entre as orações, como ocorre no processo de justaposição ou de orações com formas nominais. Esse último caso é facilmente ilustrado pelas orações de gerúndio, como mostra Garcia Reis (2004).

A equivalência entre os termos herdados da tradição retórica, de coordenação/subordinação por um lado, e parataxe/hipotaxe por outro, também é discutível. De acordo com Hopper e Traugott (1993), o par parataxe/hipotaxe remonta à tradição do século XIX, para a qual a parataxe estaria relacionada à justaposição e a hipotaxe à subordinação. Já o par coordenação/subordinação seria definido formalmente como estrutura de constituintes (cf., por exemplo, BECHARA, 2002). A simples identificação desses conceitos pode não ser a solução para dar conta da diversidade de formas de articulação que ocorre no discurso tanto falado quanto escrito, já que, como mostrou Lopes (2004), uma oposição não pode ser reduzida à outra. Pela proposta de López García, 1999, *apud* Lopes, 2004, a distinção entre coordenação e subordinação constitui num fenômeno sintático; a distinção entre parataxe e hipotaxe, por sua vez, está ancorada nas diferentes formas como os processos discursivos se projetam na sintaxe. Esses processos não deixam de aproximar a parataxe da coordenação e a hipotaxe da subordinação, mas não são suficientes para agrupá-las e tratá-las como sinônimas. Ao tratarmos de um lado a coordenação e a subordinação e de outro a parataxe e a hipotaxe, considerando os dois pares como processos distintos, pode-se caracterizar melhor cada um desses processos.

Segundo Lopes (2004), enquanto a parataxe e a hipotaxe são processos de origem e natureza comunicativas e discursivas, resultantes de uma estratégia de conexão proposicional, a coordenação e a subordinação seriam processos de natureza estritamente sintática, que obedecem a relações instauradas no domínio da

---

[4] Os exemplos abaixo ilustram esse fato:
Relação temporal com sentido causal:
(01) Mudou de conversa *quando* alguém perguntou pelas dicas.
Relação temporal com sentido condicional:
(02) Vamos mudar de assunto que o Fontoura se irrita *quando* a gente fala nele.
Relação temporal com sentido concessivo:
(03) Essa mulher procura um trabalho *quando* centenas de outros abandonam seus trabalhos.

frase, nas quais se incluem as orações completivas e as relativas. A parataxe e a hipotaxe constituiriam, de acordo com Lopes (2004), processos de organização discursiva que decorrem, em grande parte, da forma como os usuários da língua constroem os enunciados, sendo, portanto, um mecanismo de estabelecer relações proposicionais no texto.

De um ponto de vista informacional, tudo indica que a parataxe e a hipotaxe atuam em diferentes formas de encadeamento de informação e contribuem de maneiras diferentes para a progressão textual. Assim, na parataxe é acrescentada uma informação que não depende da informação colocada na outra, constituindo, portanto, uma ligação mais frouxa. Na hipotaxe, a informação conectada depende da que foi expressa na outra oração, criando-se, assim, um elo de conexão mais forte entre as duas orações.

As estruturas de parataxe e de hipotaxe são processos de expressão de relações proposicionais completas e devem ser analisadas em correlação com os aspectos semânticos e discursivos que nelas estão envolvidos. Considerando válida a separação entre os conceitos de coordenação e subordinação por um lado e parataxe e hipotaxe por outro, como forma de auxiliar na análise, a autora afirma que:

> O facto de estes fenômenos linguísticos se entrecruzarem e partilharem algumas propriedades tem levado a que sejam analisados como um todo único em que se confunde o que é da sintaxe básica da língua com o que é projecção na sintaxe de processos discursivos, conduzindo a impasses insolúveis na sua análise (LOPES, 2004, p. 88).

Com base na distinção entre esses dois pares opositivos, a autora sugere que é necessário separar as estruturas completivas e de subordinação relativa das estruturas de subordinação adverbial que, embora hipotáticas no sentido discursivo, não constituem estruturas de subordinação. Nesse sentido, a proposta de Lopes (*op. cit*.) aproxima-se da abordagem funcional que discutimos na seção seguinte, pois reforça a necessidade da consideração de aspectos discursivos na análise de períodos complexos.

2.3 Perspectiva funcionalista sobre a conexão de orações

Diferentes abordagens funcionalistas sobre os processos de articulação de orações enfatizam principalmente a insuficiência dos conceitos de coordenação e subordinação entendidos em termos da dicotomia independência/dependência. Segundo Neves (2006), é tarefa dos estudos funcionalistas criticar a utilização de critérios meramente sintáticos, os quais apontam que uma oração é subparte de outra estrutura oracional. Este trabalho assume a mesma postura da autora citada, por acreditar que a análise de orações complexas, e mais especificamente das orações de gerúndio, requer considerar a interação entre fatores sintáticos, semânticos e discursivo-funcionais.

Na perspectiva funcionalista, a articulação de orações é vista sob o prisma dos seus diversos componentes (sintáticos, semânticos e pragmáticos), com o objetivo de dar conta da heterogeneidade de tipos de enunciados que se podem encontrar no discurso. Assim, ainda segundo Neves (2006), qualquer estudo da articulação de orações tem de considerar necessariamente não apenas aspectos sintáticos, mas também aspectos ligados à forma de organização e desenvolvimento do discurso. Isso significa assumir uma perspectiva teórico-metodológica a partir da qual as estruturas linguísticas em análise não podem ser entendidas sem referência aos aspectos discursivos e às funções comunicativas que elas desempenham, posição que adotamos na realização desta pesquisa.

Na verdade, tanto a coordenação quanto a subordinação envolvem, além de fatores sintáticos e semânticos, aspectos cruciais ligados à forma de percepção dos fatos e à relação entre eles. Dentro dessa perspectiva, anula-se qualquer pressuposto de isomorfismo forma-função, pois, como enfatiza Croft (2001)[5], na maioria dos casos, as mesmas relações lógico-semânticas, como causa, condição, tempo, concessão e outras, podem ser expressas tanto por estruturas coordenadas como por estruturas subordinadas.[6]

Nessa perspectiva (TALMY, 1972, 1974 *apud* CROFT, 2001), a assimetria das orações adverbiais poderia vir de uma distinção *gestáltica* entre *figure* e *ground*, ou seja, entre figura e fundo. A posição de sujeito, numa predicação locativa, é

---

[5] A perspectiva teórica adotada pelo autor é cognitivista.

[6] Conferir também Cristofaro (2003).

ocupada pela figura, enquanto que a posição de objeto é ocupada pelo que chamamos de fundo.

Numa perspectiva em que procura dar conta dos aspectos sintáticos e semânticos envolvidos nos processos de conexão de orações, Halliday (1994) parte do princípio de que é necessário distinguir entre cláusulas complexas e sentenças. As cláusulas complexas constituem uma unidade gramatical superior ao nível da cláusula e as sentenças seriam unidades ortográficas entre pontos. O autor propõe dois sistemas para a análise da articulação de orações: o primeiro é o sistema de interdependência, ou taxe (parataxe e hipotaxe), que se aplica tanto à relação entre sintagmas como à relação entre orações; o segundo é o sistema lógico-semântico, que envolve as diferentes relações lógico-semânticas emergentes da conexão entre as cláusulas.

Tanto na hipotaxe quanto na parataxe há uma relação de interdependência entre as orações, no sentido de que em ambas haverá relação entre uma oração primária e uma oração secundária. Na parataxe, relacionam-se dois elementos de mesmo *status*, dispostos em obediência a um princípio de sequencialidade. A oração primária é a oração iniciante na relação e a secundária é a que lhe dá continuidade. Na hipotaxe, há uma relação de dependência, interrelacionando-se um elemento dominante, a oração primária, e um elemento dependente, a oração secundária.

Para o autor, a relação paratática é logicamente simétrica e transitiva e a relação hipotática seria logicamente não simétrica e não transitiva. No entanto, Halliday (1994) contra-argumenta ao dizer que essas relações podem ser modificadas quando se tratar de diferentes relações lógico-semânticas e não apenas de relações lógicas. Assim sendo, podemos dizer que semanticamente a relação paratática pode ser não-simétrica, pois não pode ser reordenada e a relação hipotática pode ser simétrica, pois admite a inversão da ordem.

A proposta de Halliday avança na compreensão dos processos de articulação de orações ao enfatizar a necessidade de distinguir entre encaixe e relações táticas (HALLIDAY, 1994). Em sua perspectiva, a parataxe e a hipotaxe são relações entre orações, enquanto que no encaixe um constituinte exerce uma determinada função dentro de um grupo. O encaixamento se dá através de um quantificador que faz referência a tempo, lugar, modo, causa ou condição.

Tanto a parataxe quanto a hipotaxe podem codificar diferentes relações semânticas que perpassam as línguas naturais como um todo e dão origem ao sistema lógico-semântico, subdividido em duas possibilidades de relação entre os membros primário e secundário de uma oração complexa: expansão e projeção. O quadro a seguir, extraído de Halliday (*op. cit*., p. 220) ilustra os dois sistemas[7]:

		Parataxe	Hipotaxe
(1) Expansão	(a) elaboração	João não esperou; ele fugiu.	João fugiu, o que surpreendeu a todos.
	(b) extensão	João fugiu e Fred ficou para trás.	João fugiu, enquanto Fred ficou para trás.
	(c) realce	João estava com medo, então ele fugiu.	João fugiu, porque ele estava com medo.
(2) Projeção	(d) citação	João disse: eu vou fugir.	João disse que ele ia fugir.
	(e) ideia	João pensou consigo mesmo: eu vou fugir.	João pensou que ele poderia fugir.

Essa proposta tem a vantagem, como destaca Neves (1999a), de ser mais coerente, permitindo um tratamento mais coerente dos casos em que se falaria de *falsa subordinação*. Nos termos da autora:

> Se, por exemplo, uma coordenação é, no eixo tático, uma *parataxe* (uma continuação) tanto quanto a posição, entretanto no eixo lógico-semântico é possível distinguir entre o caráter de *extensão,* que tem a coordenação, e o caráter de *elaboração*, que tem a aposição. Essas duas relações, por outro lado, se distinguem de uma articulação causal, ou de uma condicional, por exemplo, em ambos os eixos: trata-se, agora, no eixo tático, de uma *hipotaxe* (uma dominação), e, no eixo semântico-funcional, de um caso de *realce*, ou encarecimento (nem *extensão* nem *elaboração*) (NEVES, 1999a).

[7] Os exemplos do autor foram traduzidos para o português.

Realmente, a proposta de Halliday (1994) nos auxilia a compreender melhor o processo de combinação de orações e, sobretudo, as orações adverbiais de gerúndio. A possibilidade de análise dessas orações a partir de suas relações lógico-semânticas, ou seja, a partir das possibilidades de sentido emergidas da oração de gerúndio e da núcleo, além de fatores como a ordem entre elas e a simultaneidade dos estados de coisas descritos, parecem favorecer o estudo de tais construções no português.

A necessidade de superar dicotomias como dependência/independência e coordenação/subordinação por meio da distinção entre níveis distintos de articulação de orações, hipotaxe, parataxe e encaixamento, está na base do tratamento dado à articulação de orações por Longacre (1985). Matthiessen e Thompson (1988)[8] retomam a proposta de Longacre e procuram distinguir, numa perspectiva discursiva, entre as denominadas orações relativas e substantivas, por um lado, e as orações denominadas subordinadas adverbiais, por outro. As orações encaixadas modificam um nome num sintagma nominal (são as relativas restritivas) ou integram a estrutura argumental de um verbo (completivas). As orações que envolvem algum tipo de relação circunstancial (chamadas tradicionalmente de orações adverbiais), como condição, tempo, modo, razão etc., realizam-se na forma de *combinação de orações*. As orações adverbiais podem equivaler semanticamente ao SPrep que, em princípio, pode substituí-las. Elas são similares, em seu núcleo, a uma nominalização que, de fato, é uma metáfora, cuja representação equivale a um evento como entidade[9]. A combinação de orações pode ainda incluir aqueles casos em que a noção de circunstância é representada por um conjunto de orações relacionado a uma outra.

A combinação de orações pode se dar de duas formas: na forma de *Listagem,* em que nenhum membro do par é auxiliar daquele com que se relaciona; e na forma de relação *Núcleo-satélite,* em que os dois membros possuem um *status* desigual. Em certos aspectos, essas formas são paralelas, respectivamente, à distinção gramatical entre hipotaxe e parataxe, porque outros autores, como

---

[8] O trabalho de Mathiessen e Thompson (1988) toma como base o trabalho de Halliday (1985) e também o de Longacre (1985).

[9] Na verdade, não é sempre que uma oração adverbial pode equivaler a uma sintagma preposicionado. No caso das orações adverbiais de gerúndio, essa equivalência nem sempre ocorre.

Bechara (2002) por exemplo, assumem que na parataxe há independência entre as orações e que na hipotaxe as orações têm estatutos diferentes.

Um ponto central da proposta de Matthiessen e Thompson (1988) é o de que essas relações não se restringem e nem podem ser definidas em termos estritamente sentenciais. Adotando uma perspectiva discursiva, os autores defendem que as orações hipotáticas representam a gramaticalização da propriedade de estruturação hierárquica do discurso. Em um texto, algumas porções de informação são centrais para o escritor, enquanto outras porções de informação são auxiliares ou periféricas. O mesmo ocorre nos períodos complexos por hipotaxe, numa relação desigual entre *Núcleo-Satélite*, em que aquelas orações que indicam valor circunstancial refletem a informação periférica ou satélite. Os autores ressaltam que nuclearidade e hipotaxe são distintas e exemplificam com algumas relações *Núcleo-Satélite* que envolvem uma relação hipotática entre o conjunto de duas unidades e uma unidade mais central, sem que as duas unidades periféricas mantenham uma relação desigual entre si. Dessa forma, pode-se dizer que a relação *Núcleo-Satélite* corresponde a propriedades atribuídas às unidades retóricas e refletem o objetivo principal e os objetivos secundários do escritor.

Hopper e Traugott (1993) formalizam a distinção entre coordenação, subordinação e hipotaxe em termos de um *continuum* no qual podem se distribuir diferentes graus de integração entre as orações. Os três processos especificam-se de acordo com diferentes combinações entre os traços dependência e encaixamento, conforme o quadro abaixo, reproduzido dos autores.

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento
- dependência		+ dependência		+ dependência

Hopper e Traugott (1993)

Na parataxe são incluídas as sequências justapostas e as coordenadas, em que as orações podem ocorrer por si mesmas, com o *status* de oração núcleo. As sequências em que uma oração margem é incluída em uma oração núcleo são subordinadas, orações tidas como mais dependentes e mais integradas na proposta dos autores. Entre esses dois extremos, situa-se a hipotaxe, ou combinação de orações, em que as orações são mais dependentes uma da outra.

Para Hopper e Traugott (1993), os critérios de dependência/independência estão relacionados a vários fatores, como nível de integração e presença/ausência de elos explícitos de ligação. A junção de orações complexas se dá de formas diferentes e a explicitação do elo de ligação entre elas varia de acordo com o quadro a seguir:

parataxe	hipotaxe	subordinação
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo		margem
integração mínima		integração máxima
elos maximamente explicitados		elos minimamente explicitados

Hopper e Traugott (1993)

Segundo os autores, na hipotaxe haveria interdependência entre as orações, diferentemente da subordinação, em que uma das orações constitui um argumento oracional de outra oração. Na parataxe, há independência entre as orações, em que o elo de ligação está explícito e há menor integração entre elas.[10]

Embora proponham um *continuum* com diferentes propriedades dos períodos complexos, esta proposta ainda conserva os três processos: parataxe, hipotaxe e subordinação, o que só permite separar as subordinadas substantivas, relativas e adverbiais. Além disso, os princípios utilizados para distinguir os três processos continuam os de dependência e integração, ao passo que esses vêm mostrando-se insuficientes para dar conta de classificar as orações combinadas. No estudo das orações adverbiais de gerúndio, vimos percebendo que elas não se encaixam em nenhum dos três níveis propostos pelos autores. Isso se deve às diversas relações de sentido por elas apresentadas, que definem diferentes graus de integração, sendo ora mais dependentes ora menos dependentes.

Uma questão relevante na proposta de Hopper e Traugott está no próprio conceito de integração: trata-se de integração sintática ou semântica? Qual a relação entre os níveis? No que se refere a esse aspecto, Neves e Braga (1998) admitem uma interrelação entre os dois níveis como se constata nos termos a seguir:

[10] Dados os próprios objetivos dos autores, na busca de explicar sobretudo o processo de gramaticalização entre as orações, eles estabelecem uma relação de implicação entre grau de integração e gramaticalização de uma oração: quanto mais integradas estiverem as orações de um enunciado, mais avançado encontra-se o processo de gramaticalização (HOPPER E TRAUGOTT, 1993).

> A integração sintática, por seu turno, constituiria um reflexo da integração semântica ou pragmática dos estados de coisas codificados pelas orações em questão, (construções de tempo e de condição) e se deixaria medir pela dependência e pelo encaixamento das orações (NEVES e BRAGA, 1998, p.197).

Nessa perspectiva, existe uma relação icônica entre integração sintática e integração semântica, de acordo com a equação formulada por Haiman (1985): maior independência dos eventos na gramática reflete na independência conceitual entre as orações; menor distância linguística entre as orações reflete menor distância conceitual.

Essa perspectiva parece se aplicar às orações de gerúndio, objeto deste estudo. Como discutiremos no capítulo seguinte, essas orações são ambíguas do ponto de vista sintático, apresentando propriedades compatíveis tanto com a parataxe como com a hipotaxe. Além disso, elas podem sinalizar diversas relações semânticas. Aceitando, portanto, a) uma relação entre grau de dependência e grau de integração e b) que o grau de integração sintática reflete uma integração semântica, poderíamos prever que, a natureza sintática da oração de gerúndio se define, em grande parte, em termos do conteúdo que elas expressam. Essa hipótese será examinada no capítulo seis, quando consideramos em detalhes aspectos de natureza semântica e pragmática, a fim de identificar o tipo de relação semântica que a oração adverbial de gerúndio estabelece com a oração núcleo.

A integração de orações, mesmo num nível estritamente sintático, mais do que um primitivo, é um resultado da combinação de diferentes propriedades, como propõe Lehmann (1988), que busca estabelecer uma tipologia dos processos de articulação de orações nas línguas humanas. Segundo o autor, existem relações de *dependência* e relações de *associação* entre as orações. A relação de *dependência* ocorre quando Y depende de X se X determinar a categoria gramatical do complexo e assim suas relações externas. A relação de *associação* é uma relação de não-dependência. Essas duas relações serão formadas através da articulação de orações, lembrando que o conceito de oração assumido é bastante amplo e abrange qualquer sintagma que encerre uma predicação.

Ao tratar dos conceitos básicos para a combinação de orações, o autor deixa claro o que entende em cada um deles. A subordinação terá um núcleo Y e um termo subordinado X se X e Y formarem uma construção endocêntrica Z. Já a

coordenação é uma relação de associação em que os dois sintagmas combinados são do mesmo tipo e formam outro sintagma que também é do mesmo tipo. Note-se, no entanto, que as hipotáticas e as encaixadas são consideradas subordinadas, embora em níveis distintos: a hipotaxe seria uma subordinação de uma oração num sentido restrito, enquanto que a encaixada é dependente de um sintagma subordinado. As orações paratáticas vão constituir relações de coordenação e poderão ser sindéticas e assindéticas.[11]

O autor propõe então seis parâmetros utilizados para detectar o grau de integração das orações. São eles: (1) a "degradação" hierárquica da cláusula subordinada; (2) o nível sintático do constituinte ao qual a oração se liga; (3) a dessentencialização da oração; (4) a gramaticalização do verbo principal; (5) o entrelaçamento das orações; e (6) o grau da explicitude do elo.[12] Esses parâmetros se agrupam em *continua* que consideram pares de acordo com o aspecto de vinculação que eles indicam: autonomia ou integração da cláusula, expansão ou redução de cada uma das orações do período complexo, isolamento ou articulação das orações.

O parâmetro *degradação hierárquica da cláusula subordinada* obedece a um *continuum* que vai da parataxe à encaixada, ou seja, de uma oração mais independente a uma oração mais condensada. Entre esses dois polos, teríamos diversas possibilidades, segundo o esquema abaixo, reproduzido do autor:

parataxis					**embedding**
independent clauses	adjoined clauses	correlative diptych	medial clause	conj. part.	governed clauses

Gradação Hierárquica de orações (LEHMANN, 1988, p.189)[13]

[11] Segundo Lehmann (1988), um sintagma subordinado que está numa relação de *dependência* ou *associação* com sua oração principal pode estar subordinado à oração toda ou somente a algum elemento da oração principal.

[12] Nomenclatura proposta por Braga (1996).

[13] Na *Adjoined clause,* uma das duas orações constitui uma oração complexa contendo uma conjunção subordinativa, mas que não pode ser encaixada ou ter uma função sintática dentro da oração principal. *Correlative diptych* é definida como uma oração entre a parataxe e a hipotaxe, localizando-se no meio do *continuum. Medial clauses* são orações encadeadas, ou seja, as orações de uma sentença complexa se apresentam em cadeias que podem se estender indeterminadamente, com o verbo principal na última posição, e com as orações subordinadas precedentes àquela. O que o autor chamou de *conjunct participle* foi um exemplo do latim, o que segundo ele seria parte da oração principal e estaria encaixado a essa oração. As orações encaixadas seriam as orações objetivas subcategorizadas por um verbo da oração principal.

Um aspecto importante do parâmetro *gradação hierárquica da cláusula subordinada* é a posição relativa das orações. Um sintagma subordinado, de acordo com Lehmann (1988), pode estar dentro da oração núcleo, vir antes ou até depois dela. Nesse sentido, o autor se alinha a outros que defendem a variabilidade de posição como uma importante propriedade das orações subordinadas.

O parâmetro e*ntrelaçamento das duas orações* é utilizado para detectar o grau de integração entre duas proposições e envolve dois aspectos distintos: o *semântico* e o *sintático.* No aspecto *semântico*, as duas proposições podem compartilhar alguns elementos em relação ao significado; no aspecto *sintático*, esse compartilhamento é expresso através da não-especificação desses elementos em uma das proposições. O entrelaçamento envolve ainda o compartilhamento de propriedades temporais e aspectuais, caso em que o tempo e o aspecto da oração subordinada podem ser parcial ou totalmente determinados pela oração principal.

O parâmetro *explicitude da conexão,* que também é explicado a partir de um *continuum*, ultrapassa a verificação da presença ou ausência de um elo conector e considera as diferentes formas de dessentencialização de uma oração em relação àquela com que se liga. Distingue-se, portanto, da oposição parataxe ou hipotaxe. Em uma das extremidades do *continuum* está localizada a síndese, ou presença de elemento de ligação, e, na outra, a assíndese, ausência de ligação, como no esquema a seguir:

sindesis _____ **asyndesis**

anaphoric subordinate clause

gerundial verb

prepositional phrase

connective adverb

specific conjunction

universal subordinator

nonfinite verb form

Explicitude da conexão, Lehmann (1988, p.213).

Neste *continuum*, que distribui as orações de acordo com o parâmetro sobre a explicitação da conexão, encontramos o *gerundial verb*, numa segunda posição à esquerda, e a *nonfinite verb form*, na última posição à direita. As duas

formas poderiam representar as orações adverbiais de gerúndio no português? Cremos que não, pois essas orações, apesar de possibilitarem diferentes relações de sentido, não possuem elemento de ligação entre elas e a oração núcleo que introduza ou sinalize um sentido específico. A relação semântica emerge justamente da conexão entre as duas orações, da posição em que cada uma assume no discurso, da ordem dos eventos por elas codificados, dentre outros fatores. Assim, pode-se dizer que as orações adverbiais de gerúndio ocupam a última posição à direita do *continuum*, onde se localiza a *nonfinite verb form*, caracterizando-se a assíndese, ou ausência de ligação.

No que se refere à *dessentencialização*, Lehmann (1988) distingue entre conjunções (subordinativas ou coordenativas) e subordinadores. As conjunções exercem a função de um adverbial na oração ligada, ocupando seu lugar sem alterar muito o *status* da cláusula subordinada, já os "subordinadores puros" (*pure subordinators*) não têm *status* de dependência com a oração subordinada, são somente operadores aplicados a elas.

Com relação ao parâmetro *nível sintático ao qual a oração se liga,* Lehmann (1988) distinguiu três níveis sintáticos: o nível da sentença (acima da oração), o nível da cláusula e o nível do verbo. O autor assume que quanto mais baixo for o nível sintático ao qual a oração se liga, maior é a integração da oração subordinada com a principal, o que também é considerado por Braga (1996).

Para tratar do parâmetro *gramaticalização do verbo principal,* Lehmann (1988, p. 201) define gramaticalização como "um processo diacrônico e um *continuum* sincrônico no qual um item lexical passa a itens gramaticais."[14] Quando ocorre a gramaticalização do verbo principal, ele torna-se um afixo que modifica o sentido do verbo semanticamente subordinado, este, por sua vez, torna-se um constituinte da oração principal.

Foram apresentadas nesta seção do trabalho várias propostas e estudos funcionalistas para a articulação das orações línguas humanas. Faz-se necessário salientar que nem todas elas serão utilizadas para efeito de análise das orações adverbiais de gerúndio, tema central da pesquisa. No entanto, a proposta de Halliday (1994) parece-nos bastante relacionada às possibilidades de análise das orações em estudo, uma vez que nos permite verificar tanto a relação de

[14] Tradução minha.

(in)dependência entre as orações, através do eixo tático, quanto a relação semântica codificada por elas, através do eixo lógico-semântico.

3 AS ORAÇÕES DE GERÚNDIO

Como já delimitado na introdução, o objeto de estudo desta tese são as orações de gerúndio com valor adverbial produzidas por falantes e escritores do português brasileiro contemporâneo. Antes, porém, de focalizar aspectos relativos a essas orações, fazemos, com base em diferentes autores, uma descrição mais geral dos empregos possíveis tanto da forma de gerúndio quanto das orações de mesmo nome e discutimos os problemas de análise que eles colocam em diferentes níveis.

Na primeira seção deste capítulo, focalizamos a multifuncionalidade da forma de gerúndio, mostrando que ela remonta ao português arcaico e até mesmo ao latim. Em seguida, discutimos os problemas ligados à natureza sintática das orações de gerúndio, com respaldo em gramáticas da língua portuguesa e em trabalhos de orientação funcionalista. A seguir, retomamos propostas de análise e a classificação semântica dessas orações. Por fim, concentramo-nos nos aspectos discursivos e pragmáticos envolvidos no uso dessas orações.

3.1 A multifuncionalidade da forma de gerúndio

Desde o latim, o ablativo do gerúndio, forma da qual se originou grande parte dos usos do gerúndio em português moderno, já apresentava uma estrutura morfológica complexa. Havia no latim uma multiplicidade de formas nominais que se complementavam conforme o caso: podiam funcionar ora como adjetivo, ora como nome ou ainda em construções com valor adverbial. O gerúndio, como forma nominal substantiva, admitia flexão no genitivo, dativo, acusativo e ablativo.

Inicialmente, a forma de gerúndio dividia funções com a forma de particípio presente: o particípio presente era a forma utilizada para modificar um nome – estrutura que deu origem ao uso relativo – e o gerúndio, a forma utilizada para modificar o objeto de um verbo – forma que originou o uso adverbial. A especialização funcional das duas formas se obscurece na medida em que tanto o particípio presente quanto o gerúndio podiam exprimir concomitância temporal. Para Simões (2007), analisar um uso de gerúndio no latim é verificar com que outra forma o mesmo conteúdo poderia ser expresso. Já no Período Imperial do Latim, o

particípio presente e as formas de gerúndio passam a competir, como mostra Souza Campos (1980):

> No período clássico, havia uma distinção nítida entre o gerúndio e o particípio presente, porém, a partir do período imperial era comum encontrarem-se exemplos em que se usava um pelo outro, exatamente com o mesmo valor sintático (SOUZA CAMPOS, 1980, p.3).

Na passagem do latim para o português e no português arcaico, predominou a forma oriunda do ablativo do gerúndio, indicativa do meio ou instrumento através do qual se realizava a ação, superpondo-se a determinados usos do particípio presente. Esse último ficou reduzido a poucas formas lexicais. Em contrapartida, o ablativo do gerúndio ganhou espaço, assumindo funções adjetivas e adverbiais, podendo exprimir relações circunstanciais diferenciadas, como as de modo, tempo, causa, condição e outros (SIMÕES, 2004, 2007, SOUZA CAMPOS, 1980, SAID ALI, 1971). Nos termos de Ferrari (1999), sentidos expressos anteriormente pelo particípio presente latino se irradiam para a forma do ablativo do gerúndio, dando origem às construções gerundiais em português.

De acordo com Said Ali (1971, p. 146), o gerúndio no português "tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do particípio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo." O autor mostra empregos do gerúndio equivalentes a orações adjetivas, outros equivalentes a orações coordenadas iniciadas pela conjunção *e*, empregos que exprimem modo e concessão, podendo expressar acontecimentos simultâneos ou posteriores.

O uso adjetivo do gerúndio é frequentemente apontado como um galicismo[1]. Segundo Simões (2007), autores como Julio Moreira, Epiphanio Dias e Leite de Vasconcellos consideravam esta forma um empréstimo do francês por jornalistas e escritores do século XIX. Said Ali (1971) contesta essa interpretação ao dizer que o gerúndio assumiu, desde o latim, funções e nuances aspectuais expressas pelo particípio presente, tanto as de atributos temporários quanto as que se referem a qualidades essenciais às entidades (seres e objetos).

---

[1] Quando um termo é tomado emprestado da língua francesa.
A numeração das notas de rodapé será reiniciada a cada capítulo.

A expansão dos usos do gerúndio no português alinha-se aos movimentos de mudança que atingiu essa forma em outras línguas românicas, como o francês e o espanhol. No francês, a desinência *–ant* se tornou polivalente, em razão da convergência entre as desinências do particípio presente e do gerúndio. A recuperação da diferença morfológica entre as duas formas pela anteposição de *em* – (*en)* - às formas não flexionadas de gerúndio resultou da determinação da Academia Francesa, em 1679 (cf. SOUZA CAMPOS, 1980). O particípio presente manteve-se como a forma flexionada, como mostra Hoyer (2003), e a escolha pelo emprego de cada uma das formas é funcionalmente motivada, uma vez que o particípio presente (*-ant*) assume funções adjetivais e o gerúndio ou *gérondif* (*en - ant*) funções adverbiais, ou seja, o gerúndio é a expansão de um núcleo verbal.

Também no espanhol há questões relativas ao estatuto sintático do gerúndio.[2] De acordo com Simões (2007), há autores que o consideram como derivado verbal, com valor unicamente adverbial; outros vão considerá-lo como uma continuação do particípio presente latino, quando assume funções adverbiais e adjetivas. No que se refere ao estatuto sintático do gerúndio no espanhol, Reese (1991) afirma que:

> O gerúndio como *derivado verbal* desempenha o papel de um advérbio e representa a ação do verbo de maneira abstrata, porque modifica o verbo da mesma maneira que o fazem os advérbios e os complementos, significando um modo, uma condição, uma causa e outras circunstâncias que não podem ser atribuídas exclusivamente ao morfema *–ndo* e sim à combinação da raiz do verbo + o sufixo *–ndo* (REESE, 1991 *apud* SIMÕES, 2007, p.57).

Em síntese, podemos concluir que a multifuncionalidade e a ambiguidade sintático-semântica das orações de gerúndio remontam aos estágios iniciais do português e resultam de uma incorporação gradativa das funções do particípio presente pelo gerúndio. Essa evolução da forma de gerúndio no português terá consequências no seu estatuto sintático e semântico no português moderno, como será discutido nas seções seguintes deste capítulo.

---

[2] O uso adverbial do gerúndio, um emprego posterior no espanhol, é bastante polêmico. Como afirma Simões (2007), retomando estudos sobre o gerúndio no espanhol, ainda no século XIX, a própria Academia criticava o uso do gerúndio na indicação de ação posterior àquela codificada pelo verbo com o qual se liga. No entanto, admitia a possibilidade de uso dessa forma quando o gerúndio apresentasse um valor temporal de posterioridade imediata.

3.2 A natureza sintática das orações de gerúndio

Estabelecendo uma oposição entre orações finitas e orações não finitas, as gramáticas do português contemporâneo e alguns linguistas tratam as orações de gerúndio como subordinadas reduzidas, juntamente com as que são introduzidas pelas formas de infinitivo e de particípio (MIRA MATEUS *et alii* 1983, CUNHA e CINTRA, 1985, BECHARA, 2002, LOBO, 2003, SIMÕES, 2004, GARCIA REIS, 2004).

Como forma nominal, o gerúndio é uma forma defectiva que não pode fornecer por si mesma indicações modo-temporais e número-pessoais, sendo a sua função de localização temporal subsidiária da oração finita de que depende (MIRA MATEUS *et alii*, 1983, p. 115). Embora não seja obrigatório, nas orações de gerúndio canônicas, ou seja, naquelas mais prototípicas na língua, o gerúndio possui sujeito correferencial ao da sua núcleo, independentemente da pontuação ou de sua posição na frase. Nesse sentido, as orações de gerúndio constituem orações fortemente integradas à sua núcleo. É provavelmente esse aspecto que conduz a maioria dos gramáticos tradicionais a tratarem essas orações, mais frequentemente, como instâncias de um processo de subordinação. As orações reduzidas de gerúndio são dependentes de uma oração finita, são orações subordinadas, mas não se iniciam por pronome relativo ou por conjunção subordinativa (MIRA MATEUS *et alii*, 1983, CUNHA e CINTRA, 1985, FARACO e MOURA, 1990, BECHARA, 2002).

Bechara (2002) aponta, no entanto, para a não coincidência do tratamento dado às orações reduzidas pela gramática portuguesa e destaca que algumas tendem a considerá-las não como uma oração, mas sim como uma subunidade da oração, ou seja, um termo dela, normalmente um adjunto adnominal ou adverbial. Outras abordagens consideram a oração de gerúndio como uma minioração ou *small clause* (SIMÕES, 2007).

Em termos estruturais, a minioração, quanto à sua estrutura interna, “não é a projeção de uma categoria funcional, mas a projeção lexical do predicado, sendo que o sujeito ocupa o lugar de especificador dessa projeção ou é adjungido a ele.” (MORAES DE CASTILHO, 2005, p.57). Dessa forma, o predicado de uma minioração seria um verbo não-finito (no infinitivo, gerúndio ou particípio) e até mesmo um adjetivo, preposição ou nome, distinguindo-se, assim, de uma sentença

plena, em que o predicado é um verbo flexionado (SIMÕES, 2007). A minioração pode exercer também a função de predicado secundário, posição já assumida por Lobo (2003). Contradizendo essa posição, Bechara (2002) conclui que essas orações devem ser consideradas como construções à parte, mas que se estruturam de forma semelhante às orações com verbo na forma finita, as chamadas desenvolvidas.

Apesar da diferença de interpretação quanto à natureza sintática da oração de gerúndio, é consenso que, no português contemporâneo, as formas de gerúndio gozam de uma ambiguidade que lhes permite funcionar como nome ou como advérbio, assim como ocorre em outras línguas[3]. Na sua função adjetiva, o gerúndio se liga a um nome da oração matriz ou à oração núcleo, expandindo-os. Nesse caso, pode ser interpretado como equivalente a uma oração adjetiva, principalmente depois dos verbos de *percepção* (SOUZA CAMPOS, 1980). O nome a que se liga a oração adjetiva de gerúndio pode desempenhar funções sintáticas diferenciadas como sujeito, objeto direto ou outra. Semanticamente, orações de gerúndio adjetivais podem indicar qualidades transitórias ou atributos permanentes, como nos mostram respectivamente os exemplos abaixo, extraídos de Souza Campos (*op. cit*, p. 69):

(01) "Aquêle rosto lívido e molhado, aqueles olhos <u>revirando</u>, e a boca caída, não me fizeram dormir à noite." (Ação transitória)

(02) "Na primeira sessão da Câmara foi proposta a cunhagem d'uma medalha comemorativa, <u>tendo</u> no verso um cambito de perneira esmagando víboras e no anverso um lindo dístico em latim." (Qualidade permanente)

Lobo (2003) mostra que no uso adjetivo das orações de gerúndio, tratado como uso predicativo, as construções com gerúndio comportam-se como predicados secundários e estariam sujeitas a restrições aspectuais, alternando com a + infinitivo (no português europeu).[4]

---

[3] Broderick (2006) afirma que o gerúndio, construído com o sufixo *–ing* na língua inglesa, é uma palavra que tem a forma de um verbo mas a função de um nome, ou seja, ele é um verbo ou um *linking verb*, mas que é capaz de se comportar como os nomes.

No seu uso adverbial, em que introduz circunstâncias ligadas ao estado de coisas expresso na oração núcleo, o gerúndio mantém, no período contemporâneo, as mesmas características que possuía no período arcaico e moderno. Além disso, conserva empregos similares aos que são constatados em todas as línguas românicas (SIMÕES, 2004). Esse uso circunstancial do gerúndio é reconhecidamente bastante amplo no português brasileiro, podendo ocorrer tanto com sujeitos idênticos, opção mais prototípica, como com sujeitos distintos. Quanto ao seu caráter verbal, pode constituir-se de verbos intransitivos, transitivos ou de ligação.

No entanto, vários autores, dentre eles Braga (1996), Garcia Reis (2004) e Simões (2004), defendem que não é possível estabelecer uma fronteira nítida entre o uso adjetivo e o uso adverbial do gerúndio, dada a existência de múltiplos casos de ambiguidade entre as duas possibilidades. Uma mesma oração, embora aparentemente ligada a um nome, pode ser interpretada como uma relativa ou como uma circunstancial temporal, modal, dentre outras, como nos exemplos abaixo:

(03) O meu trabalho, meu conhecimento, né? o respeito, o caráter, confiança, tudo isso pede dentro do profissional. Entendeu? E sê querido. *Eu acho que o profissional* <u>sendo querido</u>, tendo confiança, eu acho que ele diz tudo pra qualquer tipo de pessoa, né? de trabalho no ramo. (Amostra Censo 2000, falante 09)

(04) *Corre o mundo uma campanha em defesa do direito dos animais*, <u>pregando o fim do seu uso em testes de laboratório</u>. A imagem que se quer passar é a de que os cientistas são indivíduos sádicos, que usam e matam cobaias inocentes. (Revista Superinteressante, Maio de 2001)

Nos dois exemplos acima, as orações de gerúndio – *sendo querido* e *pregando o fim do seu uso em testes de laboratório* – tanto podem ser interpretadas como relativas:

(03a) [...] o profissional que é querido

(04a) [...] uma campanha ... que prega o fim do seu uso em testes de laboratório

---

[4] A autora apresenta exemplos do português europeu que ilustram sua afirmação:
Os ladrões estão arrombando/a arrombar a porta.
O João viu os ladrões arrombando/a arrombar a porta.
O João chegou a casa coxeando/a coxear.
Os meninos dormindo/a dormir(em) a estas horas!

como temporal e modal :

(03b) [...] o profissional quando é querido

(04b) [...] o modo pelo qual corre a campanha é pregando o fim do uso de animais em testes de laboratório

Diversos fatores, como, por exemplo, a proximidade da oração de gerúndio em relação ao sujeito da oração núcleo e seu escopo intervêm na interpretação da forma de gerúndio como adjetival ou circunstancial. Como já mostraram Garcia Reis (2004) e Simões (2007), em períodos nos quais há maior proximidade entre o gerúndio e o sujeito da oração matriz é favorecida uma interpretação como predicativo do sujeito, ou seja, uma função adjetiva. Essa interpretação é menos saliente quando há maior distância entre o gerúndio e o nome compartilhado com a oração e, nesses, ressalta o valor adverbial. Nas palavras de Simões (2007, p.96):

> Sendo assim, para os gerúndios ligados ao sujeito da oração matriz, poderíamos pensar em uma categoria realmente ambígua (*fuzzy*) em que o gerúndio simultaneamente tanto pode "apontar" para o verbo da oração matriz como para o sujeito da mesma, ora ressaltando-se mais o seu caráter adjetivo, quando mais próximo do nome, ora o seu caráter adverbial, quando mais distante do nome que empresta como sujeito.

Um critério subjacente à inserção das orações de gerúndio na categoria das subordinadas é o pressuposto de equivalência entre elas e suas contrapartes finitas ou desenvolvidas através de um conector. Assim, para Cunha e Cintra (1985) e para Bechara (2002), as orações reduzidas são correspondentes e equivalentes às orações desenvolvidas, distinguindo-se essas últimas apenas pela presença do nexo subordinativo e por possuírem um verbo num tempo do modo indicativo ou subjuntivo. Essa mesma posição aparece em Simões (2004), para quem as orações em adjunção podem ser expressas tanto através de uma oração subordinada desenvolvida conjuncional quanto por uma oração subordinada reduzida de gerúndio. O autor aponta ainda, através de um estudo diacrônico, que essas duas formas já eram recorrentes no século XIX e continuam em competição no português brasileiro contemporâneo.

É esse pressuposto de equivalência entre orações reduzidas e orações desenvolvidas que conduz Bechara (2002, p.514) a afirmar que quando são empregadas com arte e bom gosto e em equilíbrio com as orações desenvolvidas, as orações de gerúndio permitem ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, evitando o acúmulo de quês e outros transpositores, enfim, elegante.

No entanto, a equivalência entre orações reduzidas de gerúndio e orações desenvolvidas é discutível. Ferrari (1999) mostra que a denominação orações reduzidas é inadequada e prefere mesmo falar em construções gerundivas. Garcia Reis (2004) mostra, numa pesquisa que compara as orações relativas desenvolvidas com as orações adjetivas de gerúndio, que essa equivalência fica comprometida nos contextos em que há sobreposição de valores semânticos nas orações de gerúndio. Os exemplos (05) e (06), retirados de Garcia Reis (2004, p. 122 e 118), comprovam esse fato:

(05) Em um mundo como esse, pobre em biodiversidade, a vida é mais vulnerável — como há poucas espécies, aumentam as chances de que uma única tragédia destrua todas. *Seria essa Terra que, há 65 milhões de anos, se chocaria com um asteróide*, <u>levantando uma imensa nuvem de poeira</u> que bloquearia o Sol e mataria boa parte das plantas. (Superinteressante, Fevereiro/2002)

(06) [...] *Assim como foram as políticas estatais que, após a abolição, inviabilizaram toda forma de reparação oficial pelos quase 400 anos de escravidão*, <u>jogando milhões de pessoas das senzalas para as ruas, da escravidão para o desemprego ou para as garras de patrões que nunca deixaram de tratá-las como seus “negrinhos” e suas “negrinhas”.</u> (Superinteressante, Julho/2001)

Em (05) e (06), as orações de gerúndio - *levantando uma imensa nuvem de poeira* e *jogando milhões de pessoas das senzalas para as ruas, da escravidão para o desemprego ou para as garras de patrões que nunca deixaram de tratá-las como seus “negrinhos” e suas “negrinhas”-,* que estabelecem com a oração núcleo relações de causa e consequência (05) e de modo (06), podem ser interpretadas também como orações relativas, pois retomam antecedentes sintáticos e atribuem uma qualidade ao núcleo do SN que as antecedem. Não há, no entanto, em nenhum dos dois exemplos, como considerar as orações de gerúndio equivalentes a orações desenvolvidas, com base unicamente em fatores sintáticos. Somente a

verificação de vários fatores, semânticos e pragmáticos, permite afirmar ou não a equivalência entre os dois tipos de orações.

A questão da equivalência entre orações reduzidas e desenvolvidas parece se colocar ainda de forma mais nítida, se considerarmos que, de acordo com Simões (2004), houve mudanças no uso das reduzidas de gerúndio no português brasileiro, mudanças decorrentes de processos como sintaticização, semanticização e discursivização.[5] Ainda segundo o autor, o uso do gerúndio em português é uma opção sintática

> [...] dos falantes/autores que organizam seus enunciados em função de condicionamentos sintáticos orientados por processos específicos de gramaticalização, com base nos contextos discursivos dentro dos quais produzem os mesmos enunciados (SIMÕES, *op. cit*., p. 14).

Outra evidência contrária à inserção das orações de gerúndio no quadro das subordinadas é a possibilidade de que, em muitos casos, elas corresponderem a um encadeamento por coordenação, como mostram Braga (1996) e Gryner (2003). Mesmo Simões (2007), que defende uma categorização das reduzidas de gerúndio como subordinadas, admite que elas podem ser interpretadas como estruturas de coordenação, com sujeito expresso ou subentendido. Nas palavras deste autor:

> Nesses casos, ao invés de subordinar-se ao verbo da oração matriz, ele compõe uma estrutura justaposta a ela. (As orações de gerúndio) Podem indicar um valor tanto *aditivo* como *adversativo,* ou até mesmo *conclusivo* em relação à proposição inicial[...]. (SIMÕES, 2007, p.114)[6]

Um exemplo como o (07) ilustra essa possibilidade:

---

[5] Para melhor compreensão desses fenômenos, vide Castilho (2004) e Simões (2004).

[6] Um exemplo apresentado por Simões (*op.cit*.) é: A velha correu logo para a tia Maria, <u>ajoelhando-se a seus pés</u>...

(07) E: Hum, hum... É mole? E tem outra novela que você lembra?
F: Tem uma dos escravos [que] que ela vendeu as ... que eles foram embora, eles foram embora, aí eles matam, matam uma pessoa e depois, aí Paulo Betti ... aí, aí enterra uma coisa e vai achar o negócio, aí deram tiro num, no outro. *Ele cai deitado* assustando a mulher. (Amostra Tendência, 2001)

Em (07), a oração de gerúndio possui um valor aditivo em relação à sua núcleo e poderia ser parafraseada por: *Ele cai deitado no chão e assusta a mulher*, sem interferir de forma significativa no sentido expresso pela oração.

Como conclui Braga (1996), é difícil classificar as orações de gerúndio como instâncias de coordenação ou de subordinação, visto que elas conjugam propriedades dos dois processos. Adotando a perspectiva funcionalista de Haiman (1985), a autora defende que, ao ter suas categorias gramaticais canceladas, as orações de gerúndio são compatíveis com uma estrutura motivada por economia, característica, segundo a proposta de Haiman, da coordenação[7]. Por outro lado, apresentam traços de incorporação e de redução característicos da subordinação e, neste caso, são compatíveis com uma motivação por iconicidade.[8]

A dupla natureza sintática das orações de gerúndio conduz alguns autores, como é o caso de Gryner (2003), a considerá-las como estruturas intermediárias. Em trabalho mais especificamente voltado para as reduzidas de condição, a autora mostra que a dicotomia parataxe/hipotaxe não dá conta da indeterminação das condicionais reduzidas que parecem ocupar uma posição intermediária, não se caracterizando nem como autônomas nem como coesas. Além disso, a autora observa que as condicionais de gerúndio aparecem em contextos pragmáticos mais definidos, codificando, preferencialmente, eventos de maior neutralidade, expressando atitudes imparciais dos falantes.

Pode-se afirmar, portanto, que a distinção entre hipotaxe/parataxe, insuficiente para o tratamento da maioria das formas de articulação de orações na língua, como destacamos na seção anterior, mostra-se particularmente inoperante no que se refere a uma análise das orações de gerúndio. De um lado, é necessário

---

[7] De acordo com a proposta de Haiman (1985), a economia seria um processo que levaria ao apagamento, que, por sua vez, resultaria na redução da forma.

[8] A redução morfossintática de uma forma verbal é icônica, no sentido de que sinaliza a abertura conceitual entre duas orações, as quais compartilham um único sujeito. Pode-se dizer então que a iconicidade tem bases cognitivas, uma vez que a distinção entre duas formas linguísticas (no caso uma forma desenvolvida e uma forma reduzida) está refletindo uma distinção conceitual (HAIMAN, 1985).

distinguir entre usos de orações de gerúndio ligados ao nome e, de outro, parece que mesmo entre as orações de gerúndio adjuntas seria necessário distinguir dois tipos, como propõe Lobo (2003): orações adjuntas periféricas e orações adjuntas não periféricas.

As orações *periféricas* seriam aquelas que ocorrem em posição inicial e podem ser denominadas de orações de gerúndio de frase; as orações *não periféricas* são as de predicado, ocorrem em posição final, sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional. É por meio dessa classificação que a autora elenca as possibilidades das diferentes relações semânticas codificadas pelas orações de gerúndio.

A correlação entre o estatuto sintático das orações de gerúndio e sua posição no período complexo aparece também em autores como Cunha e Cintra (1985), Mira Mateus *et alii* (1983) e Simões (2004), que destacam a necessidade de considerar, inclusive, o valor aspectual da oração. Tanto as formas simples de gerúndio como as perífrases formadas com essa forma nominal podem exprimir anterioridade, simultaneidade ou posterioridade do estado de coisas descrito na oração de gerúndio, relativamente ao que é descrito na oração finita. Para Cunha e Cintra (1985), essas nuances aspectuais estão associadas a diferentes posições: o gerúndio anteposto exprime geralmente uma ação realizada imediatamente antes da indicada pela ação principal ou uma ação que teve início antes da indicada na principal e o gerúndio posposto indica uma ação posterior a que é codificada pela oração núcleo. Os exemplos abaixo, extraídos de Mira Mateus *et alii* (1983, p.118), são ilustrativos:

(08) *A sessão foi encerrada*, <u>tendo os participantes abandonado a sala</u>.

(09) <u>Tendo os participantes abandonado a sala</u>, *a sessão foi encerrada*.

Em (08), o estado de coisas descrito na núcleo é anterior ao da oração de gerúndio, e em (09) ocorre o contrário, o estado de coisas da oração núcleo é posterior ao da oração de gerúndio. Na opinião de Cunha e Cintra (*op. cit.*), o exemplo (08), com a oração de gerúndio posposta, seria correspondente a uma oração coordenada iniciada por <u>*e*</u> e o exemplo (09) mostra uma oração reduzida equivalente a uma construção temporal: *depois que os participantes abandonaram a sala, a sessão foi encerrada*.

Embora a ausência de um sujeito explícito constitua a opção não marcada nas orações de gerúndio, a possibilidade de um sujeito distinto e explícito nessa oração também se correlaciona de certa forma à sua natureza sintática, como destaca Lobo (2003). A autora considera que as orações de gerúndio com sujeito próprio são periféricas, enquanto que as orações com sujeito apagado e correferente ao da oração matriz são não-periféricas (integradas ou de predicado). Nas orações de gerúndio periféricas, pode ocorrer um sujeito lexical, como no italiano e no espanhol, e geralmente ele ocorre em posição pós-verbal. Nas não periféricas, não são admitidos sujeitos lexicais.[9]

Não há, evidentemente, como negar a interferência da posição ou da forma de realização do sujeito da oração de gerúndio no estatuto sintático dessa oração. No entanto, propostas mais recentes têm evidenciado que um tratamento adequado do estatuto sintático das orações de gerúndio requer um controle da conjugação de diferentes parâmetros (BRAGA, 1996, GRYNER, 2003, SIMÕES, 2004, GARCIA REIS, 2004). Acreditamos que um tratamento mais adequado pode ser entrevisto no interior das propostas discutidas no capítulo dois, que abandonam uma classificação binária dos processos de articulação de orações e propõem a existência de um *continuum* que vai de um grau mais frouxo a um grau mais estreito de vinculação entre as orações de um período complexo.

Se tomarmos algumas das características mais prototípicas das orações de gerúndio, tais como a ausência de flexão verbal, a dependência modo-temporal da oração núcleo, a correferência de sujeito e a ausência de elo explícito de ligação, elas estariam inseridas no último ponto à direita do *continuum* proposto por Lehmann (1988, p.213), reproduzido no capítulo anterior. Não corresponderiam, portanto, nem à coordenação nem à subordinação.

A interpretação das orações de gerúndio como um grau diferente de ligação de orações encontra respaldo igualmente na proposta de Raible (2001), para quem os processos de articulação de orações se organizam na seguinte escala:

(i) simples justaposição de orações sem juntores (parataxe assindética);

[9] A diferença entre uma oração de gerúndio periférica e uma oração de gerúndio não periférica é ilustrada pela autora pelos exemplos, respectivamente: *Tendo este aluno desistido*, poderemos abrir mais uma vaga e Os chimpanzés constroem os ninhos *juntando pequenos ramos*.

(ii) junção através de retomada correferencial de um item da oração anterior;

(iii) ligação de orações principais através de juntores explícitos (parataxe sindética);

(iv) ligação de orações através de conjunções subordinativas;

(v) ligação de orações através de construções gerundiais e participiais;

(vi) junção de relações através de construções com grupos preposicionais (locuções prepositivas);

(vii) junção de relações através de preposições e/ou morfemas de caso e, finalmente;

(viii) junção através de morfemas marcadores de caso ou papel temático.

As orações de gerúndio, inseridas no ponto V do *continuum*, exibem diversas das propriedades elencadas pelo autor:

- construção nominal, não finita;
- dispensa constituintes sintáticos, como o sujeito;
- perda de elementos indicativos de pessoa e número;
- conversão do controle verbal em controle nominal.

No entanto, é necessária certa precaução quanto a essa afirmação, já que nenhum dos autores especifica se estão falando das orações de gerúndio predicativas ou adverbiais. Nas orações de gerúndio adjetivas, o controle é nominal, mas nas orações com valores circunstanciais, o controle é verbal. Além dessa diferença quanto ao controle, pode-se presumir que as diferentes relações semânticas codificadas pelas orações adverbiais de gerúndio podem se distinguir quanto ao nível de integração com a oração núcleo, situando-se, portanto, em níveis diferentes de um *continuum*, questão retomada no capítulo 6.

Para Braga e Coriolano (2007), duas propriedades das orações de gerúndio seriam a redução e a incorporação. Num processo de redução, as orações de gerúndio cancelariam as marcas gramaticais que compartilham com a núcleo e num processo de incorporação, elas caracterizar-se-iam como subordinadas, já que codificam material pano de fundo. Assim, a subordinação sintática é um reflexo icônico da subordinação conceitual. Nessa perspectiva, todas as orações de

gerúndio passam pelo processo de redução, enquanto que a incorporação é um processo característico de algumas dessas construções.

As questões discutidas nesta seção deixam clara a dificuldade de definir o estatuto sintático das orações de gerúndio sem considerar as diferentes relações lógico-semânticas que podem emergir entre elas e a oração núcleo e as propriedades que caracterizam cada subconjunto, como mostram Braga e Coriolano (2007), Braga (1996), Simões (2007) e Garcia Reis (2004). Braga e Coriolano (2007), por exemplo, destacam que a fronteira entre esses dois grandes grupos pode ficar obscurecida pela existência de inúmeros casos que dão margem tanto a uma interpretação circunstancial como a uma interpretação qualificadora. Como mostram Garcia Reis (2004) e Dias e Garcia Reis (2004), num estudo comparativo entre as orações relativas desenvolvidas e as orações relativas reduzidas de gerúndio na modalidade escrita, não são raras as orações de gerúndio relativas em que se superpõe um valor circunstancial, como o de consequência, no exemplo (10):

> (10) Em um mundo como esse, pobre em biodiversidade, a vida é mais vulnerável — como há poucas espécies, aumentam as chances de que uma única tragédia destrua todas. *Seria essa Terra que, há 65 milhões de anos, se chocaria com um asteroide*, <u>levantando uma imensa nuvem de poeira</u> que bloquearia o Sol e mataria boa parte das plantas. (Revista Superinteressante, Fevereiro/2002)

Em (10), há uma interpretação relativa: *essa Terra que se choca com um asteroide e que levanta uma imensa nuvem de poeira*, e também circunstancial se entendermos levanta uma imensa nuvem de poeira como uma consequência do choque.

3.3 A ambiguidade semântica das orações de gerúndio

Tanto em português, como em outras línguas, as orações introduzidas pela forma nominal de gerúndio têm frequentemente uma interpretação pouco definida, admitindo diferentes interpretações (CUNHA e CINTRA, 1985, FARACO e MOURA, 1990, BECHARA, 2002, BRAGA, 1996, GRYNER, 2003, LOBO, 2003, SIMÕES, 2004 e 2007, GARCIA REIS, 2004). Retomando aqui os termos de Braga e Coriolano (2007, p. 182):

> A depreensão da inferência desencadeada pelas construções de gerúndio não é fácil dada a ambiguidade, a compatibilidade com duas ou mais acepções, a vagueza e indeterminação semântica que as caracteriza. Essas orações ilustram bem a sub-determinação do significado e fazem ressaltar a relevância dos fatores co-textuais e das variáveis pragmáticas para a construção do significado.

Na perspectiva de Braga (1996), a ambiguidade das orações de gerúndio decorre, pelo menos, em parte, do encobertamento do tempo-modo verbal e da não explicitude do elemento conector. Na maioria das vezes, a seleção de um significado em detrimento de outro envolve a intervenção de fatores semântico-funcionais e discursivos.

O exemplo abaixo ilustra bastante bem a possibilidade de se superporem mais de um significado em um período complexo com oração de gerúndio, no caso em questão, os valores de tempo e condição.

(11) <u>Afastando-se os índices de regular, que nada significam</u>, *a pesquisa aponta 53 de ótimo e bom para o prefeito, contra 12 pontos de ruim e péssimo*. (Extra, Carta de leitor)

Para Ferrari (1999), essa multiplicidade de valores semânticos do gerúndio é resultado da aplicação de processos metafóricos e metonímicos que operam nessas construções, a partir do sentido básico de instrumento. A autora afirma ainda que a correspondência entre as orações adverbiais reduzidas e as desenvolvidas precisa ser mais bem investigada, pois há casos em que a possibilidade de substituição de uma construção pela outra é muito discutível, ou mesmo bloqueada.

O elenco de relações proposicionais que pode emergir em períodos com orações de gerúndio está longe de ser consensual e não é muito fácil estabelecer uma relação completa dessas relações, visto que, como afirma Mothé (2004), não há uniformidade no tratamento dado às orações adverbiais de gerúndio pelas gramáticas tradicionais. De forma geral, admitem-se os valores de tempo, causa, condição, concessão e modo (BECHARA, 2002, ROCHA LIMA, 2002, BRAGA, 1996, BRAGA e CORIOLANO, 2007). Bechara (2002) distingue ainda, dentro do grupo das modais, as de meio e de instrumento (cf. também LOBO, 2003). O autor destaca também que, quando vier precedido da preposição *em,* o gerúndio exprime tempo, condição ou hipótese, denotando acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer, como mostra o exemplo a seguir:

(12) Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. (BECHARA, 2002, p.524)

Além de admitir as relações relacionadas acima, Souza Campos (1980), Ferrari (1996), Simões (2004, 2007) e Braga e Coriolano (2007) acrescentam ainda as de finalidade e de consequência. Ferrari (1997) e Braga e Coriolano (2007) tratam separadamente as que codificam concomitância com o estado de coisas descrito na núcleo. Móia e Viotti (2004) relacionam ainda possibilidades de orações de gerúndio com valor mereológico[10], quando uma situação é parte de outra maior e, com valor resultativo[11].

Simões (2002), em citação à pesquisa de Mattos e Silva (1989), refere-se à predominância da relação temporal no português arcaico. Já que, segundo a autora citada, naquele período, as orações subordinadas circunstanciais com verbo no gerúndio predominantes eram as temporais, pois dos 99 enunciados verificados por Mattos e Silva (1989), 76 deles eram temporais, 7 poderiam ser interpretados como temporais ou causais e 1 deles era concessivo.

Lobo (2003) distingue os valores semânticos típicos das orações de gerúndio apoiando-se na distinção entre orações de gerúndio periféricas, ligadas à frase, e aquelas não-periféricas, ligadas ao predicado, já discutidas anteriormente, associados à posição que as orações de gerúndio ocupam no período. As periféricas, que, na perspectiva da autora, ocorrem tipicamente em posição inicial, apresentam valores como:

Causa:

(13) Havendo poucas inscrições, *o atelier fechou*.
Como havia poucas inscrições, o atelier fechou. (LOBO, 2003, p.264)

Concessão:

(14) Mesmo tendo chegado atrasado, *o Zé conseguiu acompanhar a aula*.
Apesar de ter chegado atrasado, o Zé conseguiu acompanhar a aula. (LOBO, 2003, p.264)

---

[10] Exemplo do valor mereológico: *O Paulo fez grandes obras em casa*, tendo substituído várias portas e janelas.

[11] Por exemplo: *O Paulo trancou a porta*, impedindo os assaltantes de sair.

Condição:

(15) Chegando o comboio às oito e meia, *não conseguirias apanhar a ligação.*
Se o comboio chegasse às oito e meia, não conseguirias apanhar a ligação. (LOBO, 2003, p.265)

Enunciação:[12]

(16) Pensando bem, *como é que vais conseguir chegar a tempo*? (LOBO, 2003, p.265)

Nas orações de gerúndio periféricas, o tempo normalmente é anterior ou simultâneo:

(17) Tendo as crianças adormecido, *os pais foram deitar-se*.
Depois de as crianças adormecerem, os pais foram deitar-se. (LOBO, 2003, p.265)

(18) Estando os meninos a dormir, *o pai ouviu um estrondo enorme*.
Quando os meninos estavam a dormir, o pai ouviu um estrondo enorme. (LOBO, 2003, p.265)

As orações de gerúndio não-periféricas, que se caracterizam por ocorrerem em posição final, sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional, apresentam os seguintes valores semânticos:

Modo/meio/instrumento:

(19) *Os ladrões arrombaram a porta* usando um martelo.
Os ladrões arrombaram a porta com um martelo. (LOBO, 2003, p.265)

Condição/modo:

(20) *Os atletas teriam melhores resultados* treinando mais horas por dia.
Os atletas teriam melhores resultados se treinassem mais horas por dia. (LOBO, 2003, p.265)

Nas orações não-periféricas, o tempo é normalmente simultâneo:

---

[12] As orações de gerúndio com valor denominado de Enunciação são, na verdade, a utilização da forma nominal de gerúndio para referir-se a algo fora do conteúdo informacional propriamente dito, com valor contextual e discursivo, situado no plano da enunciação. Simões (2004) também apontou o uso desse tipo de oração de gerúndio, que para ele se assemelha a marcadores conversacionais e pode introduzir um tópico discursivo, agregar informação secundária, determinar ou indeterminar o tópico, impessoalizar o tópico, articular o texto etc.

(21) *O Zé encontrou a solução para o problema* passeando pela cidade. O Zé encontrou a solução para o problema quando passeava pela cidade. (LOBO, 2003, p.266)

Em grande parte, a ambiguidade das orações de gerúndio está associada aos valores aspectuais inerentes à própria forma de gerúndio ou, como propõe Lobo (2003), adquiridos sob condições discursivas particulares. Em alguns contextos, instancia-se o valor aspectual mais frequentemente atribuído ao gerúndio, qual seja, o de cursivo (progressivo ou inacabado). Cunha e Cintra (1985), por exemplo, consideram que, quando o gerúndio expressa uma ação simultânea ao verbo principal, ele corresponde a um adjunto adverbial de modo. A depender, no entanto, de características do predicado que ocorre no gerúndio e do predicado da matriz, a oração de gerúndio pode exprimir um estado de coisas anterior ao intervalo de tempo em que decorre o evento da matriz, como no exemplo (17), com relação semântica de tempo, ou mesmo posterior, de finalidade, como no exemplo (22).

(22) Para alguns brasileiros, a campanha eleitoral é uma época horrível. Se sentem chateados: pelas massas de promoção em suas caixas postais, pelos engarrafamentos causados por carreatas, pelo barulho dos militantes nas ruas. *E quando voltam para casa e ligam a televisão*, tentando restabelecer-se de tudo isso, não aparecem os heróis de sua telenovela, senão os Lulas, Serras, Ciros, Garotinhos. (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

Na perspectiva de alguns autores, é nos enunciados onde a noção de progressivo fica obscurecida que se instaura maior ambiguidade. Assim, Hoyer (2003) mostra que, no francês, os enunciados nos quais o gerúndio (*en + ant*) exprime uma ação logicamente anterior ao estado de coisas descrito na oração núcleo são mais suscetíveis de diferentes interpretações: causa, condição, tempo. No capítulo dedicado à análise das orações adverbiais de gerúndio, voltaremos a discutir a questão da ambiguidade dessas orações estarem mais relacionadas à progressividade com relação ao estado de coisas descrito na núcleo.

Como mostra Simões (2004), há argumentos para acreditar que, além de derivar das propriedades aspectuais da própria forma de gerúndio, pelo menos uma parte da interpretação das orações de gerúndio resulta tanto de traços semânticos e modo-temporais do verbo da oração núcleo como dos traços semânticos do radical

ao qual se ajunta a terminação *-ndo*. Hoyer (2003. p. 17), apoiada na proposta de Halmoy (1981), por exemplo, destaca que, no caso do francês, o tempo do verbo da oração núcleo pode contribuir para a interpretação semântica da frase iniciada pelo gerúndio (no caso, *en ant*), fazendo predominar uma ou outra relação proposicional, ou mesmo cancelar certa possibilidade. Assim, em uma frase como « *Elle réussira mieux en s'y prenant autrement» (Ela terá mais sucesso, agindo de outra forma),* a interpretação condicional que emerge com o uso da forma de futuro dá lugar a uma interpretação causal no caso de substituição do tempo futuro pelo tempo passado (*Elle a mieux réussi en s'y prenant autrement* = Ela obteve mais sucesso agindo de outra forma).

É necessário considerar ainda uma interrelação complexa entre processo sintático, posição, valor semântico e as nuances aspectuais expressas pela oração de gerúndio (SOUZA CAMPOS, 1980, SIMÕES, 2004, LOBO, 2003). No que se refere à correlação entre posição e significado da oração de gerúndio, Cunha e Cintra (1985), por exemplo, destacam que uma oração de gerúndio posposta à núcleo equivale a uma oração coordenada iniciada pelo *e*. Numa perspectiva semelhante, para Simões (2007), a anteposição da oração de gerúndio:

> [...] parece favorecer a leitura de *anterioridade* e o valor de *causa* e *condição*. A *posposição* indicando valor de *posterioridade* no tempo permite a interpretação da oração como *consequencial.* A *intercalação* dos gerúndios parece indicar a noção de *tempo simultâneo* e o valor de *modo* (SIMÕES, 2007, p.111).

Ao se referir às orações de gerúndio de posterioridade, Hoyer (2003) põe em dúvida o seu estatuto subordinado, considerando-as coordenadas. Essas orações são categoricamente pospostas à sua núcleo, são interpretadas como temporalmente posteriores à matriz, não têm uma interpretação semântica de tipo adverbial e podem ser parafraseáveis por uma oração do tipo coordenado.

(23) *Os bandidos escaparam à polícia*, <u>só tendo sido identificados dois dias depois</u>.

(24) Os bandidos escaparam à polícia e só foram identificados dois dias depois.

Em alguns casos, a presença de algumas partículas ou de certos advérbios (*já, ainda*) pode fornecer pistas para a interpretação semântica de uma oração de

gerúndio. Partículas do tipo *como* e *como que* reforçam a interpretação modal do gerúndio[13]; o advérbio *só* contribui para uma interpretação condicional[14] e o advérbio *nem* colabora na interpretação concessiva e modal negativa[15] (cf. SOUZA CAMPOS, 1980).

Em muitas das perspectivas discutidas até este ponto subjaz uma visão, mais ou menos implícita, de que a forma de gerúndio é "um operador semanticamente polivalente" (MÓIA e VIOTTI, 2004, p.716), o que lhe permite a associação com uma vasta gama de significados. Uma explicação alternativa é proposta por Móia e Viotti (2004), para quem o gerúndio adverbial estaria passando por um processo de mudança, no sentido de tornar-se um operador discursivo de associação de situações. Nos termos dos autores:

> O gerúndio adverbial é um *operador discursivo de associação de situações*, i.e. é um conector interproposicional de "amplo espectro", que requer que entre as situações associadas se estabeleça uma de entre um leque possível de relações discursivas (a definir em função de factores contextuais e situacionais múltiplos), sendo por isso incompatível com eventos desconexos (MÓIA e VIOTTI, 2004, p.720).

Para fundamentar sua hipótese, os autores se baseiam em argumentos como:

- o gerúndio pode aparecer em orações com valores contrários, como os de anterioridade e posterioridade, causa e efeito ou meio e resultado;

- as relações semânticas codificadas pelo gerúndio podem estar presentes mesmo sem a presença dessa forma nominal, ou seja, os valores semânticos não são, necessariamente, morfologicamente marcados pelo gerúndio, pois podem existir em sequências de frases justapostas;

---

[13] Um exemplo desse reforço no sentido é o seguinte: "Examinou-a por algum tempo; depois olhou para a boneca e para a menina, como que pedindo mais explicações." (ML, LI, 645) (SOUZA CAMPOS, 1980, p. 56)

[14] Exemplo do focalizador só: "- Não tem palavra pra explicar, só fazendo..." (MA, CB, IV, 70) (SOUZA CAMPOS, 1980, p. 57)

[15] Exemplo de modal negativa: "Tanto o Lorenzo como o Bruno ... não queriam saber de falar italiano. Nem brincando." (AM, BBF, 104-105) (SOUZA CAMPOS, 1980, p. 58)

- a forma de gerúndio poder vir precedida ou antecedida de operadores explícitos, que marcam valores semânticos específicos, sem gerar uma sensação de redundância.[16]

Considerando esses aspectos, os autores postulam que o gerúndio seria um morfema nulo e a diversidade de relações semânticas que pode emergir na sua presença decorre de propriedades ligadas ao tipo de estados de coisas relacionados, às diferenças de aspecto, à organização linear das orações, dentre outras, como foi discutido acima. Embora algumas evidências sejam favoráveis a essa hipótese, ela requer análises mais aprofundadas, como reconhecem os próprios autores. Seria necessário considerar, dentre outros, casos como o uso do gerúndio em orações independentes, em que a oração de gerúndio não está subordinada à fixação modo-tempral da oração matriz (SIMÕES, 2007) e o uso imperativo, ou de enunciação, como denomina Lobo (2003), que dificilmente se enquadram na categoria de orações reduzidas.

Os problemas apontados nesta seção indicam que a análise das orações de gerúndio não pode se limitar às propriedades semântico-gramaticais dessas orações, mas tem que considerar igualmente seus aspectos discursivo-funcionais.

3.4 Aspectos discursivo-funcionais das orações de gerúndio

Como já apontaram muitos autores, dentre eles Braga (1996), Hoyer (2003), Lobo (2003) e Simões (2004, 2007), as orações de gerúndio desempenham um papel relevante na organização do discurso e na tessitura do texto. Além do mais, alguns usos da forma de gerúndio ultrapassam largamente o nível do período complexo para sinalizarem informações referentes à estrutura do discurso, à articulação entre um segmento de fala e o contexto discursivo.

Um aspecto que se destaca em diversos trabalhos é o papel das orações de gerúndio na estrutura informacional do texto. Granger (1997), por exemplo, ao estudar as orações participiais em inglês, mostra que, embora tanto as orações introduzidas com formas terminadas em *–ed* (participiais) como as orações introduzidas pelas formas terminadas em *–ing* (gerundivas) possam ocupar as

[16] Esse argumento está baseado na possibilidade de exemplos como *Só vivendo* numa cidade pequena, teríamos mais qualidade de vida, no qual o gerúndio e o marcador *só* contribuem para a interpretação condicional (MÓIA e VIOTTI, 2004, p. 728).

posições de tema e rema, a posição mais comum é a de rema.[17] Além disso, as formas terminadas em *-ing* são mais frequentemente utilizadas para codificar elaborações, informações acrescentadas *a posteriori*, operando como *afterthougts*.[18] As orações introduzidas pelas formas terminadas em *–ed,* ao contrário, funcionam como *guidepost*, ou seja, como uma forma de orientação do discurso que se segue. Ferrari (1999, p.380) destaca a mesma função para as orações de gerúndio do português. Orações de gerúndio em posição inicial, particularmente as temporais, podem atuar como construtoras de espaços mentais, "localizando o processo codificado pela construção nuclear no interior de domínios", dentre eles o domínio temporal.

A função remática das orações de gerúndio é atestada igualmente no estudo das estruturas *en+ant* do francês. Hoyer (2003) conclui que esta forma se liga, semanticamente, ao plano do enunciado ou da enunciação e assume que o gerúndio pode contribuir para a organização do discurso, desempenhando diferentes funções comunicativas, como construções do tipo "*geralmente falando*", que atuam no plano do enunciado, e estabelecendo relações específicas. Dentre as funções comunicativas mais presentes nas orações de gerúndio, a autora destaca, além da função remática, maior frequência do gerúndio na oralidade, com estilo mais pesado se comparado ao particípio presente em francês, que seria mais dinâmico.

Além de operarem no nível das relações intra-proposicionais e colaborarem para o gerenciamento do fluxo informacional, as orações de gerúndio desempenham papel relevante na estrutura tópica do discurso e na introdução de enquadres discursivos (HOYER, 2003, FERRARI, 1999). Simões (2007) destaca o papel das orações de gerúndio na introdução, manutenção, retomada ou abandono de um subtópico, colaborando assim na tessitura do discurso e, ainda, com função interacional, como é o caso de formas de gerúndio com valor de imperativo (cf. também LOBO, 2003). Nesse último caso, o gerúndio cumpre funções pragmático-discursivas, na medida em que opera no plano do enunciado ou da enunciação e não no plano informacional em si.

---

[17] Neves (1997) afirma que informações do tipo tema são aquelas facilmente recuperáveis ou tidas como já dadas, já as informações do tipo rema são as novas, aquelas em que não há como o falante recuperá-las, seja no texto ou na situação.

[18] *Afterthougts* seriam formulações e reflexões tardias, feitas em momento posterior (CHAFE, 1984).

Há construções gerundiais utilizadas pelo falante como forma de obter a atenção de seu interlocutor, como propõem Braga e Coriolano (2007), usos representativos de alto grau de gramaticalidade dessas construções.

A função discursiva das orações de gerúndio como elo de ligação entre pontos do discurso e o contexto mais amplo conduz alguns autores, como Braga (1996), a postularem que essa forma estaria a caminho de cristalização como marcador discursivo, como no exemplo seguinte, reproduzido da autora (*op. cit*, p.235):

(25) ... há possibilidade dependendo... do grande conhecimento de um juiz... de um advogado, de um promotor, enfim de um profissional de direito, de interpretar de maneira mais ou menos fechada a lei, aqui fazendo uma de parênteses, porque o pessoal da pesquisa não é de direito né ? então aí vou adiantar um pouquinho

Uma interpretação similar pode ser encontrada em Simões (2007), que, seguindo a orientação de Castilho (1997), interpreta tais usos como um indício de *desgramaticalização*[19] do verbo no gerúndio, em exemplos como:

(26) escuta Dona I. passando assim mais agora para o campo de filme...eu queria saber qual o tipo de::o que mais chama atenção da senhora no que diz respeito a cinema? não é? eu sei que a senhora já::a senhora já disse que não gosta de drama gosta de comédia.

(27) *Doc*. C. A. voltando a:: falar nas peças que você:: das peças que você participou... onde elas foram representa::das assim:: em que tea::tros... em que loca::is?... foi só em São Paulo ou:: vocês foram pro interior?

Nos exemplos acima, os verbos *passando* e *voltando* desativam o traço semântico de movimento físico e ativam o sentido de movimento do discurso. Eles passam, portanto, a operar no plano discursivo "estabelecendo uma relação de focalização sobre as partes do texto que se organiza durante o processamento da fala" (SIMÕES, 2007, p.270).

Na perspectiva de Móia e Viotti (2004, p.723) essa desgramaticalização ou discursivização da forma de gerúndio pode ser facilmente observada em contextos

[19] Simões (2007, p. 130) define o processo de desgramaticalização como aquele "[...] responsável pelo surgimento da categoria fazia na gramática das línguas.", pois há perdas de propriedades.

nos quais o uso da forma de gerúndio constitui uma estratégia de organização do discurso pelo falante ou escritor, como os casos em que os autores denominam relações de enquadramento – exemplo (29) - ou de elaboração – exemplo (30):

(28) *A Ana esteve deitada na praia toda a tarde,* tendo visto passar vários iates de luxo*.*

(29) O Pedro renovou o jardim, tendo colocado cercas de madeira em todos os canteiros; *a câmara construiu a ponte*, tendo um arquitecto francês desenhado os planos*.*

Com base no exposto até aqui, ressaltamos que qualquer estudo das orações de gerúndio precisa ultrapassar o nível sintático-semântico e exigir a consideração de efeitos pragmáticos que podem estar associados a essas orações.

4 FALA E ESCRITA: O *CONTINUUM* DE GÊNEROS TEXTUAIS

Tradicionalmente, fala e escrita são abordadas sob uma perspectiva dicotômica, que enfatiza, sobretudo, as diferenças decorrentes da distinta forma de produção de cada uma delas. Retomando, no entanto, Marcuschi (2003, p. 38,39), podemos dizer que fala e escrita são “realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala”. Mais recentemente, as duas modalidades vêm sendo estudadas como duas formas de interação com algumas características comuns e outras bastante peculiares a cada uma delas.

Há, sem dúvida, diferenças relevantes entre um texto falado e um texto escrito. Na fala, há a contribuição dos gestos e da entonação, além de o texto ser produzido no momento da interação, deixando transparecer todos os elementos contextuais no processo de autoria. Já o texto escrito sofre interferências de outra natureza, uma vez que pode ser enriquecido com fotos e imagens, e elaborado numa formatação que poderá também ser decisiva para os sentidos a serem construídos pelos leitores.

As diferenças entre fala e escrita mais frequentemente destacadas envolvem a velocidade da produção, o grau de interação e o estilo (CHAFE, 1982). Com relação à velocidade de produção, o autor afirma que a fala é produzida em jatos, também denominados de unidades entonacionais, cuja velocidade é maior do que a da escrita. As unidades entonacionais reproduzem ideias do falante e caracterizam-se por exibirem um contorno entonacional coerente, limitado pelas pausas. Na escrita, de forma diferenciada, há tempo para organizar e moldar a sucessão de ideias, o que ocorre de forma mais integrada.

Na perspectiva de Chafe (1982), o grau de interação nas duas modalidades efetiva-se de modo diferente, pois na fala há uma interação mais direta do que na escrita. Aquelas diferenças relacionadas ao estilo envolvem níveis de formalidade, que, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2003), tanto a fala quanto a escrita podem realizar-se em níveis de maior ou menor formalidade. Isso significa dizer que a informalidade não é uma propriedade apenas da fala, mas também da escrita.

Um aspecto comum entre as duas modalidades é o de que na produção do discurso, seja oral ou escrito, estamos condicionados a uma série de elementos

presentes na situação de interação, como o interlocutor, seu papel social, nossas intenções comunicativas e o nível de formalidade exigido pela situação. Esses elementos determinam o gênero textual utilizado pelos falantes e escritores em suas interações mediadas pela linguagem humana.

Segundo Bakhtin (2006)[1],

> Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 2006, p. 261).

Em um dado evento comunicativo, os locutores, falantes ou escritores lançam mão de certos esquemas prévios que se adéquam aos objetivos estabelecidos para aquele momento. Ainda segundo Bakhtin (2006, p. 262), "[...] cada enunciado particular é individual, mas cada esfera comunicativa de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*."

Bernard Schneuwly (2004, p. 25), assim como Bakhtin (2006), assume que:

- cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- três elementos os caracterizam: conteúdo temático – estilo – construção composicional;
- a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.

Em cada situação comunicativa, faz-se necessária a utilização de um determinado gênero e eles são aprendidos no convívio social e interativo entre os falantes de uma determinada língua. De acordo com Bazerman (2005, p. 31): "os gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras [...] para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos." Eles seriam "parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais".

A perspectiva delineada aqui relativiza necessariamente uma concepção dicotômica entre fala e escrita. Embora sejam inegáveis algumas diferenças estruturais, formais e semiológicas entre as duas modalidades, elas constituem duas

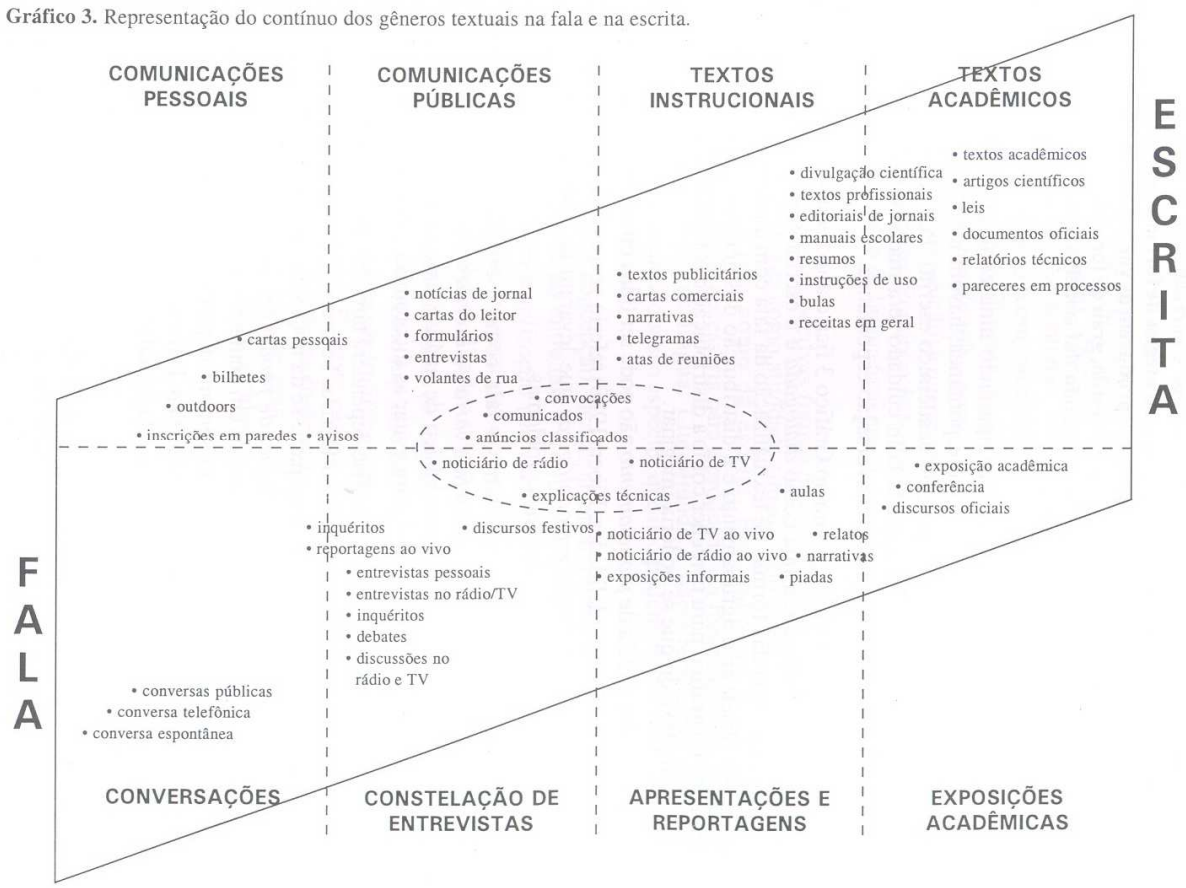
[1] A edição consultada é a de 2006, mas a primeira edição data de 1992.

formas de expressão da mesma língua, ou seja, fazem parte do mesmo sistema de língua. É necessário considerar, porém, na mesma linha de autores como Biber (1988), Fávero, Andrade e Aquino (2003), Koch (2004), Koch e Elias (2009), Marcuschi (2003, 2008), que as diferenças e semelhanças entre fala e escrita refletem diferenças associadas aos diversos gêneros. Embora se baseiem em dimensões um pouco distintas, como grau de formalidade (BIBER, 1988[2]), domínio discursivo (MARCUSCHI, 2003, 2008) e dimensão textual (COSTA, 2008 e KOCH e ELIAS, 2009), esses autores compartilham a perspectiva de um *continuum* no qual se situam diferentes gêneros orais e escritos. Assim, tanto na modalidade falada quanto na escrita, diferentes gêneros são convocados, renovados ou reconstruídos de acordo com necessidades comunicativas.

Na compreensão de Marcuschi (2008), é possível distribuir os gêneros textuais que circulam socialmente entre as modalidades falada e escrita da língua, a partir dos domínios discursivos nos quais eles estão presentes. O autor entende por domínio discursivo esferas da vida social ou institucional nas quais ocorrem práticas que organizam formas de comunicação e estratégias de compreensão. Nos termos do autor (*op. cit*, p.194) “os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros.” Exemplos de domínios discursivos seriam: instrucional, jornalístico, religioso, comercial, industrial, jurídico, publicitário, dentre outros. Nessa perspectiva, embora existam gêneros específicos da modalidade oral e gêneros específicos da escrita, há também gêneros mistos, aqueles com características orais e escritas, como mostra a imagem, reproduzida do autor.

[2] Biber (1988) faz uso de seis dimensões, e a partir de cada uma delas os textos distribuem em um *continuum*. A partir da conjugação dessas dimensões, o autor analisa as características de vários gêneros textuais.

Gêneros textuais na fala e na escrita



Representação do *continuum* dos gêneros textuais na fala e na escrita (MARCUSCHI, 2003, p. 41)

De acordo com o quadro acima, enquanto uma conversa telefônica é um gênero caracteristicamente oral, gêneros como os noticiários de televisão e rádio situam-se em pontos intermediários, apresentando características das duas modalidades. O próprio autor pondera que a distribuição apresentada não tem caráter classificatório, constituindo apenas uma tentativa de distribuição dos gêneros que possa facilitar possíveis estudos e pesquisas de textos com diferentes objetivos. Uma outra ressalva importante é a de que vários gêneros são comuns a diferentes domínios, ou seja, estariam presentes em diferentes contextos discursivos e seriam construídos com finalidades diferenciadas e específicas por seus interlocutores.

Nesta tese são utilizados textos orais (entrevistas sociolinguísticas) e textos publicados na mídia jornalística (cartas de leitores, crônicas, reportagens e notícias e artigos de opinião) para a análise das orações adverbiais de gerúndio. Entendemos que esses diversos textos situam-se em pontos distintos de um *continuum* de gêneros orais e escritos, embora possam haver certos cruzamentos entre eles.

Interessa-nos não só identificar as possíveis diferenças no uso das orações de gerúndio de acordo com a modalidade como também a possível correlação entre essas estruturas e os diferentes gêneros que compõem a amostra, considerando suas características estruturais e sócio-discursivas.

Os dados relativos à modalidade falada são extraídos de entrevistas sociolinguísticas, como detalharemos no capítulo 5. Do ponto de vista sócio-discursivo, essa situação, embora apresente algumas similaridades com entrevistas pessoais ou mesmo com entrevistas de rádio e TV, citadas por Marcuschi (2003), apresenta algumas particularidades que justificam considerá-la como um gênero em si mesma. De acordo com Paiva (2001), esse tipo de entrevista é revestido de certa formalidade, uma vez que se constitui a partir de uma situação de interação na qual não há intimidade entre os interlocutores, o falante sabe que está sendo gravado e responde a perguntas previamente planejadas. Um dos participantes da situação de interação, o falante, é previamente selecionado de acordo com exigências de sexo, idade, nível de escolaridade e local de residência (bairro) que satisfaçam os requisitos de uma amostra estratificada. O entrevistador estabelece um primeiro contato com o provável entrevistado, a fim de conhecê-lo e ter condições de preparar um roteiro de perguntas a serem feitas no momento da conversa. Em alguns aspectos, como, por exemplo, o contato prévio com o entrevistado, o planejamento das perguntas a serem feitas e o fato de estar sendo gravada, a entrevista sociolinguística é semelhante às entrevistas apresentadas na televisão. Em outros aspectos, ela diferencia-se, principalmente pelo seu objetivo comunicativo.

O objetivo principal das entrevistas sociolinguísticas é o de captar o uso da língua na sua utilização mais informal, nas quais o falante é solicitado a relatar fatos de seu conhecimento, a discorrer sobre suas experiências e de seus familiares, bem como posturas e atividades do seu cotidiano, a exprimir opiniões e valores acerca de fatos e situações corriqueiras. O entrevistador participa com pequenas intervenções, que visam, sobretudo, a estimular a manifestação oral do entrevistado, sem se engajar verdadeiramente na situação de conversa. No entanto, é ele, o entrevistador, quem opera a introdução e o fechamento da maioria dos tópicos de conversação, através de questões que visam, sobretudo, a criar contextos favoráveis à ocorrência de formas mais raras no discurso, evitando, assim, que a fala do entrevistado se concentre em determinadas formas linguísticas.

Costa (2008) caracteriza a entrevista como uma conversa entre pessoas num local previamente combinado cuja intenção é a obtenção de esclarecimentos ou opiniões. No entanto, como já foi mencionado, a entrevista sociolinguística não se enquadra nas características daquele gênero, por ter objetivos diferenciados e bastante específicos, ainda que alguns de seus elementos sejam mantidos, como a presença de entrevistador e entrevistado, a organização em perguntas e respostas e o registro da conversa por meio de áudio. A obtenção de opiniões e/ou esclarecimentos, neste caso, não é o fim em si mesmo, mas um meio de obter produção linguística adequada à análise. Além disso, as entrevistas sociolinguísticas, em discordância com a definição do gênero entrevista, (cf. MARCUSCHI, 2003 e COSTA, 2008), não são realizadas com intuito de tornarem públicos opiniões e relatos de quem foi entrevistado, não serão divulgadas pela imprensa escrita ou falada. Considerando essas particularidades, podemos dizer que as entrevistas sociolinguísticas devem ser analisadas como um gênero em si mesmo, próprio, com características próprias.

Os textos da mídia jornalística, representativos da modalidade escrita, possuem todos o mesmo *locus*[3] e constituem situações de comunicação pública, uma vez que são publicados em veículos que visam a um público mais amplo e, pelo menos em parte, não definido previamente. Distinguem-se, no entanto, por possuírem objetivos sócio-comunicativos distintos e particularidades estruturais, podendo ser dispostos até mesmo em um *continuum* de níveis de formalidade. Acrescente-se que os textos escritos na mídia jornalística caracterizam-se necessariamente por maior formalidade, se comparados com os textos orais, visto que são textos de caráter público e com circulação social, o que impõe maior preocupação de conformidade a um padrão linguístico.

Esses diferentes textos apresentam, no entanto, características bastante específicas quanto ao conteúdo temático, esfera comunicativa e construção composicional, três dimensões que, interrelacionadas, podem definir um determinado gênero textual (COSTA, 2008).

---

[3] Marcuschi (2008) define suporte como o *locus* físico ou virtual cujo formato é específico e serve de base ou ambiente para fixação do gênero materializado como texto. Na sociedade como um todo, há locais onde os gêneros textuais circulam, ou seja, ambientes, reais ou virtuais, onde podem circular textos de mesmo gênero ou de gêneros textuais diferentes, como jornais, livros, revistas, murais etc. Na perspectiva do autor, o suporte é um lugar – físico ou virtual -, tem formato específico e serve para fixar e mostrar o texto.

De uma forma ampla, as cartas de leitor são definidas por Costa (2008) como um gênero argumentativo que circula em jornais e revistas e são escritas por leitores, a fim de expressar um ponto de vista sobre matérias anteriormente lidas, sobre questões da atualidade, portanto, quase sempre são escritas na primeira pessoa verbal. Na análise minuciosa das cartas de leitor, percebemos que elas podem realizar diferentes atos de fala, como solicitar, criticar, avaliar, opinar, agradecer, dentre outros. Elas são escritas em parágrafos, com períodos mais longos e essencialmente argumentativos. Assim como observou Duque (2008), pode-se afirmar que o propósito comunicativo do locutor das cartas varia bastante, de acordo com o veículo em que são publicadas. No Jornal do Brasil e no O Globo, tais textos têm como objetivo comunicativo o posicionamento a partir das reportagens, notícias, artigos e outras matérias lidas; já no jornal Extra, a intenção do leitor é quase sempre denunciar um problema recorrente nas imediações onde mora ou reclamar de um fato recente na política ou na economia do país.

As crônicas, sobretudo as contemporâneas, são textos jornalísticos assinados e publicados periodicamente (COSTA, 2008). Os temas abordados pelas crônicas são variados, relacionando-se às atividades culturais, políticas, econômicas, desportivas e até de divulgação científica. Abordam, algumas vezes, o noticiário social e mundano. Seus autores costumam fazer comentários e críticas relacionados ao tema tratado pelo texto. As crônicas são textos curtos, com estilo breve, simples e de interlocução direta com o leitor. São escritas em prosa, contêm título curto e, quase sempre, são escritas em discurso indireto. Como já mencionado, as crônicas analisadas neste trabalho foram retiradas dos jornais O Globo, Jornal do Brasil e Povo, que contam com um grupo de cronistas mais ou menos fixo, como Luis Fernando Veríssimo, Millôr, Zuenir Ventura e José Carlos Netto, escritores responsáveis pela coluna da crônica em determinados dias da semana.

As reportagens e as notícias, gêneros próprios do domínio jornalístico, circulam diariamente em jornais, revistas, rádio, televisão e internet. Segundo Costa (2008), a notícia é um relato de fatos e acontecimentos recentes ocorridos no cotidiano e escrita em discurso referencial e menos opinativo. Esses textos caracterizam-se pelo uso da terceira pessoa e visam a informar os leitores com neutralidade e fidedignidade. Ainda de acordo com o autor, a reportagem é o resultado de pesquisas, cobertura de eventos, seleção de dados, interpretação e

tratamento. É um texto mais longo que a notícia, pois geralmente apresenta uma avaliação e crítica de um fato noticiado.

As notícias e reportagens geralmente são textos não assinados, já que são elaborados pelos repórteres e jornalistas ligados ao jornal em que são publicados. Em nossa amostra desses dois gêneros, a maioria dos textos não é assinada, embora alguns poucos venham com o nome do responsável pela matéria. A linguagem utilizada em sua elaboração é a formal, com construções próprias do português padrão. O tamanho dos textos é variado, podendo constituir-se de poucos parágrafos com períodos mais curtos ou vários deles, essencialmente descritivos. Todos eles possuem títulos e o uso do discurso direto é utilizado para expressar a opinião de um entrevistado sobre o assunto abordado.

Os textos de opinião, também denominados artigos de opinião, são textos assinados e trazem uma interpretação do próprio autor sobre um determinado tema em parágrafos com períodos mais longos. Não refletem, necessariamente, a opinião do órgão que o publica. São textos predominantemente argumentativos, cuja estrutura normalmente apresenta “uma opinião sobre o assunto, com um desfecho conclusivo, a partir da exposição de ideias ou da argumentação/refutação construídas” (COSTA, 2008, p. 34), além do título.

Os artigos de opinião, em geral, são escritos por diferentes articulistas. Alguns jornais possuem um grupo de articulistas específico responsável em elaborar esses textos para a publicação, outros jornais e/ou revistas aceitam artigos de seus leitores, que escrevem e enviam seus textos para possível publicação, ainda há aqueles órgãos que recorrem a profissionais de área afim àquela referente ao assunto do momento para solicitar que deem sua opinião em forma de artigo.

Os diferentes textos da amostra de escrita distinguem-se ainda no que se refere a parâmetros como caráter subjetivo ou objetivo do texto, predomínio de sequências textuais narrativas, argumentativas, descritivas ou expositivas (cf. ADAM, 2008), à predominância de determinados traços linguísticos como uso da primeira ou da terceira pessoa, aspecto perfectivo ou imperfectivo das formas verbais, ênfase em referentes ou na ação.

Muitas das observações acima podem ser traduzidas nas seis dimensões propostas por Biber (1988), com o objetivo de caracterizar diferentes textos: a dimensão (1) refere-se ao grau de envolvimento entre os interlocutores, que, de certa forma, relaciona-se com o uso da primeira pessoa; a dimensão (2) refere-se à

oposição entre um texto narrativo e não narrativo; a dimensão (3) trata da referência explícita *versus* à referência dependente da situação; a dimensão (4) diz respeito à expressão direta da persuasão, e está presente nas cartas de leitor e nos artigos de opinião; a dimensão (5) considera a informação como abstrata ou como não abstrata, o que distingue, por um lado, as crônicas e artigos de opinião, associadas a alto nível de abstração, e, de outro, as reportagens, notícias e cartas de leitor, com um nível mais baixo de abstração; a dimensão (6) refere-se à elaboração informacional em tempo real, o que particulariza as entrevistas sociolinguísticas com relação aos outros textos.

As particularidades das entrevistas sociolinguísticas decorrem do fato de constituírem uma conversa, normalmente entre dois interlocutores, a respeito de assuntos variados, relacionados ao cotidiano do falante, suas experiências de vida, questões esportivas, políticas, econômicas ou ligadas a preocupações mais imediatas, como a vida e os problemas do bairro. Caracterizam-se ainda pela prevalência de formas verbais de primeira pessoa, seja na descrição de atividades cotidianas ou na defesa de pontos de vista, seja nos relatos de experiências pessoais anteriormente vividas pelo entrevistado e de formas verbais de presente e de passado. A elaboração da informação se faz em tempo real, a referência é dependente do contexto. A relação não inteiramente simétrica entre entrevistador e entrevistado possibilita o uso de gírias, de expressões informais e de pronomes de tratamento que indicam maior informalidade. Do ponto de vista do tipo de texto, as entrevistas conjugam trechos essencialmente narrativos com trechos descritivos, expositivos e argumentativos.

Os critérios apresentados permitem caracterizar igualmente os diversos textos escritos como gêneros distintos. Com relação ao primeiro critério, as cartas de leitor e grande parte dos artigos de opinião caracterizam-se pela predominância da primeira pessoa verbal, o que pode ser tomado como índice de maior envolvimento do escritor. Já as reportagens e notícias são textos escritos na terceira pessoa, o que as distancia de seu produtor, caracterizando menor envolvimento do locutor.

A predominância da primeira ou terceira pessoa pode traduzir ainda a maior ou menor subjetividade dos textos. Assim, as cartas e os artigos de opinião são textos que primam pela subjetividade, pois seus produtores apresentam seus pontos de vista, expressam sua opinião sobre o assunto abordado, criticam posições tomadas por políticos, esportistas e outras personalidades. Nas cartas de leitor, os

escritores chegam a apresentar sugestões de como um determinado problema pode ser resolvido pelas autoridades, a partir da sua perspectiva. As crônicas também podem ser consideradas textos preferencialmente subjetivos, pois os autores quase sempre escrevem a partir de seu ponto de vista, apesar de nem sempre escreverem em primeira pessoa. As reportagens e notícias são textos isentos de marcas pessoais explícitas, voltadas para a informação de fatos concretos, não abstratos, e fortemente marcadas pela narratividade.

Ao considerar o tipo textual[4] predominante em cada gênero jornalístico, podemos distinguir claramente as cartas e os artigos de opinião, cuja intenção é argumentar em favor de uma determinada posição e convencer os leitores a partir de estratégias argumentativas, das reportagens e notícias, por exemplo. São textos caracterizados pelo que Biber (1988) denomina expressão aberta da persuasão. As crônicas, por sua vez, podem assumir uma estrutura tanto argumentativa quanto narrativa, dependendo do jornal em que foram publicadas, do autor e do assunto tratado. As reportagens e notícias são textos diferenciados dos demais, pois são caracterizados como informativos – ou descritivos -, têm o compromisso com a informação aparentemente precisa e confiável e com isso são mais formais e não apresentam intenção persuasiva explícita.

Embora o compromisso com a veiculação de fatos objetivos, em princípio, verídicos, seja característico das reportagens e notícias, outros textos, como as crônicas, por exemplo, podem basear-se em fatos reais. O cronista quase sempre toma como matéria prima para suas produções as informações e os acontecimentos cotidianos, a partir dos quais faz uma análise pessoal, que pode consistir em uma crítica ou mesmo uma denúncia de caráter subjetivo. As cartas e os artigos também se baseiam em acontecimentos quase sempre reais, mas não necessariamente se comprometem com a veracidade das informações.

No capítulo seis deste trabalho, dedicado à análise das orações adverbiais de gerúndio, algumas das questões discutidas neste capítulo serão retomadas, a fim de verificar em que medida as orações de gerúndio podem estar correlacionadas ao gênero textual ou mesmo contribuir para caracterizá-lo.

---

[4] “Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Os tipos textuais na perspectiva do autor são: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

5 AMOSTRAS E METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado à apresentação das amostras que foram utilizadas na tese e à explicitação dos procedimentos metodológicos que foram utilizados no tratamento dos dados.

5.1 Amostras

Como já delimitado na introdução, nesta tese, focalizamos as orações de gerúndio com valor adverbial no discurso falado e escrito, buscando identificar as propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas mais gerais dessas estruturas e as suas possíveis particularidades em função da modalidade. Para tanto, fez-se necessária a utilização de amostras controladas que permitem, inclusive, uma análise de diferentes características textuais e discursivas.

A modalidade falada é representada neste estudo pela Amostra Censo (2000), constituída pelo grupo Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). No início da década de 80, esse grupo constituiu uma amostra de entrevistas sociolinguísticas gravadas com falantes da cidade do Rio de Janeiro, a Amostra Censo (1980) ou *Corpus* Censo (1980), com o objetivo de estudar processos de variação e mudança (PAIVA e DUARTE, 2003)[1] e oferecer material de análise a pesquisadores da linguagem. Essa amostra é estratificada de acordo com as variáveis sexo (homem/mulher), idade (07 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos) e escolaridade (Fundamental 1, Fundamental 2 e Ensino Médio).

Com o intuito de investigar a mudança em tempo real de curta duração, no período de 1999 a 2000, o mesmo grupo organizou uma nova amostra da comunidade de fala carioca, constituída agora de 32 falantes, mas estratificada da mesma forma que a Amostra Censo (1980), de forma a garantir a comparabilidade dos dois *corpora*. Os falantes desta amostra foram distribuídos aleatoriamente por diferentes bairros do Rio de Janeiro, com o objetivo de respeitar a diversidade sociocultural e geográfica desta cidade (PAIVA e DUARTE, 2003). No quadro 1

[1] A partir da Amostra Censo, foi realizado também o recontato com 16 falantes, que foram novamente entrevistados. Essas gravações, comparadas com aquelas realizadas em 1980, permitem estudos do tipo painel, ou seja, estudos de mudança no indivíduo (PAIVA e DUARTE, 2003).

abaixo, reproduzido das autoras, estão relacionados os 32 falantes que compõem a amostra[2]:

Quadro 1: Amostra Censo (2000)

FALANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	BAIRRO
1- Mca	Feminino	9 anos	Fundamental 1	São Conrado
2- Raf	Masculino	14 anos	Fundamental 1	Campinho
3- Rom	Masculino	14 anos	Fundamental 2	B. de Guaratiba
4- Rob	Feminino	14 anos	Fundamental 2	Camorim
5- And	Masculino	21 anos	Fundamental 1	Pechincha
6- Ale	Masculino	19 anos	Fundamental 1	São Cristóvão
7- AdrR	Feminino	21 anos	Fundamental 1	Realengo
8- Cris	Feminino	25 anos	Fundamental 1	Botafogo
9- Fil	Masculino	15 anos	Fundamental 2	Jacarepaguá
10- Isa	Masculino	19 anos	Fundamental 2	Campo Grande
11- Mir	Feminino	15 anos	Fundamental 2	Santa Tereza
12- And	Feminino	15 anos	Fundamental 2	Maria da Graça
13- Gla	Masculino	21 anos	Ensino Médio	Penha
14- Gil	Feminino	20 anos	Ensino Médio	Recreio
15- Pat	Feminino	26 anos	Fundamental 1	Leblon
16- Car	Masculino	48 anos	Fundamental 1	Copacabana
17- Sim	Feminino	27 anos	Fundamental 1	Horto/Lagoa
18- Luc	Feminino	49 anos	Fundamental 1	Cascadura/Irajá
19- Jor	Masculino	37 anos	Fundamental 2	Vila Isabel
20- Rei	Masculino	47 anos	Fundamental 2	M. Hermes
21- Cla	Feminino	33 anos	Fundamental 1	Paquetá
22- Ana	Feminino	34 anos	Fundamental 2	Todos os Sant.
23- Fla	Masculino	26 anos	Ensino Médio	Ilha do Govern.
24- Adr	Feminino	36 anos	Ensino Médio	Flamengo
25- Aug	Masculino	54 anos	Fundamental 2	Tijuca/Usina
26- Man	Masculino	51 anos	Fundamental 1	Grajaú
27- Zil	Feminino	69 anos	Fundamental 1	Bonsucesso
28- Ter	Feminino	69 anos	Fundamental 1	Vidigal
29- Ra	Masculino	67 anos	Fundamental 2	Estácio
30- Mar	Feminino	61 anos	Fundamental 2	Pavuna
31- Tad	Masculino	50 anos	Ensino Médio	Saúde
32- Euc	Feminino	55 anos	Ensino Médio	Barra

(Reproduzido de PAIVA e DUARTE 2003, p. 24 e 25)

Uma vez gravadas e transcritas[3], as entrevistas disponibilizam material para o estudo de diferentes fenômenos linguísticos, em diferentes níveis, inclusive aspectos mais ligados à organização do discurso.

A modalidade escrita é representada neste estudo por textos coletados, pela equipe do PEUL, entre os anos de 2002 e 2004, em quatro jornais da cidade do

[2] Para a busca das orações adverbiais de gerúndio que constituem o *corpus* de fala desta pesquisa, foram utilizadas as 32 entrevistas.

[3] A transcrição das entrevistas gravadas é semi-ortográfica, procurando reproduzir a forma como as palavras foram pronunciadas, sem notar, no entanto, os detalhes fonéticos.

Rio de Janeiro, sendo eles: *Jornal do Brasil, O Globo, Extra e Povo*. Esses textos são representativos de diversos gêneros: Cartas, Crônicas, Editoriais, Horóscopos, Notícias e Reportagens, Opinião. Neste estudo, nos restringiremos à amostra de cartas, crônicas, notícias/reportagens e textos de opinião, por duas razões: a) constituem textos de maior produtividade para nosso objeto de estudo; b) esses textos são representativos de diferentes objetivos comunicativos e de diferentes níveis de formalidade. Foram consultados 350 textos, 75 cartas de leitor, 100 artigos de opinião, 75 crônicas e 100 reportagens e notícias.

Nos quadros a seguir estão relacionados os textos utilizados, organizados por gênero e com indicações relativas ao jornal de onde eles foram retirados e a data da sua publicação.

Quadro 2: Cartas de leitor

1.	Extra 16-12-03
2.	Extra 17-12-03
3.	Extra 19-12-03
4.	Extra 21-12-03
5.	Extra 29-12-03
6.	Extra 31-12-03
7.	Extra 01-01-04
8.	Extra 02-01-04
9.	Extra 03-01-04
10.	Extra 04-01-04
11.	Extra 05-01-04
12.	Extra 06-01-04
13.	Extra 07-01-04
14.	Extra 09-01-04
15.	Extra 10-01-04
16.	Extra 11-01-04
17.	Extra 12-01-04
18.	Extra 13-01-04
19.	Extra 14-01-04
20.	Extra 15-01-04
21.	Extra 17-01-04
22.	Extra 18-01-04
23.	Extra 19-01-04
24.	Extra 20-01-04
25.	Extra 21-01-04
26.	JB 27-02-04
27.	JB 04-03-04
28.	JB 05-03-04
29.	JB 06-03-04
30.	JB 07-03-04
31.	JB 08-03-04
32.	JB 09-03-04

33.	JB 10-03-04
34.	JB 19-03-04
35.	JB 21-03-04
36.	JB 22-03-04
37.	JB 23-03-04
38.	JB 26-03-04
39.	JB 27-03-04
40.	JB 28-03-04
41.	JB 29-03-04
42.	JB 30-03-04
43.	JB 16-04-04
44.	JB 20-04-04
45.	JB 21-04-04
46.	JB 22-04-04
47.	JB 23-04-04
48.	JB 26-04-04
49.	JB 27-04-04
50.	JB 28-04-04
51.	O Globo 19-02-04
52.	O Globo 23-02-04
53.	O Globo 24-02-04
54.	O Globo 25-02-04
55.	O Globo 26-02-04
56.	O Globo 27-02-04
57.	O Globo 28-02-04
58.	O Globo 29-02-04
59.	O Globo 04-03-04
60.	O Globo 05-03-04
61.	O Globo 06-03-04
62.	O Globo 07-03-04
63.	O Globo 08-03-04
64.	O Globo 09-03-04
65.	O Globo 10-03-04
66.	O Globo 11-03-04
67.	O Globo 12-03-04
68.	O Globo 13-03-04
69.	O Globo 15-03-04
70.	O Globo 16-03-04
71.	O Globo 18-03-04
72.	O Globo 19-03-04
73.	O Globo 20-03-04
74.	O Globo 21-03-04
75.	O Globo 22-03-04

As cartas analisadas nesta pesquisa foram escritas por diferentes pessoas, de diferentes cidades do país,[4] embora com predomínio de leitores cariocas, cujos níveis de escolaridade, profissão e idade não são informados nos textos. Como já foi observado por Duque (2008), o propósito comunicativo do escritor das cartas varia

[4] Em cada uma das cartas, o leitor identifica-se pelo nome e pela cidade onde reside.

bastante de acordo com o veículo em que são publicadas. No Jornal do Brasil e no O Globo, as cartas têm como objetivo comunicativo o posicionamento do locutor a respeito de reportagens, notícias, artigos e outras matérias publicadas no jornal; no jornal Extra, a intenção do leitor é quase sempre denunciar um problema recorrente nas imediações onde mora ou reclamar de um fato recente na política ou na economia do país.

Quadro 3: Crônicas

1.	JB 03-09-02 A língua, acima e abaixo da superfície – Millôr
2.	JB 04-03-04 Loteria, bingo e lavagem de dinheiro - Ives Gandra da Silva Martins
3.	JB 04-03-04 O Brasil patinou em 2003 - Antônio Corrêa de Lacerda
4.	JB 04-03-04 O Ipês e a ideologia do golpe - Denise Assis
5.	JB 04-09-02 A língua abaixo e acima da superfície – Millôr
6.	JB 05-10-02 Sem título-Millôr
7.	JB 06-03-04 A mentira alimenta o crime - Denise Frossard
8.	JB 06-03-04 Noções de ludologia - Alberto Dines
9.	JB 08-03-04 Mulher para sempre - Heloneida Studart
10.	JB 08-03-04 Perdas e ganhos - Lúcia Vânia
11.	JB 08-03-04 Umas e outras - Maria Clara L. Bingemer
12.	JB 09-03-04 Luma, a pátria de biquíni e blusinha - Deonísio da Silva
13.	JB 09-03-04 Por que reforma política - Ronaldo Caiado
14.	JB 09-03-04 Rodízio de auditores - para que serve - Hugo Rocha Braga
15.	JB 18-10-02 Sem título – Millôr
16.	JB 19-10-02 A bíblia fala da sucessão – Millôr
17.	JB 20-10-02 Por um Brasil sem medo-Fritz Utzerid
18.	JB 21-10-02 Resposta talvez ambígua - Millôr
19.	JB 22-10-02 Sem título – Millôr
20.	JB 23-10-02 William Shakespeare fala sobre a sucessão – Millôr
21.	JB 25-10-02 Sem título – Millôr
22.	JB 27-08-02 Sem título – Millôr
23.	JB 27-10-02 Sem título – Sem autor
24.	JB 29-10-02 Sem título – Millôr
25.	JB 31-10-02 Cinco Meia dúzia de Nohtas – Millôr
26.	O Globo 01-06-03 Privilégios da terceira idade – João Ubaldo Ribeiro
27.	O Globo 01-10-02 Dar-se conta – Verissimo
28.	O Globo 01-11-02 Depois do banho - Verissimo
29.	O Globo 02-11-02 – Grande Loredano – Verissimo
30.	O Globo 02-11-02 Lula no coração do Brasil – Zuenir Ventura
31.	O Globo 03-06-03 Bandidos, vítimas & carteiros – Luis Garcia
32.	O Globo 03-10-02 Melada – Verissimo
33.	O Globo 03-11-03 A russa do Maneco - Verissimo
34.	O Globo 04-10-02 O que vem por aí – Verissimo
35.	O Globo 05-10-02 A reinauguração – Verissimo
36.	O Globo 05-10-02 Crônica do medo geral – Zuenir Ventura
37.	O Globo 10-09-02 Onze do nove (um) – Verissimo
38.	O Globo 11-09-02 Onze do nove (dois) – Verissimo
39.	O Globo 12-09-02 Onze do nove (três) - Verissimo
40.	O Globo 16-08-02 De Bob Fleming a Joe Bean - Verissimo

41.	O Globo 17-01-03 Petróleo solto, arroz grudento - Luiz Garcia
42.	O Globo 18-01-03 Cacá é brasileiro - Zuenir Ventura
43.	O Globo 18-10-02 Interação (2) - Verissimo
44.	O Globo 19-10-02 Contra o medo, Fernando Henrique - Zuenir Ventura
45.	O Globo 19-10-02 Da ironia - Verissimo
46.	O Globo 20-10-02 A mosca no nariz - Verissimo
47.	O Globo 20-10-02 Sobre a patrulha ideológica - Artur Xexeu
48.	O Globo 21-10-02 Amedrontado - Mauro Rasi
49.	O Globo 22-10-02 Falta de prática - Verissimo
50.	O Globo 23-10-02 O Milagre do melodrama dos anos 50 - Artur Xexeu
51.	Povo 01-11-03 Finados - José Carlos Netto
52.	Povo 04-11-03 Sinteco - José Carlos Netto
53.	Povo 06-11-03 Comemoremos - José Carlos Netto
54.	Povo 08-11-03 Cidade do Samba - José Carlos Netto
55.	Povo 11-11-03 Degraus da felicidade - José Carlos Netto
56.	Povo 13-11-03 Terreirão do Samba - José Carlos Netto
57.	Povo 15-11-03 O samba e o turismo - José Carlos Netto
58.	Povo 18-11-03 O melhor samba - José Carlos Netto
59.	Povo 27-11-03 Elso Macula - José Carlos Netto
60.	Povo 18-12-03 Debutantes - José Carlos Netto
61.	Povo 03-01-04 Samba em busca da redenção - José Carlos Netto
62.	Povo 06-01-04 Império Serrano - José Carlos Netto
63.	Povo 08-01-04 20 anos Banda da Barra - José Carlos Netto
64.	Povo 13-01-04 Império na Avenida - José Carlos Netto
65.	Povo 15-01-04 Fiel leitor - José Carlos Netto
66.	Povo 17-01-04 Comunidades - José Carlos Netto
67.	Povo 20-01-04 Saravá, Bastião - José Carlos Netto
68.	Povo 22-01-04 Carnaval de Rua - José Carlos Netto
69.	Povo 16-02-04 Boatos - José Carlos Netto
70.	Povo 11-03-04 Cabelo em Pé – José Carlos Netto
71.	Povo 16-03-04 Quesitos - José Carlos Netto
72.	Povo 18-03-04 Júri inédito - José Carlos Netto
73.	Povo 23-03-04 O desempate - José Carlos Netto
74.	Povo 13-04-04 Monarco - José Carlos Netto
75.	Povo 20-04-04 Seu Juvenal - José Carlos Netto

Os jornais nos quais foram coletadas as crônicas (O Globo, Jornal do Brasil e Povo) contam com um grupo de cronistas mais ou menos fixo, como Luis Fernando Verissimo, Millôr, Zuenir Ventura e José Carlos Netto, escritores responsáveis pela coluna da crônica em determinados dias da semana.

Quadro 4: Notícias e Reportagens

01	Extra 04-06-03 Apólices variam por bairros – Sem autor (R)
02	Extra 04-06-03 Corretora enterrada em Irajá - Sem autor (N)
03	Extra 04-06-03 Explode o roubo de veículos - Marcelo Chimento (R)
04	Extra 04-06-03 Preso acusado do arrastão do fim de semana na Ilha - Sem autor (N)
05	Extra 05-06-03 Agentes do Desipe vão depor contra Chiquinho - Sem autor (N)
06	Extra 05-06-03 Ano letivo em câmera lenta - Jorge Eduardo Machado (R)

07	Extra 05-06-03 Atraso põe sonho em xeque - Sem autor (R)
08	Extra 05-06-03 Nilópolis surpreende na educação – Giampaolo Braga (R)
09	Extra 05-01-04 Alvinegro e Cruzeiro no páreo - Sem autor (N)
10	Extra 05-01-04 Mordomia zero no Chile - Sem autor (R)
11	Extra 05-01-04 Um africano na Gávea - Sem autor (N)
12	Extra 05-01-04 Uma desacelerada nas multas – Marcelo Chimento (R)
13	Extra 07-01-04 Concorrência que alivia - Sem autor (N)
14	Extra 07-01-04 De olho nos apressados - Elaine Duim (R)
15	Extra 07-01-04 Fla volta com novas caras - Maura Ponce de Leon (R)
16	Extra 07-01-04 Leandrinho dá show no Phoenix - Sem autor (N)
17	Extra 07-01-04 Marcelinho anunciado - Sem autor (R)
18	Extra 08-01-04 Na quadra, doze que valem por um – Maura Ponce de Leon (R)
19	Extra 11-01-04 Ilha e Maré vão ter câmeras nas ruas – Sem autor (N)
20	Extra 11-01-04 Irmã de Vitor Belfort está desaparecida - Sem autor (N)
21	Extra 13-01-04 De ex-desafeto a anfitrião cordial – Sem autor (R)
22	Extra 13-01-04 Espera do Fla pela volta de Edilson dura mais um dia - Sem autor (N)
23	Extra 13-01-04 Guga vence de virada - Sem autor (R)
24	Extra 13-01-04 Popó e Éder Jofre um abraço e paz – Sem autor (N)
25	Extra 13-01-04 Salário ameniza a crise - Sem autor (N)
26	JB 17-09-02 Estudantes protestam em Caxias - Sem autor (N)
27	JB 17-09-02 Mais PMs na linha amarela - Sem autor (N)
28	JB 23-10-02 Fuga pára escola em S. Gonçalo - Sem autor (N)
29	JB 23-10-02 Polícia estoura cativeiro - Sem autor (N)
30	JB 23-10-02 Servidor vai para o fim da fila - Sem autor (R)
31	JB 23-10-02 Tiroteio acorda Copacabana - Sem autor (N)
32	JB 24-10-02 Chuva alaga conselho tutelar - Sem autor (N)
33	JB 24-10-02 Operação é criticada - Sem autor (R)
34	JB 24-10-02 Polícia ocupa a Rocinha - Sem autor (N)
35	JB 24-10-02 Tentativa de fuga e rebelião em Bangu - Sem autor (N)
36	JB 25-10-02 Câmara pressiona César - Sem autor (N)
37	JB 05-03-04 Aperitivo para o clássico - Sem autor (N)
38	JB 06-03-04 Alex Alves volta ao Botafogo para fazer gol - Sem autor (N)
39	JB 06-03-04 Brasil e Portugal clássico das areias – Sem autor (N)
40	JB 06-03-04 O ídolo de volta ao Fluminense - Pedro Lemos (R)
41	JB 08-03-04 Felipe de volta ao Flamengo - Márcio Mará (R)
42	JB 08-03-04 Ricardo ressalta má forma física - Sem autor (N)
43	JB 09-03-04 Fla volta a ter esperanças na Taça Rio - Luiz Augusto Nunes (R)
44	JB 09-03-04 Flu em regime de concentração - Pedro Lemos (R)
45	JB 09-03-04 Roberto Carlos reclama de punição - Sem autor (N)
46	JB 10-03-04 Valdir elogia astros do Vasco - Sem autor (N)
47	JB 10-03-04 Levir exige respeito ao Cabofriense - Sem autor (N)
48	JB 10-03-04 Real e Bayern decidem vaga - Sem autor (N)
49	JB 10-03-04 Valdir em estado de graça - Sem autor (N)
50	JB 19-03-04 Aumento à vista para os federais – Sem autor (N)
51	O Globo 25-09-02 Chuva de um dia quase iguala índice do mês - Letícia Matheus (N)
52	O Globo 25-09-02 Lagoa poderá ter nova mortandade - Selma Schmidt (R)
53	O Globo 25-09-02 O mural do tráfico no batalhão da PM - Taís Mendes e Célia Costa (N)
54	O Globo 25-09-02 Polícia suspeita de outro agente penitenciário - Antônio Werneck e Vera Araújo (R)
55	O Globo 18-10-02 Rio deve ter Forças Armadas no 2º turno - Ana Paula Macedo,

	Carolina e Brígido e Evandro Éboli (N)
56	O Globo 23-10-02 Choque de ordem dura quatro horas - Jorge Eduardo Machado (N)
57	O Globo 24-10-02 Barra e Recreio ganham um pacote de obras - Selma Schmidt (R)
58	O Globo 24-10-02 Suspeito de ter assaltado ônibus é preso pela PM - Sem autor (N)
59	O Globo 25-10-02 Rosinha negocia acordo para governar - Alan Cripp (R)
60	O Globo 25-10-02 Ufrj aprova 1ª parte de seu plano de segurança - Jorge e. Machado (R)
61	O Globo 26-10-02 Presos tinham plano para fugir - Renato Garcia (N)
62	O Globo 28-10-02 Abastecimento de água na cidade vai ser suspenso por 24 horas na quarta - Eduardo Fradkin (R)
63	O Globo 28-10-02 Celsinho fica em galeria isolada me Bangu I – Sem autor (N)
64	O Globo 04-03-04 Aílton vira estrela de aluguel do Qatar - Graça Magalhães (R)
65	O Globo 04-03-04 Brasil enfrenta Paraguai sem ter como treinar - Antonio Maria Filho (N)
66	O Globo 04-03-04 Flu admite esperar Vanderlei, mas quer encontrá-lo hoje - Fábio Juppa (R)
67	O Globo 05-03-04 Fla busca antídoto para a Felipedependência - Ary Cunha (N)
68	O Globo 05-03-04 Pelé se explica, tinhamos de olhar o futebol como um todo - Fernando Duarte (R)
69	O Globo 05-03-04 Sempre rima fácil com confusão - Sem autor (R)
70	O Globo 06-03-04 Fifa vai impedir formação dos times de aluguel - Sem autor (N)
71	O Globo 06-03-04 Levir troca treino por conversa em busca de união para vencer América - Marcos Penido (R)
72	O Globo 06-03-04 Time tricolor ainda não terá o dedo do novo técnico amanhã - Sem autor (N)
73	O Globo 10-03-04 Encontro de líderes na Serra - Márcio Tavares (R)
74	O Globo 10-03-04 Juninho põe Lyon entre os oito melhores na Liga - Sem autor (N)
75	O Globo 10-03-04 Líder, Flamengo enfrenta equipe do Casa Branca - Sem autor (N)
76	Povo 07-01-03 Peritos do INSS vão receber - Sem autor (N)
77	Povo 16-03-03 Campanha para reduzir a jornada de trabalho - Sem autor (N)
78	Povo 01-06-03 O vinil ainda resiste - Eliane Benício (R)
79	Povo 02-06-03 Bom, bonito e barato - Sem autor (R)
80	Povo 02-06-03 O tempo voa e a feira de Ipanema continua boa - Sem autor (R)
81	Povo 03-06-03 Rocinha respira cultura – Adriana Diniz (R)
82	Povo 06-06-03 Por um mundo mais verde – Sem autor (R)
83	Povo 19-12-03 Juliano é o primeiro reforço do flamengo - Sem autor (N)
84	Povo 19-12-03 Ricardo Gomes perde a paciência - Sem autor (N)
85	Povo 19-12-03 Edmundo rompe com o Vasco mais uma vez - Sem autor (N)
86	Povo 19-12-03 Nenê segue brilhando - Sem autor (N)
87	Povo 29-12-03 Acerto com Castilho é cancelado após nova confusão na Gávea - Sem autor (N)
88	Povo 29-12-03 Botafogo espera novos parceiros para reforçar o time - Sem autor (N)
89	Povo 29-12-03 Euller é confirmado e Espinosa está quase lá - Sem autor (N)
90	Povo 29-12-03 Paulistas vencem cariocas e igualam o Desafio na Areia - Sem autor (N)
91	Povo 29-12-03 Ramon dá sinais de que voltará ao Vasco - Sem autor (N)
92	Povo 31-12-03 2003 - um ano de glórias – Sem autor (R)

93	Povo 31-12-03 Rivaldo aceita jogar no Rio - Sem autor (N)
94	Povo 04-01-04 Sandro vê Botafogo com chances - Sem autor (N)
95	Povo 07-01-04 Acidentes ferem 35 - Sem autor (N)
96	Povo 07-01-04 Lei para transporte alternativo dá polêmica - Sem autor (N)
97	Povo 07-01-04 Mãe de Nei Sapo é enterrada - Sem autor (N)
98	Povo 07-01-04 Matou namorada a facadas por ciúme - Sem autor (N)
99	Povo 07-01-04 Rapaz confessa que matou - Adriana Diniz (N)
100	Povo 09-01-04 Bandidos expulsam PM da própria casa - Sem autor (N)

Na amostra de escrita utilizada, a maioria das notícias e reportagens não é assinada, embora alguns poucos textos venham com o nome do responsável pela matéria. Como já explicamos no capítulo 4, juntamos os dois gêneros no mesmo grupo. É possível constatar, no entanto, certa variação entre eles, conforme o jornal onde são publicados: notícias e reportagens publicadas no O Globo e no Jornal do Brasil são mais formais, em oposição às que são publicadas no Extra e no Povo, que parecem ser menos formais. Essa diferença pode estar associada à diferença nos assuntos tratados nas reportagens/notícias de cada tipo de jornal.

Quadro 5: Artigos de opinião

01	Extra 18-12-03 Profissionalismo - Cláudio Mello e Souza
02	Extra 21-12-03 Velho futebol jovem - Cláudio Mello e Souza
03	Extra 29-12-03 O Salvador - João Areosa
04	Extra 31-12-03 Viva a diferença! - João Areosa
05	Extra 02-01-04 Saindo do Buraco - João Areosa
06	Extra 05-01-04 Batendo com arte - João areosa
07	Extra 07-01-04 De boca aberta – João Areosa
08	Extra 10-01-04 Limpando o ninho - João Areosa
09	Extra 16-01-04 Copa sob suspeita - João Areosa
10	Extra 17-01-04 Bravos chilenos – João Areosa
11	Extra 19-01-04 Diego neles! - João Areosa
12	Extra 21-01-04 Soltem os touros! - João Areosa
13	Extra 11-03-04 O time do Abedí - Cláudio Mello e Souza
14	Extra 15-03-04 Olha a poeira! - João Areosa
15	Extra 17-03-04 Golpe de mestre - João Areosa
16	Extra 18-03-04 Fotos não reveladas - Cláudio Mello e Souza
17	Extra 19-03-04 Deve ser gozação - João Areosa
18	Extra 22-03-04 Domingo de peladas - João Areosa
19	Extra 23-03-04 O bebê de Rosemary -Cláudio Mello e Souza
20	Extra 24-03-04 A enquete - João areosa
21	Extra 25-08-04 Sim e não - Cláudio Mello e Souza
22	Extra 26-08-04 Não deu para convencer - Cláudio Mello e Souza
23	Extra 30-08-04 Azar é o deles Alaide Pires
24	Extra 31-08-04 No país do Policarpos - Cláudio Mello e Souza
25	Extra 02-09-04 Deus e o diabo - Cláudio Mello e Souza
26	JB 01-11-02 Depois da eleição - Newton Rodrigues
27	JB 01-11-02 Está na hora de viajar - Villas-Bôas Corrêa
28	JB 01-11-02 O Quebra-cabeças - Maria Lúcia Dahl

29	JB 02-06-03 Como esses primitivos - Luiz Edgard de Andrade
30	JB 02-06-03 Controle externo do Judiciário - Hélio Bicudo
31	JB 02-06-03 Debandada de cérebros - Noel de Carvalho
32	JB 02-06-03 Declínio da constituição - N. Doreste Baptista
33	JB 02-06-03 Lula e o enigma do dragão celeste - Miguel Borges
34	JB 02-06-03 O empreendedorismo e as prefeituras - Celina Amaral Peixoto
35	JB 02-06-03 Salvem nossas sardinhas - Marcus Barros Pinto
36	JB 03-06-03 Bem pior que a encomenda - Dora Kramer
37	JB 03-06-03 Medo do melhor - Nelson Hoineff
38	JB 03-06-03 Misterioso vídeo de Fidel para Tancredo - Deonísio da Silva
39	JB 05-03-04 'Annus terribilis'- José sarney
40	JB 05-03-04 O esforço fiscal do Estado do Rio - Henrique Bellúcio
41	JB 05-03-04 Ressonância Schumann – Leonardo Boff
42	JB 06-03-04 Para onde mesmo - Newton Rodrigues
43	JB 06-03-04 Respeito à vida - Dom Eugenio Sales
44	JB 07-03-04 Hora de mudar o azimute – Gaudêncio Torquato
45	JB 07-03-04 Compliações à vista - Antônio Ermírio de Moraes
46	JB 07-03-04 Dois segundos mandatos em questão - Gilberto Paim
47	JB 07-03-04 Ética e ou política – Emir Sader
48	JB 09-03-04 Por que reforma política – Ronaldo Caiado
49	JB 09-03-04 Luma, a pátria de biquíni e blusinha - Deonísio da Silva
50	JB 31-08-04 Onde está a democracia - Milton Temer
51	O Globo 01-06-03 Mídia e suicídios - Glaucio A. Dillon Soares
52	O Globo 01-11-02 Lei de Falências: um enfoque moderno – Paulo Cezar Aragão
53	O Globo 01-11-02 Quem paga o 'gato'? – Sérgio Malta
54	O Globo 02-11-02 Lembrando uma visita – D. Eugenio de Araujo Sales
55	O Globo 02-11-02 Lula e Lulas – Olavo de Carvalho
56	O Globo 03-11-02 Voltando, sem muita convicção – João Ubaldo Ribeiro
57	O Globo 03-11-03 Cachorros loucos – Merval Pereira
58	O Globo 04-10-02 Máscaras, tragédia e política – Tite de Lamare
59	O Globo 04-10-02 Um gringo vê as eleições – Claus Hecking
60	O Globo 19-02-04 É hora de reforma política – Eduardo Eugenio Gouvêia Vieira
61	O Globo 19-02-04 O difícil ofício de democrata – Marcio Moreira Alves
62	O Globo 19-02-04 O PT sem identidade – Antônio Lumbreiras Júnior
63	O Globo 21-10-02 Quem tem medo de Regina Duarte - Lourdes Sola
64	O Globo 21-10-02 Uma Alca sem atropelos - Nelson Brasil de Oliveira
65	O Globo 22-01-03 Desordem Urbana – Gilberto Velho
66	O Globo 22-01-03 Início de uma amizade histórica – Klaus Platz e Richard Barbeyron
67	O Globo 23-02-04 Bolchevismo tupiniquim – Denis Lerrer Rosenfield
68	O Globo 25-10-02 O fim (de semana) - Paulo Gouvea Vieira
69	O Globo 26-03-03 A tradição petista é um bom caminho – Élio Gaspari
70	O Globo 27-10-02 A vida real - Merval Pereira
71	O Globo 27-10-02 Ciência e Consciência – Marco Maciel
72	O Globo 28-10-02 A censura e as trevas Ricardo Cravo Albin
73	O Globo 28-10-02 Brasil um novo desafio - Francisco Antunes
74	O Globo 29-03-03 Denúncia assombrosa – Olavo de Carvalho
75	O Globo 29-10-02 Um patrimônio do Estado brasileiro - Luiz Felipe Lampreia
76	Povo 27-01-03 Noturna está equilibrada - Hércules Braga
77	Povo 31-01-03 Bonificações ainda atraem - Hércules Braga
78	Povo 01-05-03 Feriado tem boa programação - Hércules Braga
79	Povo 02-05-03 Temporada hípica definida - Hércules Braga
80	Povo 03-05-03 Potros decidem liderança - Hércules Braga

81	Povo 04-05-03 Equillibrado o criterium – Hércules Braga
82	Povo 05-05-03 Pules boas podem acontecer - Hércules Braga
83	Povo 08-05-03 Semana de ótimos programas - Hércules Braga
84	Povo 09-05-03 Bonificações são atraentes - Hércules Braga
85	Povo 10-05-03 Clássico e grande prêmio - Hércules Braga
86	Povo 11-05-03 Gávea tem show de emoções - Hércules Braga
87	Povo 12-05-03 Pesos especiais é atração - Hércules Braga
88	Povo 17-05-03 Prova Especial - Hércules Braga
89	Povo 19-05-03 Muitos páreos de claiming - Hércules Braga
90	Povo 23-05-03 Reunião muito equilibrada - Hércules Braga
91	Povo 25-05-03 Handicap e pesos especiais - Hércules Braga
92	Povo 26-05-03 Noturna promete boa renda - Hércules Braga
93	Povo 29-05-03 Campeão segue disparando - Hércules Braga
94	Povo 30-05-03 Quinexata ainda é atração - Hércules Braga
95	Povo 31-05-03 GP vai atrair turfistas - Hércules Braga
96	Povo 25-10-03 Pesos especiais é atração - Hércules Braga
97	Povo 28-10-03 Movimento surpreendente - Hércules Braga
98	Povo 01-11-03 Clássico Otávio Dupont - Hércules Braga
99	Povo 08-11-03 Prova Especial e Handicap - Hércules Braga
100	Povo 15-11-03 Sabatina bem equilibrada - Hércules Braga

Os artigos de opinião que compõem a amostra são escritos por diferentes articulistas. Alguns deles integram o quadro dos próprios jornais e outros são cidadãos de reconhecido conhecimento na área sobre a qual opinam.

É importante destacar, dada a maior preocupação com aspectos ligados à estratificação das amostras, que elas diferem no que se refere à sua extensão, principalmente se considerarmos o número de *types* e de sentenças. Através do processamento da concordância das duas amostras, realizado através do Programa Concordance 3.2[5], contabilizamos a frequência *type* (cada palavra diferente) e a frequência *token* (número total de palavras) dos itens lexicais, assim como o número de sentenças das duas amostras, como mostra o quadro 6:

Quadro 6: Extensão das amostras de fala e de escrita

	Amostra Censo (2000)	**Amostra da escrita**
Número de types	22.145	57.345
Número de tokens	280.548	618.754
Número de sentenças	48.739	14.081

[5] O programa utilizado foi desenvolvido por T.J.C. Watt, da Universidade de Dundee, na Inglaterra, e pode ser obtido no endereço: www.concordancesoftware.co.uk.

Como notamos, o número de *types* e de *tokens* na modalidade falada é significativamente menor em relação ao da amostra de escrita. Do ponto de vista lexical, pode-se dizer então que a amostra de escrita apresenta maior densidade do que a fala. As duas amostras distinguem-se significativamente também no número de sentenças que é quase quatro vezes maior na fala do que na escrita. Essa diferença pode ser devida à estrutura das sentenças nas duas modalidades: na fala, há construções sentenciais mais curtas, mais fragmentadas, enquanto que na escrita essas estruturas são mais extensas, com maior número de palavras em cada sentença.

Para a análise das orações adverbiais de gerúndio, baseamo-nos no parâmetro número de sentenças, tomando-o como um índice de mensuração da incidência de orações de gerúndio nas duas modalidades. Como veremos no capítulo 6, apesar de o número de sentenças na escrita ter sido menor, é nesta modalidade que encontramos maior ocorrência de orações de gerúndio com valores adverbiais.

5.2 Procedimentos metodológicos

Uma vez que nos concentramos no uso da língua, os procedimentos de análise adotados neste estudo são baseados, em grande parte, em modelos que permitem identificar a correlação dos diversos valores semânticos que emergem nos períodos constituídos com orações de gerúndio. Nossa primeira etapa de análise consistiu no levantamento das orações de gerúndio nas amostras de fala e de escrita, o que resultou, num primeiro momento, num total de 1.669 dados na modalidade falada e 1.842 na escrita.

Esses totais incluíam, no entanto, perífrases de gerúndio indicativas de aspecto progressivo, correspondendo à maior parte dos dados, orações de gerúndio relativas ou predicativas e orações de gerúndio com valor adverbial. Já adiantamos nossa surpresa por termos encontrado um número significativo de orações adverbiais de gerúndio, e mais surpresos ainda pelo grande número de orações adjetivas, pois partíamos do pressuposto de que essa forma de combinação de orações seria pouco produtiva, sobretudo na fala.

Como nosso objeto de estudo se restringe aos períodos complexos com orações de gerúndio nos quais emergem relações lógico-semânticas adverbiais, procedemos a uma seleção que excluiu as perífrases aspectuais de gerúndio, assim como as orações de gerúndio adjetivas (ou de predicado), exemplificadas em (01) e (02):

(01) Os moradores querem cobrar das autoridades providências para o acúmulo de lixo que toma conta da Rua Visconde de Seabra, no bairro Santa Luzia, em São Gonçalo. A coleta tem sido irregular e não é feita há 15 dias. Por causa disso, *estamos convivendo com a proliferação de ratos e o mau cheiro*. (Extra, Carta de leitor)

(02) As trabalhadoras compõem a maior parcela da população diretamente afetada pelos desalentadores indicadores econômicos. Do total de 2,4 milhões de pessoas *procurando trabalho em seis regiões metropolitanas analisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas em janeiro*, 54,4% eram mulheres. (Jornal do Brasil, Crônica)

Assim, selecionamos apenas as orações de gerúndio consideradas como *adverbiais*, aquelas que, relacionadas à oração núcleo, permitem a emergência de valores circunstanciais como os de tempo, modo, condição, finalidade, dentre outros, totalizando 200 dados, para a modalidade falada e 487 dados para a modalidade escrita. Dado o objetivo de identificar possíveis especificidades de cada modalidade no uso das orações de gerúndio, os dados de fala e escrita foram analisados separadamente e, a seguir, comparados entre si.

Como já foi explicitado, o foco central deste estudo é a ambiguidade das orações adverbiais de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português do Brasil. Buscamos verificar a hipótese de que cada relação semântica está associada a um feixe de propriedades que pode indicar graus diferentes de integração. Dessa forma, o ponto de partida da nossa análise são as diversas relações semânticas que podem emergir entre a oração de gerúndio e a sua núcleo. Assim, os dados coletados nas duas modalidades foram, num primeiro momento, agrupados e analisados separadamente de acordo com a relação semântica. Embora, como já mostrado no capítulo três, seja bastante extenso o rol de relações lógico-semânticas associadas às orações de gerúndio, nos concentramos na análise das que foram mais recorrentes nas amostras examinadas, quais sejam: modo, concomitância,

tempo, causa, condição, finalidade, concessão e consequência. Cada um desses subconjuntos foi analisado sob o prisma de um mesmo conjunto de propriedades, a fim de identificar, por um lado, as correlações mais pertinentes a cada relação semântica e, por outro, os traços que caracterizam as orações de gerúndio adverbiais como um todo.

Como já destacamos no capítulo 3, muitos autores admitem que o valor semântico da oração de gerúndio resulta muito mais de diversas características das duas orações relacionadas do que diretamente da forma de gerúndio. Assim, na análise das orações de gerúndio, consideramos tanto as propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas da oração núcleo quanto da própria oração de gerúndio.

No nível morfossintático, são consideradas as propriedades modo-temporais da oração núcleo, a forma de realização do sujeito da oração de gerúndio, a correferencialidade/não correferencialidade entre os sujeitos da núcleo e da oração de gerúndio e, ainda, a polaridade da oração (positiva ou negativa). Como a ausência de sujeito próprio e explícito parece ser um traço inerente das orações de gerúndio, pode-se esperar que sujeitos explícitos e não correferenciais nessas orações possam estar mais diretamente associados a algumas relações semânticas do que a outras e ocorram em contextos mais específicos.

No que se refere às propriedades modo-temporais da oração núcleo, diversos trabalhos já mostraram que a natureza perfectiva ou imperfectiva do estado de coisas descrito na núcleo pode favorecer ou mesmo bloquear determinadas interpretações (cf. ROYER, 2003, SIMÕES, 2007). Assim, partimos do pressuposto de que esse parâmetro interfere de forma mais significativa para a emergência de uma determinada relação circunstancial: enquanto a forma de presente na núcleo pode favorecer maior ambiguidade, as formas de passado poderiam favorecer interpretações mais específicas como temporal ou causal.

No nível semântico, são analisados o tipo de predicado das duas orações do período complexo e a sequencialidade entre os estados de coisas relacionados. No que se refere à sequencialidade podemos esperar que uma relação lógico-semântica como a de causa seja predominante em períodos nos quais se relacionam estados de coisas sequenciais, diferentemente do que ocorre com as relações de modo e de concomitância, para as quais o traço de simultaneidade é inerente.

No que se refere ao tipo de predicado, pressupomos que determinadas relações semânticas estão mais diretamente associadas com alguns tipos de verbo do que outras. Assim, por exemplo, dada a própria natureza da relação de modo, pode-se esperar que nas orações com essa relação lógico-semântica predominem verbos do tipo comportamental na oração matriz.

No nível discursivo, focalizamos mais especificamente o estatuto informacional da oração núcleo e da oração de gerúndio, procurando verificar a hipótese já colocada por outros autores (GRANGER, 1997, ROYER, 2003) de que as orações de gerúndio integram a parte remática dos enunciados. Ao correlacionar estatuto informacional e relação semântica, partimos do princípio de que orações de gerúndio temáticas ou com informação dada estariam associadas a interpretações semânticas mais específicas.

Já destacamos, também no capítulo 3, a hipótese de que, pelo menos em parte, o significado da oração de gerúndio resulta da sua posição no período. Neste estudo, partimos do pressuposto de que a oração de gerúndio possui uma ordem não marcada, a posposição. No entanto, a anteposição seria mais frequente para algumas relações de sentido, como as temporais e as condicionais, em razão do papel desempenhado por essas relações na organização tópica do discurso e na introdução de enquadramentos temporais.

Exclusivamente para a modalidade escrita, é analisada a distribuição das orações de gerúndio de acordo com o gênero textual. Como já destacamos na seção 5.1, os diferentes gêneros que compõem a amostra da modalidade escrita possuem características estruturais e interacionais diferenciadas. Através da análise da distribuição das orações de gerúndio circunstanciais de acordo com o gênero de texto escrito, pretendemos verificar a hipótese de que as orações de gerúndio predominem em gêneros de natureza mais argumentativa, como os artigos de opinião e as cartas de leitores, e seriam mais raras em textos como notícias e reportagens, de natureza mais descritiva.

Analisados de acordo com os parâmetros acima especificados, os dados foram submetidos a um processamento quantitativo, realizado, por razões de ordem prática, por meio do programa *Goldvarb*, 2001, capaz de contabilizar os dados de forma mais precisa. Os instrumentos estatísticos desse programa, principalmente o *makecell* e o *crosstab*, permitiram aferir a distribuição das orações de gerúndio de acordo com os parâmetros postulados e identificar a combinação de propriedades

mais fortemente associada a um ou outro valor semântico das orações de gerúndio nas duas modalidades analisadas. Numa segunda etapa, através da comparação dos resultados para os diferentes tipos semânticos de orações de gerúndio, torna-se possível discutir as propriedades mais gerais dessas estruturas e verificar a hipótese de que o grau de integração pode variar de acordo com a relação semântica codificada.

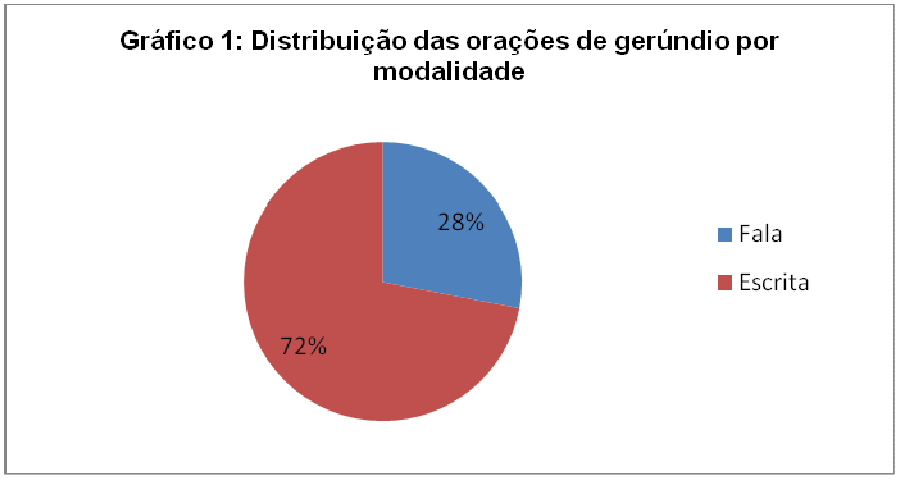
Os resultados obtidos na análise estatística são comparados com resultados obtidos na análise das orações adverbiais finitas, introduzidas por conectores, o que nos permite distinguir entre possíveis traços inerentes à própria relação lógico-semântica e as particularidades das orações de gerúndio.

Vários são os autores que nos lembram o fato de que os resultados estatísticos fornecidos pelo programa são apenas pistas que requerem interpretação. A significação dos resultados dentro de um modelo da linguagem é função dos linguistas, partindo de hipóteses de trabalho que já traduzem, de certa forma, uma visão teórica dos fatos da língua. Ressaltamos que a nossa interpretação, embora não negue a natureza estrutural das orações de gerúndio, procura identificar as motivações discursivo-funcionais que, a nosso ver, estão associadas ao uso dessas orações.

6 AS ORAÇÕES ADVERBIAIS DE GERÚNDIO

Este capítulo é dedicado à apresentação dos resultados obtidos na análise dos períodos complexos com orações de gerúndio nas modalidades falada e escrita do português, destacando os parâmetros mais relevantes para a caracterização das orações de gerúndio, organizados de acordo com a sua natureza, como foi explicitado na metodologia. Parâmetros que não mostraram correlações significativas na análise estatística são discutidos como índices adicionais na caracterização do grau de vinculação das orações de gerúndio.

No total, foram analisados 687 dados, distribuídos de forma bastante diferenciada de acordo com a modalidade, como mostra o gráfico 1:



O gráfico 1 deixa clara a predominância das orações de gerúndio na modalidade escrita, o que se torna ainda mais evidente quando consideramos a proporção dessas estruturas em relação ao número total de sentenças de cada uma das amostras, como mostrado na tabela 1.

Tabela 1- Frequência das orações de gerúndio na fala e na escrita em relação ao número de sentenças

Modalidade	Total de sentenças	Orações de gerúndio
Modalidade falada	48739	200 = 0,41%
Modalidade escrita	14081	487= 3,45%

Como notamos, apesar de o número total de sentenças ter sido maior na modalidade falada, é na escrita que as orações adverbiais de gerúndio são mais

produtivas, alcançando uma proporção significativamente maior, 3,45%, do que na fala, 0,41%. Essa distribuição é paralela à das orações de gerúndio com função adjetival, como mostra Garcia Reis (2004). Essa tendência é explicada por Simões (2007), em termos de formalidade. Retomando o autor:

> Os resultados obtidos para o século XX deixam bem clara a ideia aqui defendida de que esse tipo de gerúndio (as orações adverbiais de gerúndio) é mais frequente em contextos formais do que na escrita mais relaxada e nos enunciados de língua oral (SIMÕES, 2007, p. 286).

Um outro ponto a destacar refere-se ao fato de que a quase totalidade das orações de gerúndio coletadas nas amostras é de polaridade afirmativa (98,5% na fala e 98%, na escrita). Na modalidade falada, num total de 200 dados, apenas 3 possuem polaridade negativa, o que representa 1,5%. Na escrita, o percentual de orações de gerúndio com polaridade negativa é de 2%, equivalente a 9 casos[1]. Há indicações, portanto, de que as orações de gerúndio com funções circunstanciais, independentemente da relação semântica que realizam, associam-se a estados de coisas afirmativos.

6.1 Relação semântica entre a oração núcleo e a oração de gerúndio

Como detalhamos no capítulo 5, o ponto de partida desta análise são as relações de sentido que emergem entre a oração de gerúndio e sua oração núcleo, exemplificadas a seguir:[2]

a) Modo[3]:

(01) E: Me conta aí o que que aconteceu, como é que foi o capítulo de ontem?
F: Ah, o capítulo de ontem foi que... a novela Terra Nostra.... o Mateo não tinha arrumado emprego ainda *e a Juliana o consolava*, <u>falando para ele não ficar preocupado</u>, aí, vá, aconteceu muita coisa, só que eu num me lembro. (Amostra Censo 2000, fal.02)

---

[1] O exemplo a seguir, com valor concessivo, mostra um dos poucos casos de polaridade negativa: Infelizmente não estava enganada, *e sofro* <u>mesmo não estando mais aí</u>. (O Globo, Carta de leitor)

[2] A numeração dos exemplos será reiniciada, de forma que favoreça a localização.

[3] Em todos os exemplos a serem apresentados ao longo deste capítulo, as orações adverbiais de gerúndio são destacadas com sublinhado e as orações núcleo em itálico.

No exemplo (01), a oração adverbial de gerúndio – *falando para ele não ficar preocupado* – modifica a predicação da oração núcleo, indicando a forma como é realizada a ação de *consolar.* Uma evidência favorável a essa interpretação seriam paráfrases como: [...] *e a Juliana o consolava da seguinte forma/do seguinte modo: falando para ele não ficar preocupado*.

b) Concomitância:

(02) O local está alagado e os pedestres são obrigados *a passarem pelo meio da rua* arriscando suas vidas perto dos carros. (Extra, Carta de leitor)

No período acima, a oração de gerúndio expressa uma ação (arriscar sua vida) que ocorre simultaneamente à que expressa a oração núcleo (passar pelo meio da rua), a relação de concomitância constitui um tipo particular da relação temporal, mais especificamente a que sinaliza uma superposição temporal entre dois estados de coisas. A possibilidade de acrescentar sintagmas indicativos de simultaneidade, como por exemplo, *ao mesmo tempo*, *[...] os pedestres são obrigados a passarem pelo meio da rua ao mesmo tempo que arriscam suas vidas* - favorece a interpretação de que os estados de coisas relacionados possuem a mesma extensão temporal.

Inegavelmente, as relações de modo e de simultaneidade se assemelham, gerando ambiguidade em muitos exemplos do *corpus*. Acreditamos, no entanto, que as duas se distinguem, na medida em que envolvem nuances aspectuais diferentes. Além disso, podemos dizer que modo introduz uma relação mais ligada ao predicado da oração núcleo, enquanto simultaneidade relaciona o conteúdo das cláusulas na sua totalidade.

c) Condição:

(03) F: Eu acho que... Eu acho que isso tudo continua a mesma coisa, né? cada dia tá pior. E as criança sai na rua, a gente:... não sabe se vai voltá, tem muito sequestro. Meu filho é muito bonito. Eu tenho o maior medo. Eu mando ele pra escola sozinho, porque não tem como eu pegá ele. Tem...*talvez até dá*, dando um jeitinho. Mas é preguiça mesmo minha de descê. Ele é um garoto muito esperto, inteligente. Falo: “olha Evanderson, se vim alguém na rua, chamá, não vai não.” E os meus dois pequeno, eu já vou e pego. São menores. E... a violência não acaba não que é... daqui a pior. Vai piorá mais ainda! (Amostra Censo 2000, fal.08)

No exemplo (03), a oração de gerúndio destacada poderia ser parafraseada por uma oração introduzida pela conjunção condicional prototípica *se: se der um jeitinho.* A oração introduzida pela forma de gerúndio justifica uma possibilidade, no caso uma posição epistêmica do falante (*talvez até dá*).

d) Tempo:

(04) E: Rômulo, sua mãe tinha me dito que você tem aula sobre atualidades na Escola. Fala um pouco desses aulas que você tem.
F: Ah, atualidades ? Ela ... a gente tem que ver uma notícia e levar para a sala de aula. Chegando lá*,* a gente tem que... *a gente amostra o professor* e tem que falar o que a gente entendemo da reportagem. É assim, o que aconteceu no Brasil ou então em outro lugar. (Amostra Censo 2000, fal.03)

(05) O cidadão comum só pode imaginar a podridão institucional dos bastidores políticos. E, imaginando, *pensar se o sr. senador Almeida Lima não foi cooptado pelo governo - expondo-se ao ridículo - para desviar a atenção do assunto principal, que é a relação promíscua do governo com os representantes do crime organizado*. Mas daí, a relegar a fato despiciente a conivência do chefe da Casa Civil com o bandidão Waldomiro Diniz, é passar atestado de imbecil em nós outros, eleitores. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

Em princípio, a oração adverbial de gerúndio no exemplo (04) - *Chegando lá-,* que estabelece uma relação temporal com a núcleo, poderia ser parafraseada por uma oração introduzida tanto pela conjunção *quando* como pela locução conjuntiva *depois que*: *Quando a gente chega lá* ou *Depois que a gente chega lá.* No entanto, as duas possibilidades envolvem particularidades no que se refere à forma de sequencialidade entre os estados de coisas relacionados: *depois que* salienta a posterioridade entre os fatos, ao passo que *quando* é mais impreciso quanto ao intervalo temporal entre os fatos relacionados. No exemplo (04), o ato de chegar à escola tem que, necessariamente, preceder o ato de mostrar a notícia ou a reportagem à professora, assim, pode-se sugerir maior equivalência entre a oração de gerúndio com uma oração finita introduzida por *depois que*.

No exemplo (05), por outro lado, parece ser mais natural uma substituição por uma oração finita introduzida pelo conector *quando*, pois os processos mentais de imaginar e pensar, codificados respectivamente na oração de gerúndio e na núcleo, podem acontecer simultaneamente.

e) Finalidade:

(06) F: Aí que eles saíram assim, eles cheg... eles saíram assim do carro, aí tiveram - pegaram minha mãe e botaram como refém e levaram pra num sei onde e meu pai foi pra casa. Contou pro meu irmão. E eu, num contou pra mim, falou que a minha mãe tava viajando, minha mãe viajô, né?, no meio do nada, viajou...que a minha vó tava passando mal, nos Estados Unidos. Aí, eh minha mãe meu pai todo dia (ele)...ele a polícia, teve com a polícia, foi na polícia (eles)...*eles ficaram ligando pro meu pai* pedindo dinheiro sobre a resgate e foi assim, aí foi assim, foi, foi, foi, foi andando assim aí depois teve um dia que pediram pra encontrar o meu pai lá, meu pai foi com a polícia, num esperavam isso, aí ele deu o dinheiro não deu o dinheiro e pegou eles. Mataram ele. (Amostra Censo 2000, fal.01)

Em (06), o objetivo da ligação é pedir o dinheiro, havendo, portanto, uma relação de finalidade, ou de propósito, entre a oração núcleo – *eles ficaram ligando pro meu pai* – e a adverbial de gerúndio – *pedindo dinheiro sobre o resgate*. Em princípio, a oração de gerúndio poderia ser substituída por uma oração finita introduzida pela preposição *para* (para pedir dinheiro) ou pela locução conjuntiva *a fim de que*.

f) Causa:

(07) E: Você lembra de alguma coisa engraçada assim que seu avô fez?
F: Uma vez o meu primo estava mexendo no computador, aí *ele pegou o mouse do computador* pensando que era o telefone e começou a falá cidade esportiva. (Amostra Censo, 2000, fal.02)

Em (07), o falante estabelece uma relação de causa e consequência entre os fatos de *pensar que era o telefone e pegar o mouse,* ou seja, A pode produzir B. No exemplo em questão, pelo menos em princípio, a oração de gerúndio poderia ser parafraseada por uma oração introduzida pelo conector *porque*.

g) Concessão:

(08) Pois ao final de dezembro de 2003, *houve superávit primário de R$ 2.275,5 milhões nas despesas efetivamente liquidadas e de R$ 1.863,3 milhões, com base nas despesas empenhadas no ano passado*, mesmo tendo o governo Rosinha quitado 15 folhas salariais em apenas 12 meses (os 12 salários mensais devidos, mais o 13° do exercício de 2003, além dos meses de dezembro de 2002 e do 13° daquele ano, deixados sem pagar pelo governo anterior). (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

Em (08), a oração de gerúndio apresenta uma contra expectativa a uma conclusão possível: *embora o governo Rosinha tenha quitado 15 folhas salariais* [...], *houve superávit primário* [...]. Neste caso, o advérbio *mesmo*, no início da oração de gerúndio, contribui significativamente para o estabelecimento da relação concessiva.

h) Consequência:

(09) O cidadão comum só pode imaginar a podridão institucional dos bastidores políticos. E, imaginando, *pensar se o sr. senador Almeida Lima não foi cooptado pelo governo* - expondo-se ao ridículo - para desviar a atenção do assunto principal, que é a relação promíscua do governo com os representantes do crime organizado. Mas daí, a relegar a fato despiciente a conivência do chefe da Casa Civil com o bandidão Waldomiro Diniz, é passar atestado de imbecil em nós outros, eleitores. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

No exemplo (09), a oração de gerúndio - *expondo-se ao ridículo – expressa* uma consequência da *não cooptação do senador Almeida Lima pelo governo*.

Definir a natureza semântica de uma oração adverbial de gerúndio nem sempre é uma tarefa fácil, pois essas orações podem assumir diferentes valores a depender de fatores diversos. Nos termos de Braga e Coriolano (2007, p. 181):

> [...] a depreensão da inferência desencadeada pelas construções de gerúndio não é fácil, dada a ambiguidade, a compatibilidade com duas ou mais acepções, a vagueza, a indeterminação semântica que as caracteriza.

Simões (2007) afirma que a multiplicidade de valores circunstanciais que podem ser expressos pelo gerúndio é uma consequência da incorporação, por essa forma, de funções originalmente associadas ao particípio presente latino.

Neste estudo, foram realizadas paráfrases dos exemplos com a presença de conjunções, para que chegássemos à relação de sentido mais aproximada codificada pela oração de gerúndio e a oração núcleo. Em alguns casos, no entanto, outras relações semânticas podem estar presentes. Considerando, então, a relação semântica predominante no período, mostramos na tabela 2 a distribuição das orações de gerúndio na fala.[4]

[4] Na tabela 2, estão incluídas tanto as orações de gerúndio cuja oração núcleo está explícita no período quanto aquelas cuja oração núcleo está implícita, o que resultará em uma pequena diferença

Tabela 2 - Distribuição das orações de gerúndio de acordo com a relação semântica – Fala	
Relação semântica	**Ocorrências e frequência**
Concomitância	56= 28%
Modo	46 = 23%
Condição	39 = 20%
Tempo	32 = 16%
Finalidade	15 = 7%
Causa	12 = 6%
Total	**200**

Na modalidade falada, as relações semânticas mais recorrentes são as de concomitância, 28%, e de modo, 23%, com valores aproximados. Seguem-se, em ordem decrescente, as relações de condição, 20%, de tempo, com 16%, de finalidade, com 7%, e de causa, com 6%. Na modalidade falada, não foram encontradas orações de gerúndio concessivas e consecutivas.

Os resultados da tabela 3, relativos à modalidade escrita, confirmam a tendência constatada acima, embora com algumas diferenças na hierarquia de distribuição das orações de gerúndio de acordo com as relações semânticas.

Tabela 3 - Distribuição das orações de gerúndio de acordo com a relação semântica – Escrita	
Relação semântica	**Ocorrências e frequência**
Concomitância	126=26%
Modo	103=21%
Tempo	83=17%
Condição	52=11%
Finalidade	40=8%
Consequência	34=7%
Causa	29=6%
Concessão	20=4%
Total	**487**

Mantendo a cautela exigida pelo baixo número de dados, principalmente em algumas relações, vê-se que a diferença mais importante entre as duas modalidades diz respeito à maior diversidade de significados possíveis da oração de gerúndio na escrita, comparada à fala. Considerando, porém, a distribuição desses valores semânticos, verifica-se grande paralelismo da escrita em relação à fala, com

no total dos dados na modalidade falada em algumas tabelas que consideram parâmetros relacionados à oração núcleo.

predomínio das orações de gerúndio que codificam estados de coisas concomitantes ao estado de coisas codificado na núcleo, 26%, e das modais, 21%. Seguem-se as de tempo, com 17%, de condição, com 11%, de finalidade, com 8%, consecutivas, com 7%, e, finalmente, as de concessão, com 4%.

Destacaram-se, ainda, nas duas modalidades, percentuais um pouco mais significativos para as orações de gerúndio que expressam as relações de tempo, condição, finalidade e causa, revelando uma maior disponibilização das orações de gerúndio para a expressão de relações que operam no domínio mais amplo da condicionalidade, o que confirma resultados de trabalhos como os de Simões (2007) e Braga (1996). Uma outra diferença envolve, portanto, a hierarquia das relações nas duas modalidades: na fala, verificam-se concomitantes > modais > condicionais > temporais > finais > causais; na escrita, concomitantes > modais > temporais > condicionais > finais > consecutivas > causais > concessivas.

A alta frequência das orações de gerúndio de modo, já apontada em outros estudos (cf. SOUZA CAMPOS, 1980, GARCIA REIS, 2004 e SIMÕES, 2007), pode ser atribuída à inexistência, no português, de uma oração finita correspondente à oração de gerúndio modal, ou seja, esta língua não conta com um conector lexicalizado para tal função, diferentemente do que ocorre com outras relações circunstanciais (temporais, condicionais, causais, concessivas). Essa restrição ratifica o que afirma Raible (2001) acerca do fato de que nem todas as relações lógico-semânticas podem ser expressas por todos os meios possíveis de junção. Nesse caso, outros mecanismos podem ser recrutados para a expressão de uma relação semântica, como parece ser o caso da relação de modo. Como já ressaltava Rocha Lima (2002), no período composto por subordinação, a circunstância de modo somente é construída pela oração de gerúndio.[5]

Outros aspectos podem explicar a predominância das orações de gerúndio modais e concomitantes. Tanto a relação de concomitância como a de modo, em que incluímos também as de meio ou instrumento, mantêm de forma mais nítida a noção de simultaneidade, uma característica inerente da forma de gerúndio, o que poderia tornar essa forma mais disponível para a expressão dessas relações semânticas, em que fica sinalizada uma superposição temporal entre dois estados de coisas.

---

[5] Luft (1981) também mostra que as modais desenvolvidas podem ser constituídas com conectores como: *qual, assim, bem como, como, sem que* etc.

Nas seções seguintes, discutimos as correlações entre as relações semânticas consideradas nesta seção e propriedades morfossintáticas, semânticas e discursivas da oração núcleo e da oração de gerúndio, assim como a sua disposição sintagmática no período complexo e a sua relação com o gênero textual no qual ocorrem.

Importante destacar neste momento do trabalho que o tratamento escolhido para analisar as propriedades das orações de gerúndio adverbiais é, primeiramente, cada uma das relações semânticas que emergem entre elas e a núcleo. Ao considerarmos as relações semânticas separadamente, há uma inevitável dispersão dos dados, o que, em alguns casos, pode dificultar conclusões mais definitivas, pois, como é visto acima, algumas relações apresentam número bastante reduzido de dados. Para algumas propriedades das orações de gerúndio, será associada ao tratamento quantitativo uma análise qualitativa, a qual permite depreender particularidades que podem escapar à investigação quantitativa.

6.2 Propriedades morfossintáticas da oração núcleo e da oração de gerúndio

Uma das hipóteses de partida deste estudo é a de que as relações semânticas que emergem nos períodos com orações de gerúndio estão correlacionadas a propriedades de natureza distinta, resultado da complexa interrelação entre sintaxe, semântica e discurso. Nesta seção, focalizamos as características de tempo/modo da oração núcleo e a forma de realização do sujeito dessas orações, aspectos que, como já apontado por diversos autores (LOBO, 2002, 2003 e SIMÕES, 2007), se refletem nos significados que emergem nos períodos com orações de gerúndio.

6.2.1 Tempo e modo verbal da oração núcleo

No que se refere às propriedades modo-temporais da oração núcleo, modo e tempo foram considerados dois parâmetros separados. A variável modo verbal revelou-se pouco significativa, com 98% de orações de gerúndio no modo indicativo

na fala e 97% na escrita.[6] A ocorrência do modo indicativo nas orações núcleo da quase totalidade dos exemplos parece constituir uma característica mais geral dos períodos complexos com orações de gerúndio e independente da relação semântica que emerge entre as orações do período.

Essa distribuição sugere a necessidade de uma análise mais detida de orações de gerúndio vinculadas a orações núcleo com verbo no subjuntivo, como nos exemplos (10), (11) e (12):

(10) Sugiro uma pena que não os imobilize, mas inclua a prática diária e obrigatória de lutas esportivas, em locais sob controle policial, *onde possam gastar suas energias* aprendendo as regras que regem os princípios de lealdade e respeito devidos a seus semelhantes. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

(11) A facilidade do triunfo de Toscano Fighter, que mesmo sendo acometido de hemorragia pulmonar Grau I, distanciou seus adversários (ganhou por sete corpos) na estreia aqui na Gávea, faz acreditar *que*, nada de anormal acontecendo, *vá conquistar o segundo triunfo aqui*. (Povo, Artigo de opinião)

(12) Não importa *que*, reconhecendo o judaísmo dos que rodeavam Jesus e aparecem no filme, *pergunte inocente e docemente*: "Como isto pode ser anti-semita?". (O Globo, Carta de leitor)

Nos exemplos acima, as orações de gerúndio ligam-se a orações núcleo que apresentam algumas particulariddes. No exemplo (10), a oração núcleo - *onde possam gastar suas energias* – faz parte de uma sugestão dada pelo escritor sobre penas a serem aplicadas àqueles que comentem delitos. Trata-se, portanto, de uma hipótese, de uma possibilidade, o que fica ainda mais transparente na presença do auxiliar modal epistêmico – *possam* -, sinalizador de que esta é uma opinião do enunciador e, ao mesmo tempo, uma expectativa de sua parte.[7]

Nos exemplos (11) e (12), as orações de gerúndio estão interpostas à oração núcleo. A relação de condição em (11) é favorecida pela locução verbal no

---

[6] Em apenas 2% dos dados de fala (três exemplos), a oração de gerúndio se liga a oração núcleo no modo subjuntivo. Nos três casos, dois deles eram na relação semântica de finalidade e um deles na relação de modo. Os 3% das orações núcleo no modo subjuntivo na modalidade escrita representam dez exemplos: quatro deles são da relação semântica de modo, um de tempo, um de condição, um de finalidade, dois de concomitância e um de consequência.

[7] Neves (2006) define a modalidade epistêmica como aquela orientada para o sujeito da enunciação, envolvendo uma atitude do falante.

subjuntivo – *vá conquistar* -, sinalizando uma hipótese prevista pelo escritor do artigo. Em (12), a oração de gerúndio - *reconhecendo o judaísmo dos que rodeavam Jesus e aparecem no filme* – liga-se a uma forma verbal relacionada à futuridade, o que reforça igualmente seu caráter mais hipotético.

No entanto, é possível que a predominância do modo indicativo seja um traço das próprias relações semânticas circunstanciais. Como já foi destacado em outros trabalhos, há predominância de modo indicativo também em orações hipotáticas finitas. Mesmo nas desenvolvidas condicionais, há uma frequência considerável do modo indicativo na oração núcleo, como mostrou Gryner (1995). Os dados da autora mostraram que nas condicionais desenvolvidas, se o verbo da oração principal é não modalizado, é maior a probabilidade de o verbo estar no *futuro do indicativo* ou no *presente do indicativo ou zero*, frequências de 56,2% e 39,4%, respectivamente.

Contrariamente ao modo verbal, observa-se grande diversidade de desinências temporais na oração núcleo, como mostram os exemplos seguintes:

a) Oração núcleo no presente:

(13) F: Ah! Por isso que se tá aqui, porque a garota lá filha da dona da - da - do lugar que tem flipe sempre fica, ele compra uma fixa. Ela dá um monte! *Aí ele fica lá direto*, <u>jogando, jogando</u> e não sai de lá. (Amostra Censo 2000, fal.04)

b) Oração núcleo no pretérito perfeito:

(14) E: Você lembra de alguma coisa engraçada assim que seu avô fez?
F: Uma vez o meu primo estava mexendo no computador, *aí ele pegou o mouse do computador* <u>*pensando que era o telefone*</u> e começou a falá “Alô, quem tá falando?”, devido ao barulho que o computador fazia. (Amostra Censo 2000, fal.02)

c) Oração núcleo no pretérito imperfeito:

(15) F: Ah, meu pai falava tudo mau, né? “Abóbra” [E: Ah, é?] é “Ivani”. É Ivone: “Ivane, hoje eu trouxe uma carne seca pa fazê com <abóbra>” A vozinha dele era toda essa vozinha [de]...[de]...[de]... roceiro. Mas minha mãe, não. Minha mãe veio cum dezoito anos. Aí, quer dizê, quando ela casô, ela já tava cum vinte e sete. Minha mãe tem o sotaque todo de... brasileira. Mamãe num tem sotaque de pernambucana, agora quem tem, é minhas tia, que são mais velha. Uma que tem oitenta ano, a outra tem setenta e poucos anos. É como se elas tivessem chegado do norte hoje: “Oh, menina, vixe Maria!” São a mesma coisa. Falo: “Meu Deus, vocês não tão em Pernambuco

não, gente. Vocês já tão aqui no Rio. E elas já tem ...ó, elas vieram primeiro do que minha mãe. Minha mãe veio cum dezoito anos. Será que já não era pra tê acabado? Ainda falam pernambucano do mesmo jeito, as velha. Domingo, agora, ela fez aniversário. Setenta ano. *Ela tava lá durinha, minha filha, no meio*, "acendendo" todo mundo [E: Uma tia sua?] Uma tia, pernambucana, no meio de todo mundo, cum aquela vozinha dela. Pernambucana. (Amostra Censo 2000, fal.08)

d) Oração núcleo no futuro do presente:

(16) No caso desse empreendimento, como disse o secretário de Minas e Energia, Wagner Victer, o passivo ambiental ficará com o Estado do Rio e o desenvolvimento econômico com São Paulo, *que ampliará a capacidade de suas refinarias* gerando empregos permanentes, enquanto os empregos gerados no Rio serão ínfimos e temporários. (O Globo, Carta de leitor)

e) Oração núcleo no futuro do pretérito:

(17) Fui e encontrei seis pessoas. *Como cada uma levaria meia hora* doando sangue, eu teria de esperar três horas. (O Globo, Carta de leitor)

f) Formas nominais de infinitivo, gerúndio e particípio:

(18) O objetivo do projeto é *deixar o código de trânsito mais justo*, criando uma faixa intermediária de punição. Hoje, quem passa numa rodovia com limite de 60 km/h a 75 km/h ou 120 km/h é punido da mesma forma - disse o deputado Beto Albuquerque. (Extra, Notícia e Reportagem)

A distribuição das orações de gerúndio de acordo com o tempo verbal da oração núcleo na modalidade falada é mostrada na tabela 4.[8]

[8] A diferença no número de dados na tabela 4 deve-se à exclusão daqueles casos em que a oração de gerúndio se liga a uma oração núcleo não explícita, casos em que o parâmetro em análise não se aplica. Essa diferença ocorrerá em diversas tabelas, sobretudo naquelas referentes à modalidade falada.

Tabela 4 - Relação semântica e tempo verbal da oração núcleo – Fala							
Tempo verbal	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Presente	20= 44%	14= 36%	23= 62%	17= 55%	4= 27%	3= 25%	**81= 45%**
Pretérito perfeito	13= 28%	10= 26%	1= 3%	6= 20%	5= 33%	5= 43%	**40= 22%**
Pretérito imperfeito	8= 18%	6= 15%	3= 8%	4= 13%	2= 13,3%	1= 8%	**24= 13%**
Futuro	0= 0%	1= 2,5%	5= 14%	0= 0%	2= 13,3%	1= 8%	**9= 5%**
Futuro do pretérito	2= 4%	1= 2,5%	2= 5%	1= 3%	0= 0%	1= 8%	**7= 4%**
Infinitivo	1= 2%	4= 10%	1= 3%	2= 6%	0= 0%	0= 0%	**8= 4%**
Gerúndio	1= 2%	3= 8%	2= 5%	1= 3%	2= 13,3%	1= 8%	**10= 6%**
Particípio	1= 2%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 1%**
Total	**46**	**39**	**37**	**31**	**15**	**12**	**180**

Apesar da diversidade de formas verbais possíveis na oração núcleo, observa-se nítida predominância de alguns tempos. Considerando-se as porcentagens de cada um dos tempos verbais, calculadas a partir dos totais expressos em cada linha, observamos maior frequência de presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito. De forma geral, na modalidade falada do português, as orações núcleo com as quais se ligam as orações de gerúndio apresentam-se no presente do indicativo, 45%. Essa predominância é nítida para as relações semânticas de condição, com 62%, de tempo, 55%, de concomitância, 44% e de modo, com 36%. Nas relações de causa e de finalidade o presente do indicativo é suplantado pelo pretérito perfeito com 43% e 33%, respectivamente.

As orações núcleo ligadas a uma oração de gerúndio concomitante e modal são as que admitem maior variabilidade de tempos verbais, com índices relevantes para formas de pretérito perfeito, 28% e 26%, e pretérito imperfeito, 18% e 15%, respectivamente. As orações de gerúndio condicionais e finais destacam-se por se ligarem a orações núcleo com verbos no futuro, 14% e 13,3%, respectivamente. Orações núcleo relacionadas a orações de gerúndio temporais, embora mais concentradas no presente, em 55% dos casos, admitem recorrência significativa do pretérito perfeito, 20%, e imperfeito, 13%.

Vejamos, na tabela 5, os resultados para a modalidade escrita.

Tabela 5 - Relação semântica e tempo verbal da oração núcleo – Escrita									
Tempo verbal	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Presente	46= 37%	43= 49%	27= 33%	24= 46%	15= 38%	12= 35%	12= 41%	9= 45%	188= 40%
Pretérito perfeito	37= 29%	29= 33%	31= 38%	5= 10%	11= 28%	12= 35%	9= 31%	4= 20%	138= 29%
Pretérito imperfeito	5= 4%	3= 3%	2= 2%	1= 2%	2= 5%	2= 6%	1= 3%	1= 5%	17= 4%
Futuro	12= 10%	3= 3%	2= 2%	13= 25%	2= 5%	0= 0%	3= 9%	2= 10%	37= 8%
Futuro do pretérito	3= 2%	3= 3%	0= 0%	7= 13%	2= 5%	1= 3%	0= 0%	0= 0%	16= 3%
Infinitivo	14= 11%	2= 2%	12= 14%	1= 2%	5= 12%	4= 12%	2= 8%	2= 10%	42= 9%
Gerúndio	1= 1%	1= 1%	3= 4%	1= 2%	0= 0%	3= 9%	0= 0%	1= 5%	10= 2%
Particípio	8= 6%	5= 6%	2= 2%	0= 0%	3= 7%	0= 0%	2= 8%	1= 5%	21= 4%
Pret. mais que perfeito	0= 0%	0= 0%	4= 5%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	4= 1%
Total	**126**	**89**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**473**

Reitera-se, na modalidade escrita, a predominância de orações núcleo no presente do indicativo ligadas a orações de gerúndio de concomitância, 37%, modo, 49%, e condição, 46%. As orações de gerúndio concessivas acompanham essa tendência. Verificam-se, porém, algumas diferenças na distribuição dos valores para a relação de tempo, que apresenta índices aproximados de pretérito perfeito, 38%, e presente, 33%, de causa, que na escrita tem maior porcentagem no presente, 41%, e de finalidade, com predomínio do tempo presente, 38%. Na relação de consequência, as frequências para as formas de presente e pretérito perfeito são idênticas, 35%.

Confirma-se a maior flexibilidade das relações de concomitância e de modo que, de forma paralela ao observado na fala, podem emergir com diversas possibilidades temporais da núcleo. Confirma-se ainda a incidência mais significativa de formas de futuro na oração núcleo ligada a orações de gerúndio condicionais, 25%.

Uma comparação entre os resultados aqui atestados e os resultados apontados em trabalhos sobre adverbiais finitas apontam grande similaridade de

padrões. No que se refere às orações condicionais desenvolvidas, Gryner (1995), por exemplo, constata a recorrência do presente do indicativo na oração núcleo, seguido pelo futuro do indicativo. Essa tendência é reiterada em Neves e Braga (1998), que atestam igualmente maior recorrência de formas verbais do presente, apesar de outras possibilidades, como pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro na oração núcleo.[9]

A significativa recorrência de presente nas orações núcleo ligadas a orações de gerúndio com valor temporal na fala e como o segundo tempo preferido na escrita também encontra paralelo nas orações temporais introduzidas por conectores, como atestado por Neves e Braga (1998), Pereira (1999), Neves (2000). Neves (*op. cit*.) destaca ainda a recorrência de formas verbais de pretérito perfeito como segunda configuração mais frequente nas construções temporais finitas, de forma semelhante ao que observamos na modalidade falada. A autora, ao tratar da correlação entre os tempos verbais da oração núcleo e da temporal, ainda observa a acentuada correlação entre formas de presente na oração núcleo e na oração hipotática nas construções com o conector *quando,* indicando o aspecto imperfectivo dessas construções e sua maior associação com aspecto habitual.

Nossos resultados apontam algumas especificidades das temporais não finitas de gerúndio, no sentido de que elas podem codificar de forma equivalente tanto estados de coisas não perfectivos (formas de presente) como estados de coisas perfectivos (formas de pretérito perfeito e imperfeito).

No que se refere às orações causais, o paralelismo entre os períodos complexos com orações de gerúndio e os períodos compostos por orações finitas é mais nítido na distribuição constatada na modalidade escrita. Os resultados mostrados na tabela 5 vão ao encontro dos já atestados por Paiva (1991 e 2001), Neves (2000), Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattnher (2008). Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattnher (*op. cit*.) afirmam que principalmente as causais introduzidas pelo conector *porque* ligam-se a orações núcleo com verbo no presente do indicativo.

Na modalidade falada, no entanto, destaca-se a frequência significativa de orações núcleo das causais no pretérito perfeito. Essa tendência não chega a contradizer o comportamento das causais finitas, visto que, como já mostraram

[9] Segundo as autoras, há uma estrutura típica nas condicionais formada pelo futuro do subjuntivo e pelo futuro do indicativo, havendo uma correlação das formas verbais, o que sinaliza uma dependência máxima entre as orações principal e condicional, confirmando a concordância dos tempos sugerida por Hopper e Traugott (1993).

Paiva (1991) e Neves (2000), o pretérito perfeito é o segundo tempo mais frequente nessas construções. É necessário considerar, inclusive, que a preferência pelo pretérito perfeito na relação de causa nas entrevistas sociolinguísticas pode ser decorrência de especificidades desse gênero, em que há ocorrência significativa de sequências narrativas, mais associadas às formas de pretérito, principalmente às de pretérito perfeito.

As orações de gerúndio finais relacionam-se, preferencialmente, com orações núcleo cujo verbo está no presente ou no pretérito perfeito, havendo uma diferença na hierarquia entre essas duas formas na fala e na escrita. Neste ponto é interessante retomar a proposta de Neves (2000) no tratamento das finais conectadas. A autora destaca que as finais envolvem valores modais em função do tempo verbal da oração núcleo e distingue três subgrupos: as finais *factuais*, ligadas a verbos nos tempos presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito, as *hipotéticas*, que se ligam a verbos no futuro do presente, no pretérito e no modo imperativo e as finais *contrafactuais*, que se ligam a orações núcleo com verbos no futuro do pretérito composto. Como a maior parte das orações de gerúndio finais se ligam a verbos no presente e no pretérito perfeito, pode-se ter uma indicação de que essas orações restringem-se às factuais. Isso significa que elas só seriam interpretadas como finais e parafraseáveis pelas desenvolvidas finais quando codificam fatos ou estados de coisas apresentados como certos.

Apesar de algumas diferenças ligadas à relação semântica, pode-se concluir pela predominância de formas verbais de presente e de pretérito perfeito nas orações núcleo às quais se vincula a oração de gerúndio. Com exceção das orações condicionais, mais frequentemente associadas a orações núcleo no presente, nas duas modalidades, pode-se afirmar que a forma de gerúndio, que conforme Souza Campos (1980) se caracteriza pelo aspecto imperfectivo cursivo, estabelece relações de sentido com orações que codificam estados de coisas perfectivos e imperfectivos.

6.2.2 Tipo de sujeito da oração de gerúndio

Uma particularidade da forma de gerúndio é que, embora ela não contenha marcas de número e pessoa, ela projeta sujeito, o que, segundo Perini (2000), constitui, inclusive, um problema na aplicação dos critérios mais frequentemente

considerados na definição da categoria sujeito. Como opção não marcada e, por muitos autores considerada como uma característica inerente, o sujeito da oração de gerúndio é não explícito, isto é, constitui uma categoria vazia (BECHARA, 2002, MIRA MATEUS *et alii*, 1983), como no exemplo (19):

a) Sujeito nulo:

(19) F- Não é aquela cidade assim, sabe? Mas progrediu muito. Sabe? Pelo que ela era, não é? Agora é uma cidade. Se eu não me engano *está em segundo lugar em comércio, depois de Madureira*, assim, contando para o lado do subúrbio, não é? (Amostra Censo 2000, fal.05)

Entretanto, como já destacaram Braga (1996), Lobo (2004) e Simões (2007), há possibilidade de sujeito realizado foneticamente na oração de gerúndio, seja na forma de sujeito sintagma nominal, como em (20), ou de um pronome, como em (21):[10]

b) Sintagma nominal:

(20) Nada de anormal acontecendo, *a neta de Vida Mansa vai vencer*, merecendo ser destaque e crava nas apostas da Super Tri (100% de bonificação) e na Superpule de Placê, onde se economiza combinações. (Povo, Artigo de opinião)

c) Pronome

(21) E: A nova que abriu, né? Que eu também não conheço pra variá.
F: Então, tu indo pela são Januário *num tem como cê errá*, a primeira à esquerda você entra, você vai vê logo escrito Malagueta. (Amostra Censo 2000, fal.06)

Um aspecto interessante a se destacar no exemplo (20) é que o sintagma nominal é anteposto ao gerúndio, contrariando a posição de Lobo (2002), para quem, nas orações de gerúndio sem conector, há preferência pela ordem verbo-sujeito.

De acordo com as características inerentes da oração de gerúndio, podemos esperar predominância de sujeito nulo, principalmente nas orações de gerúndio modais. Os resultados da tabela 6, que mostram a distribuição das

[10] Nesta pesquisa, a denominação sujeito nulo refere-se àqueles sujeitos não expressos na oração de gerúndio.

diferentes orações de gerúndio na fala de acordo com o tipo de sujeito, confirmam essa expectativa.

Tabela 6 - Relação semântica e tipo de sujeito da oração de gerúndio - Fala							
Tipo de sujeito	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Sintagma nominal	1= 2%	0= 0%	4= 10%	4= 12%	0= 0%	0= 0%	**9= 5%**
Pronome	1= 2%	1= 2%	10= 26%	6= 19%	0= 0%	1= 8%	**19= 10%**
Sujeito nulo	50= 96%	42= 98%	25= 64%	22= 69%	15= 100%	11= 92%	**165= 85%**
Total	**52**	**43**	**39**	**32**	**15**	**12**	**193**

O sujeito nulo alcança uma média geral de 85%, predominando para todas as relações semânticas. Nas orações de gerúndio que expressam finalidade, o sujeito nulo é categórico, 100%, nas orações de modo, atinge 98%, nas de concomitância 96%, e nas orações com valor causal, 92%.

A maior variação é observada nas orações condicionais, com 64% de sujeitos nulos e nas temporais, com 69%. Dessas duas relações que admitem maior diversidade na forma do sujeito, a de condição é a que apresenta índice mais elevado de sujeito preenchido do tipo pronominal, 26% ou nominal, 10%. Para a relação de tempo, não chega a haver diferença significativa entre sujeitos nominais, 12%, e sujeitos pronominais, 19%. Esses resultados vão ao encontro do que já observara Braga (1996) para orações de gerúndio temporo-condicionais, que, nos dados analisados pela autora, apresentaram 53% de sujeitos não explícitos, índice significativamente diferente do que se verifica nas orações desenvolvidas de mesmo valor proposicional, 21,5%.

A tendência mais geral de predominância de sujeitos nulos nas orações de gerúndio reitera-se na escrita, como mostram os percentuais da tabela 7:

Tabela 7 - Relação semântica e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Escrita									
Tipo de sujeito	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Sintagma Nominal	19= 15%	5= 5%	4= 5%	10= 19%	1= 2%	2= 6%	1= 3%	1= 5%	**43= 9%**
Pronome	3= 2%	1= 1%	1 1%	1= 2%	0= 0%	0= 0%	2= 7%	0= 0%	**8= 2%**
Sujeito nulo	104= 83%	97= 94%	78= 94%	41= 79%	39= 98%	32= 94%	26= 90%	19= 95%	**436= 89%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

A tabela 7 mostra que, na modalidade escrita, o sujeito nulo prevalece em todas as relações semânticas, sendo quase categórico nas de finalidade, 98%, e causa, 90%. De forma semelhante ao observado para a fala, a relação de condição se particulariza por admitir índice mais expressivo de sujeitos nominais, 19%. Essa mesma particularidade pode ser observada para as de concomitância, com 15% de sujeitos na forma de SN. Apenas na relação de causa, a oração de gerúndio parece admitir maior possibilidade de sujeitos pronominais, com 7%, mas com número de ocorrências excessivamente baixo.

A distribuição mostrada nas tabelas 6 e 7 é similar à que foi encontrada em em outros estudos. Simões (2007), por exemplo, encontra 93,5% de orações de gerúndio com sujeito não realizado lexicalmente e frequências baixas para sujeito nominais e pronominais, com 4,3% e 2,6%, respectivamente. Nesse sentido, as orações de gerúndio se distinguem de forma significativa das orações adverbiais desenvolvidas que, segundo Gorski (2001), analisando a correlação entre a (não) realização do sujeito e a integração das orações, “as reduzidas têm um percentual maior de sujeito não expresso que as desenvolvidas” (GORSKI, 2001, p. 167).

Dado que sujeitos não explícitos constituem a forma não marcada das orações de gerúndio, o que chama a atenção é a incidência de sujeitos preenchidos nas condicionais, tanto na fala como na escrita, e nas temporais na escrita. Os exemplos a seguir são ilustrativos:

(22) E: Hum, hum. E, com relação ao futuro, você tem medo do futuro? Não.
F: Eu penso muito no futuro, mas eu não tenho medo do futuro não. Eh... depende também no que... eu dependo da minha mãe, né? então, <u>minha mãe tando bem</u> *eu vou tá bem*... financeiramente... e saúde, eu não tenho nada que... me impeça de continuar vivendo. (Amostra Censo 2000, fal.09)

(23) Há leitores extravagantes. Exigem (o termo é exato) que eu só elogie os clubes cariocas. Argumentam que, <u>sendo eu carioca</u>, e não paulista ou argentino, *tenho o dever* (termo também exato) de exaltar o Vasco, louvar o Flamengo e celebrar o Fluminense, pois que para isso sou pago. (Extra, Artigo de opinião)

O trecho (22) exemplifica um contexto em que parece ser mais frequente o preenchimento da posição de sujeito da oração de gerúndio. A oração de gerúndio é

anteposta à sua matriz e o referente do sujeito (minha mãe) ocorre na oração que antecede imediatamente àquela. O exemplo (23) apresenta características semelhantes: o pronome *eu* já havia sido mencionado no período anterior e foi retomado como sujeito da oração de gerúndio por esta estar anteposta à núcleo, que não apresenta sujeito explicitado. É possível, portanto, que a ocorrência de sujeitos explícitos na oração de gerúndio decorra de fatores que envolvam a continuidade referencial do discurso e estejam associados à disposição sintagmática das orações no período, um aspecto já ressaltado por Simões (2007). Segundo o autor, o sujeito nulo aparece preferencialmente nas orações de gerúndio pospostas e é limitado por condições impostas pelo contexto nas orações de gerúndio antepostas, como observamos nos exemplos acima. Voltaremos a essa questão na seção 6.5, quando abordarmos os aspectos ligados à posição das orações de gerúndio.

As tendências depreendidas através das tabelas 6 e 7 remetem, necessariamente, para a questão da correferencialidade entre os sujeitos das orações nos períodos complexos com orações de gerúndio, que focalizamos na próxima seção.

6.2.3 Correferencialidade entre os sujeitos das orações

A maior presença de sujeito nulo na oração de gerúndio está associada diretamente a uma outra propriedade considerada inerente a essa oração, qual seja, a correferencialidade entre o sujeito da oração núcleo e da oração de gerúndio. Na sua interpretação mais frequente, a oração de gerúndio estaria subordinada ao verbo da oração principal, compartilhando com ela a referência do sujeito que projeta (MIRA MATEUS *et alii*, 1983, BECHARA, 2002, HOYER, 2003), como no exemplo (24):

(24) E: É, o Renã. O Renã tem quantos anos? Tem?
F: Onze.
E: Onze. Como é que ele é?
F: Ele é ... meio quente, só às vezes que quando chora à toa tudo que fala pra ele, ele começa a chorar. Ah! Ele é quietinho. Fica em casa <u>vendo só desenho</u>. Não gosta muito de ficá na rua. (Amostra Censo 2000, fal.04)

Essa característica indicaria que as orações de gerúndio são mais fortemente ligadas à sua núcleo, visto que, em propostas baseadas em um *continuum* de vinculação entre orações, (cf., por exemplo, HAIMAN e THOMPSON, 1984), a identidade ou não identidade entre os sujeitos das orações constitui um parâmetro de mensuração do grau de autonomia *versus* integração entre as orações.

Como já foi destacado por Lobo (2003), as orações de gerúndio não buscam necessariamente o referente do seu sujeito na oração matriz com que estão ligadas, podendo, portanto, ser não correferenciais, como no exemplo (25).

(25) Para chegarmos ao controle desejado - o mais amplo possível - é preciso que sejam feitas, em primeiro lugar, as reformas das leis processuais, para que, com uma descentralização para valer, de juízos e tribunais, *fiquem próximos partes, magistrados e demais operadores do Direito*, tomando, assim, realmente efetiva, uma fiscalização que, ao invés de vir de cima para baixo, será feita paralelamente aos juízos e tribunais. (Jornal do Brasil, Artigo de opinião).

Podemos esperar que a não correferencialidade entre os sujeitos da oração de gerúndio e da núcleo esteja mais associada a algumas relações semânticas, o que se confirma na distribuição mostrada na tabela 8, que considera as orações de gerúndio na fala.

Tabela 8 - Relação semântica e correferencialidade entre os sujeitos – Fala

Correferencialidade	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
+ correferencial	42= 86%	37= 95%	19= 50%	22= 71%	12= 80%	5= 42%	**137= 74%**
- correferencial	7= 14%	2= 5%	19= 50%	9= 29%	3= 20%	7= 58%	**47= 26%**
Total	**49**	**39**	**38**	**31**	**15**	**12**	**184**

De forma geral, confirma-se a recorrência de sujeito correferencial nas orações de gerúndio, com um índice de 74%. Esse índice se relativiza claramente em função da relação semântica considerada. A diferença mais significativa entre os sujeitos correferenciais e não correferenciais está na relação semântica de modo, na qual 95% das ocorrências são de orações com sujeitos correferenciais e na de concomitância, com 86%. As relações de finalidade e de tempo apresentam

distribuição similar: 80% das ocorrências de orações de gerúndio finais e 71% das temporais possuem sujeitos correferenciais com os da sua oração matriz.

Nas relações condicional e causal, a distribuição é mais equilibrada; na relação de condição, observam-se índices idênticos, 50% para sujeitos correferenciais ou não correferenciais; na relação de causa, a variação é expressiva, apesar do índice ligeiramente mais alto, de 58%, de sujeitos não correferenciais. Essas diferenças poderiam sinalizar que o grau de integração da oração de gerúndio varia de acordo com a relação semântica que emerge no período.

A tabela 9, relativa à modalidade escrita, confirma a tendência verificada na fala.

Tabela 9 - Relação semântica e correferencialidade entre os sujeitos - Escrita									
Correferencialidade	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
+correferencial	103= 82%	98= 95%	72= 87%	27= 52%	35= 88%	31= 91%	24= 83%	17= 85%	**407= 84%**
- correferencial	23= 18%	5= 5%	11= 13%	25= 48%	5= 12%	3= 9%	5= 17%	3= 15%	**80= 16%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

Na escrita, 84% das orações adverbiais de gerúndio possuem sujeito correferencial ao sujeito da oração núcleo, índice ligeiramente superior ao observado para a fala. No que se refere às relações semânticas, destacam-se as orações de concomitância, modo, tempo, finalidade, consequência, causa e concessão, com os mais altos percentuais, 82%, 95%, 87%, 88%, 91%, 83% e 85%, respectivamente, de correferencialidade entre os sujeitos. As condicionais se particularizam por apresentarem índices muito aproximados para sujeitos + ou – correferenciais e o menor percentual de correferencialidade – 52%.

Confrontando os resultados das duas modalidades, observam-se mais uma vez diferenças que são mais quantitativas do que qualitativas. Assim, pode-se constatar que orações de gerúndio com sujeito correferencial ao da núcleo são mais frequentes na escrita do que na fala, uma diferença de 10%. Algumas relações semânticas apresentam tendência semelhante na fala e na escrita, como as modais e as de concomitância, com predomínio de sujeito + correferencial (cf. também SIMÕES, 2007, BRAGA, 1996), mas outras apresentam comportamento ligeiramente distinto. A maior diferença entre as duas modalidades é observada para

as orações de gerúndio causais e condicionais. As causais da fala obtiveram um percentual maior de sujeitos não correferenciais, distinguindo-se das causais da escrita, com índice mais considerável de sujeitos correferenciais.

Se compararmos as tendências verificadas acima com as depreendidas em estudos sobre finitas que expressam as mesmas relações circunstanciais, algumas convergências podem ser destacadas. No que se refere, por exemplo, à relação de finalidade, Martelotta (2001) destaca que, embora os sujeitos das orações adverbiais reduzidas mais frequentemente sejam idênticos aos da núcleo, há uma tendência oposta nas orações de finalidade com a estrutura *para + infinitivo*, que possuem frequentemente sujeitos distintos. Neves (2000) destaca que o sujeito de uma oração final desenvolvida pode ser o mesmo ou diferente do sujeito da núcleo, se for idêntico, o infinitivo da oração final pode ou não ser flexionado, para concordar com o seu sujeito, quando o sujeito for diferente, é mais comum que ele se flexione.

No que se refere às temporais finitas, Pereira (1999) mostra que, embora sujeitos + correferenciais possam ocorrer tanto nas antepostas quanto nas pospostas, eles predominam nas que se situam à esquerda da núcleo. Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattnher (2008) admitem que as orações temporais podem ter sujeitos sob a forma pronominal, nominal ou não realizado, como mostram nossos dados.

As construções causais de gerúndio, que, na fala, apresentam maior índice de sujeitos não correferenciais, apresentam um padrão semelhante ao que foi observado por Ferreira da Silva (2008), no estudo das causais introduzidas pelo conector *porque*.

Aceitando que a identidade de sujeitos constitui um parâmetro válido para a identificação do grau de integração das orações constitutivas do período, teríamos de dizer que os diferentes tipos de orações de gerúndio encontram-se em graus distintos de integração: as orações de gerúndio concomitantes e modais, por exemplo, seriam mais integradas do que as orações de gerúndio condicionais. A evidência mais sugestiva vem do fato de que, apesar de as orações adverbiais de gerúndio terem apresentado maiores índices de sujeitos correferenciais tanto na fala quanto na escrita, vimos que há diferenças quando são observadas as diferentes relações semânticas que emergem entre elas e a núcleo. Desse modo, esse parâmetro parece não só contribuir para o estabelecimento de determinadas relações de sentido, como também para definir diferentes graus de integração das orações de gerúndio.

6.3 Propriedades semânticas da oração núcleo e da oração de gerúndio

Diferentes autores, dentre eles Souza Campos (1980), Braga (1996), Garcia Reis (2004) e Simões (2007), além de defenderem que as orações de gerúndio possibilitam diferentes interpretações semânticas, mostram que propriedades semânticas a elas relacionadas contribuem para a emergência de diferentes significados. Nesta seção, discutimos mais especificamente as correlações entre o tipo de predicação realizado na oração de gerúndio e na oração núcleo e ainda a sequencialidade entre os estados de coisas relacionados no período complexo.

6.3.1 Tipo de predicador da oração núcleo e da oração de gerúndio

O tipo de predicador da oração núcleo e da oração de gerúndio é analisado segundo o modelo de transitividade proposto por Halliday (1994), para quem esse sistema constrói o mundo da experiência, organizando-a em diferentes tipos de processos. Nas palavras do autor:

> Assim, além de ser um modo de ação de dar e exigir produtos e serviços e informações, a cláusula é também um modo de reflexão, de impor a ordem sobre a variação infinita e sobre o fluxo dos eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é a TRANSITIVIDADE (destaque do autor). O sistema de transitividade entende o mundo da experiência como um conjunto gerenciável de tipos de processo (HALLIDAY, 1994, p. 106).[11]

Halliday (1994) propõe uma organização dos processos (relação entre a experiência com o mundo externo e a consciência) em seis tipos: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial. Na perspectiva do autor, os <u>processos materiais</u> são os do *fazer*, requerem um participante (ator) que executa uma ação e, facultativamente, um segundo participante que sofre ou se beneficia dessa ação. Tais processos podem ser concretos, como *trabalhar*, *construir*, ou uma ação abstrata, como *evitar*, *promover*, e não requerem um ator agentivo, com o traço

[11] Thus as well as being a mode of action, of giving and demanding goods-&-services and information, the clause is also a mode of reflection, of imposing order on the endless variation and flow of events. The grammatical system by which this is achieved is TRANSITIVITY. The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of PROCESS TYPES (HALLIDAY, 1994, p. 106).

mais humano. Os exemplos (26) e (27), ambos de relação concomitante, ilustram esse processo (*trabalhar*) na oração núcleo e na oração de gerúndio, respectivamente:

(26) E: Você vai frequentemente?
F: não... *eu trabalhava nesse... nesse... nessa Eco-lazer* transportando as pessoas que vinha de Campo Grande para Eco-lazer. Então nisso eu... dava aquela entradinha também... trabalhei com um grupo que toca lá também. Levava eles, buscava eles. (Amostra Censo 2000, fal.10)

(27) Ela olha os menino pra mim, né? aí eu me... eu tiro a maior onda cum ela. Sento no balanço, brinco. E quando eu tenho oportunidade, eu brinco. Porque eu num tive infância. Eu num tive infância. *Minha infância foi sempre* trabalhando na casa dos outro*,* tomando conta de filho dos outro. Sendo humilhada por parente. (Amostra Censo 2000, fal.08)

Os processos mentais são os do *sentir*, relacionados aos sentimentos, pensamentos e percepções, e exigem um participante (experienciador) com o traço mais humano. Exemplos desses processos são verbos como pensar, gostar, sofrer, lembrar, entre outros. Em (28), *lembrar* na oração núcleo e em (29), *pensar* na oração de gerúndio, exemplificam esse tipo de processo em contextos de relação temporal.

(28) Seus militantes eram os únicos puros e as suas administrações sem máculas. No entanto, *como lembrou Franklin Martins no seu programa de TV*, citando Caetano Veloso, "de perto, ninguém é normal". (O Globo, Artigo de opinião)

(29) E: Mas já aconteceu de saí tiro nesses bailes, nessas coisas?
F: Saiu. Já saiu. Inclusive a polícia tem é.... passô perto da gente, tava eu e uns amigos, né? revistou meus colega, deu um tapa na cara do meu amigo. São muito abusado. Um amigo... pensando que ele tava cum droga, *deu um tapa na cara do rapaz*, eu falei: “Ih, meu Deus! Ele vai me batê”. (Amostra Censo 2000, fal.08)

Os processos relacionais, definidos por Halliday (1994) como processos do *ser*, indicam circunstância e posse, como *estar*, *ir*, *voltar*, *ficar*, entre outros. Estabelecem uma relação entre duas entidades separadas. O exemplo (30), caso de

uma relação de modo, e o (31), relação de concomitância, ilustram esses processos com os verbos *estar* e *esperar*:

(30) Imagino como estão frustrados e decepcionados os comunistas do PPS e outros, que votaram em Ciro Gomes. *O homem está quieto*, mimetizando o cordeiro, todavia é um lobo algoz. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

(31) *O treinador Manoel Lopes*, que vem apresentando muito bem o neto de Executionner II, *deu nova chance ao jóquei E.S.Teixeira* (na derradeira foi pilotado por Tiago Josué Pereira), esperando o triunfo. (Povo, Artigo de opinião)

Os processos comportamentais são típicos do comportamento humano e incluem tanto comportamentos fisiológicos (*gritar*, *sonhar* etc.), como psicológicos (*ajudar*, *sonhar* etc.). No exemplo (32), o processo da oração núcleo é o verbo *andar* e, no (33), é a forma de gerúndio *aproveitando*.

(32) E: Mas como foi essa tentativa de assalto? Conta aí pra mim como é que foi?
F: Bom, *eu estava andando assim na rua*, olhando umas vitrines, quando eu percebi alguém chegá assim ao meu lado. Quando eu fui ver era um cara, o cara estava... o cara até mal encarado, aí eu disfarcei, né, falei “O quê?”. Aí ele: “Me dá o relógio aí”. (Amostra Censo 2000, fal.13)

(33) Agora, aproveitando o escândalo do momento, *querem os mandantes da vez empurrar em quem trabalha e produz o financiamento público de campanhas eleitorais*. (O Globo, Carta de leitor)

O quinto tipo são os processos verbais, aqueles ligados ao *dizer*, como *falar*, *perguntar*, *responder*, *afirmar*. O processo verbal não exige necessariamente a consciência do participante. Em (34), a oração núcleo – *o pessoal fala que ta storm* – tem um processo característico do dizer e, em (35), a oração de gerúndio - *alegando não terem o que fazer* – também, uma vez que verbos como *falar* e *alegar* são deste processo.

(34) F: Conheço, conheço... muitas gírias.... Eh, por exemplo, quando o mar tá muito cheio, quando a praia tá muito cheia de gente, eh, a pessoa fala que tá crowd, né? Tem o crowd. Eh, o lugar onde tem sempre, onde sempre tem as melhores ondas, onde tá sempre cheio de gente na praia, é o... o pessoal chama de pico... Eh... ahn... deixa eu ver aqui... quando o mar tá, não tem onda nenhuma, tá liso liso, parecendo lagoa, o pessoal fala que tá flat... quando o mar tá... tá grande, grande, grande, bem grande mesmo, mas tando bem mexido, bem ruim de pegar nada, eh, *o pessoal fala que tá storm*; e tem várias outras gírias que se eu for falar aqui vai... (Amostra Censo 2000, fal.09)

(35) Leio nos jornais *que muitas pessoas lamentaram a decisão do governo de fechar as casas de bingo*, alegando não terem o que fazer, um passatempo que ocupassem suas horas livres. (O Globo, Carta de leitor)

Finalmente, os processos existenciais indicam que algo existe ou acontece, como *haver*, *existir* e *acontecer*. Esse tipo de processo é exemplificado em (36) pelo verbo *acontecer* na oração núcleo e em (37) pelo verbo *rolando* (rolando algum aniversário) na oração de gerúndio.

(36) E querem saber mais? *Em determinadas escolas acontecerão terremotos* dando tudo o que foi lido, nas reuniões. (Povo, Crônica)

(37) Ali perto do Country, alí, com uma rapaziada que eu conheço... com alguns amigos meus aqui da Ilha também. Assim, pra mim, basicamente é assim. Se o tempo tive bom se resume o final de semana praia, entendeu? porra rolando algum aniversário de amigo meu *fazê um churrasquinho*, entendeu? ou viajá, entendeu? (Amostra Censo 2000, fal.23)

Na classificação acima, foi acrescentada a categoria de verbo suporte. De acordo com Neves (2000), verbos suporte são aqueles de significado esvaziado e que formam, com seu complemento, um significado global e geralmente correspondente a outro verbo da língua. Os exemplos (38) e (39) ilustram as ocorrências de verbo suporte na oração núcleo e na adverbial de gerúndio.

g) Verbo suporte:

(38) E: Onde você fez estágio?
F: Fiz estágio na... *fiz estágio na Prefeitura*, fazendo análises técnicas, é... vendo processos também nas áreas de construção civil e vistorias técnicas nas casas assim, nos domicílios. (Amostra Censo 2000, fal.13)

(39) F: Isso que eu acho. Pois é, *mas ele falava isso na cara do pessoal*, dando essas indiretas e... e isso fez com que muitas pessoas se afastassem. E agora teve um pessoal voltando, mas ele dá a missa, mas ele agora depois que foi um padre pra lá, que ele deve ter uns trinta e pouco anos. (Amostra Censo 2000, fal.14)

De forma geral, acreditamos que verbos de processo relacional na oração núcleo e na oração de gerúndio favorecem uma interpretação temporal entre as orações. A relação de modo, por outro lado, estaria mais associada a verbos do tipo comportamental, já que essa oração de gerúndio modifica um evento mais concreto, especificando a forma como ele ocorre.

A tabela 10 mostra, para a fala, a distribuição das orações de gerúndio de acordo com o tipo de processo verbal da oração núcleo.

Tabela 10 – Relação semântica e tipo de predicador da oração núcleo - Fala

Tipo de processo	Concomitância	Modo	Condição	Tempo	Finalidade	Causa	Total
Material	8= 17%	4= 10%	2= 5%	2= 6%	5= 33%	3= 25%	**24= 13%**
Mental	4= 9%	5= 13%	11= 30%	3= 10%	0= 0%	2= 17%	**25= 14%**
Relacional	28= 61%	15= 38%	19= 52%	20= 64%	9= 60%	5= 42%	**96= 53%**
Comportamental	4= 9%	10= 26%	2= 5%	3= 10%	1= 7%	1= 8%	**21= 12%**
Verbal	2= 4%	2= 5%	1= 3%	3= 10%	0= 0%	1= 8%	**9= 5%**
Existencial	0= 0%	2= 5%	2= 5%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**4= 2%**
Verbo suporte	0= 0%	1= 3%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 1%**
Total	**46**	**39**	**37**	**31**	**15**	**12**	**180**

Destaca-se, antes de mais nada, que algumas relações parecem ser mais restritivas do que outras quanto à diversidade de orações núcleo com que se combinam: as orações de gerúndio de modo e de condição admitem diferentes tipos

de oração núcleo, enquanto as de causa, concomitância, tempo e finalidade se ligam a uma menor diversidade de tipos de processo na núcleo.

O tipo de verbo mais presente nas orações núcleo é o relacional, somando 53% de todas as ocorrências. Os menos recorrentes são os processos verbal, 5%, e existencial, 2%, além do verbo suporte, que contou com apenas 1% das ocorrências.

Orações núcleo com verbo relacional predominam em todas as relações semânticas, sobretudo para concomitância, 61%, tempo, 64%, e finalidade, 60%. As relações de causa, 42%, e de modo, 38%, embora se alinhem à mesma tendência, permitem maior variabilidade, principalmente com orações núcleo que codificam processo material, no caso da primeira, 25%, e comportamental, 26%, no caso da segunda. Na relação de condição destaca-se também o índice para processos do tipo mental, 30%.

Os demais processos foram menos recorrentes. Na relação de tempo, observa-se a maior ocorrência de processos verbais na oração núcleo, 10%. Orações núcleo com processos existenciais são mais limitadas, ocorrendo apenas para as de modo e de condição.

A tabela 11 mostra a distribuição das orações adverbiais de gerúndio de acordo com o tipo de verbo desta oração.

Tabela 11 – Relação semântica e tipo de predicador da oração de gerúndio - Fala

Tipo de processo	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Material	17= 30%	8= 17%	11= 28%	4= 13%	1= 6%	1= 8%	**42= 21%**
Mental	9= 16%	5= 11%	1= 3%	1= 3%	2= 13%	5= 42%	**23= 11%**
Relacional	1= 2%	4= 9%	17= 43%	17= 53%	0= 0%	5= 42%	**44= 22%**
Comportamental	19= 34%	24= 52%	7= 17%	6= 19%	4= 27%	0= 0%	**60= 30%**
Verbal	8= 14%	2= 4%	1= 3%	3= 9%	4= 27%	1= 8%	**19= 10%**
Existencial	0= 0%	0= 0%	1= 3%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 1%**
Verbo suporte	2= 4%	3= 7%	1= 3%	1= 3%	4= 27%	0= 0%	**11= 5%**
Total	**56**	**46**	**39**	**32**	**15**	**12**	**200**

De forma diferente da oração núcleo, na oração de gerúndio predominam os processos do tipo comportamental, relacional, e material. Considerando, no

entanto, os resultados para cada uma das relações semânticas, observa-se acentuada flutuação nos valores percentuais para cada uma delas. Assim, em orações de gerúndio que codificam modo, destaca-se a recorrência de processos comportamentais, 52%, o que pode se explicar pela própria função da oração de gerúndio nesses períodos: especificar o modo, a forma como a predicação apontada na núcleo está sendo ou foi realizada. O processo material nas orações modais esteve presente em 17% das ocorrências. São menos recorrentes nessa relação o processo mental, com 11%, processo relacional, com 9%, verbo suporte, com 7%, e verbal, com apenas 4%.

Para a relação de concomitância, verifica-se uma distribuição bastante semelhante à da relação de modo, com predominância de processo comportamental, 34%, material, 30%, e mental, 16%. Aproxima-se ainda das de modo no que se refere à escassez de processos relacionais, com apenas 2%. Diferentemente das modais, as de concomitância apresentam um índice mais elevado de processos verbais, 14%.

Na relação de condição, o processo relacional foi o mais recorrente, com 43% dos dados, seguido pelo material, com 28%, e, em terceiro lugar, o processo comportamental, com 17%. Os processos mental, verbal, existencial e o verbo suporte apareceram em 3% dos casos cada um. Chamamos a atenção para o único caso de processo existencial ter ocorrido na relação condicional.

A relação de tempo, ainda de acordo com a tabela 11, está mais presente nas orações de gerúndio com processo relacional, 53% dos dados. Segue-se uma frequência mais significativa de processos comportamentais, com 19%. Com índices mais baixos, aparecem processo material, com 13%, verbal, com 9%, mental e verbo suporte, com 3% cada um.

Nas orações de gerúndio de finalidade, observa-se uma distribuição equilibrada entre os processos comportamental e verbal, além do verbo suporte, com média de 27% para cada um deles. Processos do tipo mental, 13%, e principalmente material, com 6%, são menos frequentes nas orações de gerúndio finais. Essas orações parecem estar sujeitas a maiores restrições quanto ao tipo de predicador, não apresentando ocorrências de processos relacional e existencial.

As orações de gerúndio causais distribuem-se de forma similar por processos do tipo mental e relacional, ambos com frequência de 42%, admitindo

menos frequentemente processos material e verbal, com 8% de ocorrências cada um.

Uma diferença relevante entre as orações núcleo e as orações de gerúndio a elas associadas é a maior diversidade de tipos de predicadores desta oração em oposição a uma maior restrição nas orações núcleo. Os resultados mostram que enquanto as orações de gerúndio têm uma distribuição bastante equilibrada entre verbos de processo comportamental, relacional e material, as orações núcleo têm mais de 50% dos dados concentrados em verbos de processo relacional.

As tendências observadas para as orações núcleo na modalidade falada se alteram em alguns aspectos na modalidade escrita, considerando os resultados da tabela 12:

Tabela 12 - Relação semântica e tipo de predicador da oração núcleo - Escrita

Tipo de processo	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Material	16= 12%	19= 18%	9= 11%	7= 13%	11= 28%	9= 26%	3= 10%	0= 0%	**74= 15%**
Mental	21= 17%	9= 9%	18= 22%	3= 6%	0= 0%	4= 12%	1= 3%	2= 10%	**58= 11,8%**
Relacional	45= 36%	24= 23%	26= 31%	28= 54%	14= 35%	8= 24%	12= 42%	10= 50%	**167= 34%**
Comportamental	33= 26%	41= 40%	24= 29%	11= 21%	13= 32%	11= 32%	7= 24%	6= 30%	**146= 30%**
Verbal	1= 1%	0= 0%	1= 1%	3= 6%	0= 0%	0= 0%	2= 7%	1= 5%	**8= 2%**
Existencial	10= 8%	10= 10%	5= 6%	0= 0%	2= 5%	1= 3%	4= 14%	1= 5%	**33= 7%**
Verbo suporte	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 3%	0= 0%	0= 0%	**1= 0,2%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

Os resultados apontados na tabela 12 mostram que, na escrita, os verbos das orações núcleo relacionadas às orações adverbiais de gerúndio distribuem-se de forma equilibrada por processos do tipo relacional, 34% dos dados, e comportamental, com 30% dos dados, de forma um pouco distinta da que já foi observada para a fala. Seguem-se, com valores um pouco mais relevantes, processo material, com 15%, e mental, com 11,8%. Todos os demais tipos de processos apresentam índices pouco relevantes.

Nas relações de concomitância e de tempo observa-se a mesma flutuação entre processos relacionais e processos comportamentais na oração núcleo, com valores muito aproximados. Na relação semântica de concomitância, verifica-se ainda incidência um pouco mais elevada dos processos material, 12%, e mental, 17%. As orações núcleo das orações de gerúndio com valor temporal apresentam índice mais significativo para processos mentais, com 22%, o maior índice deste processo entre todas as relações de sentido analisadas. As demais possibilidades estão associadas a valores muito baixos.

Na relação de modo, destaca-se a frequência de orações núcleo com verbos comportamentais, 40%, bem mais elevada do que o índice associado aos processos relacionais, 23%, muito próximo inclusive da frequência de processos do tipo material, 18%. A predominância de comportamentais pode ser constatada também nas orações núcleo ligadas a orações de gerúndio consecutivas, 32%, destacando-se ainda para essa relação os índices muito próximos para processos do tipo material, 26%, e relacional, 24%.

Os verbos da oração núcleo ligada a orações de gerúndio finais distribuem-se de forma equivalente entre comportamental, 32%, material, 28%, o índice mais expressivo entre todas as relações, e relacional, 35%. Apresentam ainda um índice de 5% para os processos existenciais.

A predominância de processos relacionais na oração núcleo pode ser constatada nas relações de causa, 42%, condição, 54%, e concessão, 50%. As três relações se aproximam ainda pelos valores associados a processos do tipo comportamental: causa= 24%, condição = 21% e concessão = 30%. Para os demais processos, os índices são pouco representativos.

Comparando as duas modalidades, algumas diferenças no que se refere à oração núcleo merecem destaque. Na fala, a frequência de orações núcleo com processo relacional é significativa, enquanto na escrita, as orações núcleo se distribuem de forma equilibrada entre processos relacional e comportamental. No entanto, as duas modalidades aproximam-se no que se refere aos predicadores menos frequentes nas orações núcleo, quais sejam, os processos verbais, existenciais, e verbo suporte.

Considerando cada relação semântica especificamente, vale ressaltar uma diferença interessante entre as duas modalidades. Na fala, algumas relações, como concomitância e tempo, apresentam maior limitação quanto ao tipo de processo da

núcleo com que se relacionam, enquanto que, na escrita, essas mesmas relações admitem maior diversidade.

No que se refere à oração de gerúndio, pode-se constatar maior paralelismo entre os resultados da fala e os da escrita, como se pode observar na tabela 13:

Tabela 13 - Relação semântica e tipo de predicador da oração de gerúndio - Escrita									
Tipo de processo	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Material	20= 16%	23= 22%	8= 10%	9= 17%	3= 8%	10= 29%	2= 7%	3= 15%	**78= 16%**
Mental	17= 13%	5= 5%	16= 19%	8= 15%	4= 10%	5= 15%	7= 25%	3= 15%	**65= 13%**
Relacional	18= 14%	16= 15%	19= 23%	17= 33%	11= 28%	10= 29%	15= 52%	9= 45%	**115= 24%**
Comportamental	60= 48%	44= 43%	27= 33%	6= 12%	13= 32%	9= 27%	3= 10%	3= 15%	**165= 34%**
Existencial	0= 0%	0= 0%	2= 2%	9= 17%	0= 0%	0= 0%	1= 3%	0= 0%	**12= 2%**
Verbal	10= 8%	14= 14%	11= 13%	1= 2%	9= 22%	0= 0%	1= 3%	1= 5%	**47= 10%**
Verbo suporte	1= 1%	1= 1%	0= 0%	2= 4%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 5%	**5= 1%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

De acordo com os percentuais da tabela 13, assim como na fala, as orações de gerúndio na escrita possuem, em sua maioria, processos do tipo comportamental, com 34%, seguidos pelos relacionais, com 24%. Alguns outros processos apresentam índices que não podem ser desprezados: material, 16%, mental, 13%, verbal, 10%, e apenas os processos existencial, 2%, e verbo suporte, com apenas 1% dos dados, são muito escassos.

Para Simões (2007), a presença dos verbos existenciais nas orações de gerúndio favorece a ambiguidade, permitindo a emergência de valores semânticos como os de concessão, causa, condição e adição. Nossos dados indicam que os verbos existenciais são pouco frequentes, tanto nas orações núcleo quanto nas orações adverbiais de gerúndio e tendem a favorecer a interpretação de condição.

Nas orações modais, destaca-se, de forma similar ao observado para a fala, o processo comportamental, com 43% dos dados, seguido pelo material, com 22%. As orações de gerúndio concomitantes apresentam a mesma tendência, com 48% para processos comportamentais e 16% para processos materiais. Essas

últimas apresentam 14% de relacionais e aumenta a frequência de processos mentais, se comparadas às modais, 13%.

Nas temporais, os processos comportamentais, relacionais, materiais e mentais perfazem mais de 80% do total dessas orações. Ainda assim, destaca-se o índice de 33% associado aos processos comportamentais. Para as causais, as condicionais e as concessivas, destacam-se os índices associados a processos relacionais, 52%, 33% e 45%, respectivamente. As causais se particularizam, no entanto, pelo maior índice de processos mentais, 25%, que, para condicionais e concessivas, possuem valores idênticos ou quase idênticos aos dos processos materiais.

Comparando as duas modalidades, merece destaque o paralelismo no que se refere às propriedades do predicador da oração de gerúndio: em ambas predominam, nas orações de gerúndio, os processos comportamental e relacional. Da mesma forma, aqueles tipos menos frequentes são verbal, existencial e verbo suporte.

Uma comparação das tendências identificadas nesta seção com as que foram depreendidas em estudos sobre orações finitas permite questionar se essas tendências são particulares aos períodos complexos com orações de gerúndio ou característicos das relações lógico-semânticas que elas codificam. No que se refere às temporais, por exemplo, Pereira (1999) destaca que tanto nas orações núcleo quanto nas hipotáticas predominam verbos de ação e de situação.[12]

A pesquisa de Paiva (1991) sobre as causais mostrou que orações com verbos de evento codificam uma noção de causa estrita, como um acontecimento, e orações com os demais tipos verbais codificam a denominação de razão, motivo, ou explicação.[13]

Ao longo desta seção, consideramos separadamente a oração núcleo e a oração de gerúndio. Uma análise mais aprofundada dos períodos com orações de gerúndio requer, no entanto, considerar as possíveis combinações entre os processos codificados em cada um dos segmentos do período complexo.

---

[12] Para a classificação de tipos de verbo, Pereira (1999) baseou-se na proposta de Dik (1989), o que impõe uma certa cautela na comparação.

[13] A classificação da autora também difere da utilizada nesta pesquisa.

Como já mostraram vários trabalhos sobre períodos complexos (PEREIRA, 1999, SIMÕES, 2007), principalmente os que focalizam relações adverbiais, existem combinações mais frequentes entre as duas predicações relacionadas. Neste estudo, procuramos identificar essas combinações através da análise do cruzamento das variáveis tipo de verbo da oração núcleo e tipo de verbo da oração de gerúndio. Os resultados, esquematizados na tabela 14, autorizam conclusões um pouco diferenciadas para cada uma das relações semânticas consideradas.[14]

[14] O cruzamento dessas variáveis foi realizado com o auxílio dos programas *GoldVarb* 2001, que permitem verificar a distribuição dos dados em função de duas variáveis simultaneamente. Serão consideradas apenas as configurações que se mostraram mais relevantes, ignorando as células com número muito pequeno de dados.

Tabela 14 - Correlação entre tipo de verbo da oração núcleo e da oração de gerúndio					
Oração núcleo	**Oração de ger.**	**Fala**		**Escrita**	
Concomitância					
Relacional	Comportamental	12	22%	18	14%
Comportamental	Mental	-	-	14	11%
Relacional	Mental	6	11%	9	7%
Relacional	Material	7	13%	-	-
Modo					
Comportamental	Comportamental	21	48%	22	21%
Comportamental	Relacional	9	20%	18	17%
Comportamental	Material	-	-	7	7%
Relacional	Material	-	-	8	8%
Relacional	Comportamental	11	25%	-	-
Tempo					
Relacional	Comportamental	4	13%	16	19%
Comportamental	Relacional	-	-	10	19%
Comportamental	Comportamental	-	-	7	8%
Relacional	Relacional	11	36%	-	-
Relacional	Material	3	10%	-	-
Condição					
Relacional	Relacional	8	21%	5	12%
Mental	Relacional	-	-	4	8%
Relacional	Material	7	19%	-	-
Relacional	Existencial	-	-	6	12%
Finalidade					
Relacional	Comportamental	2	13%	6	15%
Relacional	Verbo suporte	4	26%	-	-
Material	Verbal	-	-	6	15%
Consequência					
Comportamental	Comportamental	-	-	5	14%
Relacional	Relacional	-	-	4	12%
Relacional	Material	-	-	4	12%
Causa					
Relacional	Relacional	2	17%	10	34%
Relacional	Mental	3	25%	-	-
Material	Mental	2	25%	-	-
Concessão					
Relacional	Relacional	-	-	5	25%

De acordo com os resultados da tabela 14, os padrões predominantes de correlação entre o tipo de verbo da oração núcleo e da oração de gerúndio distinguem-se ligeiramente na fala e na escrita, em função da relação semântica considerada. Assim, para a relação de modo, observa-se na modalidade falada nítida predominância da combinação entre processo comportamental na oração núcleo e na oração de gerúndio, com 48%. Na modalidade escrita, por sua vez, essa combinação é de 21% e concorre com o padrão processo comportamental na núcleo/processo relacional na oração de gerúndio, com 17%. Na fala, destaca-se

como segunda configuração mais frequente, com 25%, a que envolve oração núcleo com verbo do tipo relacional e oração de gerúndio com verbo do tipo comportamental.

Na relação de concomitância, na fala, destaca-se o índice para relacional na núcleo e comportamental na oração de gerúndio, com 22%. Na escrita, não chega a haver diferença entre essa configuração, com 14%, e a combinação entre processo comportamental e mental, 11%. As duas modalidades se distinguem ainda pela maior frequência de orações de gerúndio com verbo do tipo material na fala e do tipo mental na escrita.

Na relação semântica de tempo, a combinação entre os processos da oração núcleo e da oração de gerúndio mais frequente na fala é a relacional/relacional, com 36% dos dados. Na escrita, observa-se maior diversidade de combinações, igualando-se os índices para relacional/comportamental e comportamental/relacional, ambos com 19%.

Os resultados para as orações condicionais apontam maior diversidade de combinações na escrita do que na fala. Na modalidade falada, aproximam-se os valores percentuais para relacional/relacional, 21%, e para relacional/material, com 19%. Na escrita, temos 12% para relacional/relacional e 12% para relacional/existencial. Essa distribuição reforça a recorrência do processo relacional nas condicionais das duas modalidades.

Para a relação de finalidade, uma correlação entre predicadores é paralela nas duas modalidades: verbo do tipo relacional na núcleo e verbo do tipo comportamental na oração de gerúndio, com 13%, na fala, e 15%, na escrita. Na modalidade escrita, no entanto, este índice é idêntico ao de material/verbal, combinação ausente na fala em que a frequência mais elevada está associada à correlação relacional/verbo suporte, 26%, embora este percentual represente apenas quatro ocorrências.

Na relação semântica de causa, a escrita parece ser mais restritiva, concentrando-se na correlação relacional/relacional, com 34%. Na fala, verifica-se maior diversidade, com índices mais expressivos para as combinações relacional na núcleo e mental na oração de gerúndio e processo material na núcleo e mental na oração de gerúndio, ambos com 25%.

Para as orações de gerúndio consecutivas, restritas à modalidade escrita, verificam-se índices equivalentes para três combinações:

comportamental/comportamental, com 14%, relacional/relacional, com 12%, e relacional/material com 12%. Finalmente, a relação de concessão corrobora a recorrência do padrão relacional/relacional, com 25%.

Comparando os resultados para as diferentes relações semânticas, ressaltamos que as combinações mais regulares e frequentes na fala envolvem a correlação entre um verbo relacional na núcleo e um relacional ou um comportamental na oração de gerúndio. Na escrita, apesar de haver outras configurações de processos verbais, ainda é mais frequente aqueles envolvendo os comportamentais e os relacionais.

Isso evidencia que as orações de gerúndio combinam-se, preferencialmente, com orações cujo núcleo verbal é diferente, não havendo restrições entre uma forma e outra. No entanto, como as relações de concomitância e de modo são maioria, os processos verbais comportamentais e relacionais estão sempre envolvidos, porque codificam comportamentos ou circunstâncias em que o estado de coisas descrito na oração núcleo ocorre.

6.3.2 Sequencialidade entre os estados de coisas relacionados

Um aspecto relevante para a compreensão das relações semânticas codificadas nos períodos com orações de gerúndio envolve a sequencialidade entre os estados de coisas codificados. Essa questão ganha maior importância se considerarmos dois aspectos: a) a forma de gerúndio está fortemente associada ao aspecto imperfectivo e à noção de simultaneidade, b) uma parte considerável dos nossos dados diz respeito a relações no domínio mais amplo da condicionalidade (tempo, causa, condição, finalidade, consequência), baseadas em grande parte na forma de disposição dos estados de coisas no eixo temporal.

Em função mesmo da sua natureza, as orações de modo e de concomitância codificam estados de coisas simultâneos, razão pela qual elas foram excluídas da análise deste parâmetro. Nos concentramos, então, nas demais relações analisadas – tempo, condição, causa, concessão, consequência e finalidade, que, pelo menos em princípio, admitem três possibilidades no que se refere à disposição temporal dos estados de coisas relacionados: a) simultaneidade entre os estados de coisas descritos na núcleo e na oração de gerúndio; b) anterioridade do estado de coisas descrito na oração de gerúndio em relação ao

descrito na oração núcleo e c) posterioridade do estado de coisas descrito na oração de gerúndio, como mostram os exemplos a seguir:

a) Simultaneidade entre os estados de coisas:

(40) F: Ah, eu ia mudá um po..., não ia mudá de vida, simplesmente ia ficá calado, né? eu... eu, por exemplo, ia dá um jeito na minhas irmã, as duas coisa que... não ia fazê nada pelo meus sobrinhos, é claro, né? Eu dando a mãe deles *é a merma coisa de eu tá dando pra eles*, né? (Amostra Censo 2000, fal.16)

Em (40), os estados de coisas relacionados são necessariamente simultâneos, já que o estado codificado na oração núcleo – *é a merma coisa de eu tá dando pra eles* - se superpõe temporalmente ao estado – *Eu dando a mãe deles* - codificado na oração de gerúndio condicional.

b) Oração de gerúndio com estado de coisas anterior ao da oração núcleo:

(41) O público que acreditou nessa fantasia é, aliás, o mesmo que, uns anos atrás, se debulhava em lágrimas de emoção religiosa ante a figura do Sr. Herbert de Souza e levava integralmente a sério a proposta de beatificá-lo - uma apoteose de entusiasmo devoto que se desfez em fumaça tão logo *o ex-futuro-santo*, morrendo, *perdeu a substância midiática e a utilidade política* que constituíam, no fim das contas, todo o estofo do seu ser espiritual. (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

No exemplo (41), a oração de gerúndio com valor temporal – *morrendo* - codifica um estado de coisas necessariamente anterior ao que é codificado na oração núcleo - *perder a substância midiática e a utilidade política* -. A própria coerência discursiva requer a disposição temporal entre os dois processos.

c) Oração de gerúndio com estado de coisas posterior ao da oração núcleo:

(42) F: Está preso, tá em São Paulo preso.
E: Como começou tudo?
F: *Ele foi no cinema* metralhando as pessoas que tava na na arquibancada, na cadeira sentada vendo um filme, entendeu? aí ele vinha cum a coisa meteno bala ni todo mundo ali. Todo mundo que tava, ele metia bala, num queria nem sabé se era grande, se é pequeno, não tinha nada, ele vai e... chegava e metralhava. (Amostra Censo 2000, fal.21)

Em (42), a oração de gerúndio de finalidade – *metralhando as pessoas* – codifica um acontecimento que tem de, necessariamente, ser posterior ao evento codificado na oração núcleo (ele foi ao cinema).

Na investigação deste parâmetro, espera-se que as orações de gerúndio condicionais e causais codifiquem estados de coisas anteriores em relação ao da núcleo. As temporais admitiriam maior flexibilidade, com estados de coisas anteriores ou posteriores e as finais tenderiam a codificar estados de coisas posteriores ao codificado na oração núcleo. A tabela 15, que mostra a distribuição das orações de gerúndio de acordo com a disposição temporal dos estados de coisas codificados no período complexo na fala, confirma essas expectativas.

Tabela 15 – Relação semântica e disposição temporal das orações de gerúndio - Fala

Disposição Temporal	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Simultâneo	49= 100%	39= 100%	5= 14%	17= 57%	7= 47%	4= 33%	**121= 67%**
Anterior	0= 0%	0= 0%	31= 86%	11= 37%	0= 0%	8= 67%	**50= 28%**
Posterior	0= 0%	0= 0%	0= 0%	2= 6%	8= 53%	0= 0%	**10= 5%**
Total	**49**	**39**	**36**	**30**	**15**	**12**	**181**

Considerando as relações semânticas especificadas na tabela 15, as orações de gerúndio apresentam, predominantemente, estados de coisas simultâneos ao da oração núcleo, em mais da metade dos dados, 67%. Essa característica é categórica nas relações de concomitância e modo.

Se considerarmos as demais relações de sentido, podemos perceber diferenças. No que se refere às causais, com base nos resultados de Paiva (1991), há indicações de particularidades das orações de gerúndio em relação às causais finitas, introduzidas pelo conector *porque*. Na análise da modalidade falada, embora a autora encontre índices expressivos de causais não simultâneas, predominam os períodos em que se relacionam dois estados de coisas simultâneos, em 55,64% dos casos.

Para a relação de tempo, é perceptível a maior flexibilidade de disposição temporal dos estados de coisas relacionados, com 57% de orações com estado de coisas simultâneo, 37% de estados de coisas anteriores e 6% posteriores.

A incidência de estados de coisas simultâneos pode estar relacionada ao fato de que a superposição parcial ou total de dois estados/eventos na linha do tempo parece ser um dos fatores que favorece a ambiguidade entre uma interpretação temporal ou condicional das orações de gerúndio, aproximando-as inclusive das temporais conectadas. Como destaca Neves (1999a), embora as temporais finitas admitam a codificação tanto de estados de coisas simultâneos como de estados de coisas sequenciais (anteriores e posteriores), a simultaneidade entre o estado de coisas descrito na temporal e na núcleo favorece uma leitura de habitualidade, como em:

(43) Infelizmente não estava enganada, e sofro mesmo não estando mais aí. *Sofro* vendo uma cidade tão linda ser destruída. (O Globo, Carta de leitor)

No exemplo acima, os estados de coisas descritos nas duas orações *sofrer* e v*er a cidade ser destruída* são superpostos, pelo menos parcialmente, na linha do tempo, introduzindo uma nuance aspectual de + habitual. Pode-se afirmar que sempre que a falante vê a destruição também há sofrimento, o que investe o enunciado de uma generalidade. Essa generalidade autoriza a derivação de uma interpretação condicional a partir da interpretação temporal, gerando, assim, uma certa ambiguidade.

Cabe aqui ainda uma análise mais detida de algumas características observadas nas orações temporais que codificam estados de coisas anteriores que, como mostra a tabela 15, constitui o segundo padrão predominante na modalidade falada. Consideremos os exemplos a seguir:

(44) F: Consegui porque, é claro, né, consegui primeiro porque eu consegui comprová que eu num tinha mesmo como pagar, eu não estava trabalhando na época, daí também uma facilidade, porque eu pude sair daqui, pude saí cedo, tive o tempo todo disponível pra ficá lá à mercê da universidade com toda a burocracia, que, no caso, eu saí cedo de casa e fui lá pra lá pra Rural, uma viagem enorme, aí ta, chegando lá *ainda tive que esperá acho que começá o horário de atendimento,* eles dão uma, te dão uma, folha com os requisitos, né, o que que precisa, documentação, o que que precisa comprovar, essas coisa assim que são necessária pra eles te avaliarem, pra ver se você merece ou não, pode ou não pagar. (Amostra Censo 2000, fal. 13)

(45) F: No início, como é que se diz, ele ficô com pneumonia, ele tinha parado no hospital, ele ficô duas semanas no hospital, depois saiu do hospital, veio pra cá, teve alta, veio pra casa. Aí tudo bem, tava trabalhando, normalmente, não tava fumando mais, comendo normalmente, aí de repente ele começô passá- vomitá, vomitá, aí teve que í pro hospital, aí chegando lá *o médico constatô que ele tava com câncer*. O câncer tinha comido o pulmão dele todo, não tinha chance, aí ele morreu. (Amostra Censo 2000, fal. 17)

Os períodos complexos em (44) e (45) são interessantes por envolverem a mesma oração temporal - *chegando lá* -, que antecede o fato/evento ao qual está ligada. Nos dois exemplos a oração de gerúndio poderia ser parafraseada por uma oração finita introduzida por *quando*, sem maior prejuízo do significado. No entanto, o intervalo de tempo entre os dois eventos é bastante distinto nos dois períodos. Em (44), o fato de esperar (que não tem um ponto final determinado) segue-se imediatamente ao fato de chegar à universidade, sem intervalo entre eles. Em (45), *a constatação do câncer* não pode seguir imediatamente ao fato de *chegar ao hospital* e o intervalo de tempo entre os dois eventos não é delimitado. As orações de gerúndio temporais codificam, portanto, tanto intervalos de tempo definidos como indefinidos com relação ao estado de coisas descrito na núcleo, o que explicaria os índices elevados de temporais, e sobretudo de temporais anteriores, na fala.

No geral, podemos observar que é bastante baixo o índice de orações de gerúndio que codificam um estado de coisas posterior ao apresentado na oração núcleo, o que confirma a posição de Souza Campos (1980), para o português, e de Hoyer (2003), para o francês, quanto à existência de uma restrição à codificação de posterioridade pelas orações de gerúndio.[15] A relação de finalidade foi a única que apresentou percentagem maior de orações de gerúndio com estados de coisas posteriores, com um total de 53%. A maior recorrência dessa possibilidade com as orações de gerúndio finais pode reforçar nossa posição de que, pelo menos em parte, a disposição temporal da oração de gerúndio em relação à sua núcleo espelha propriedades da própria relação semântica codificada. Como mostra Dias (2001), as orações finais codificam um movimento do tipo origem-trajetória-meta, ou

[15] Hoyer (2003) mostra que, no francês, o gerundivo fica excluído neste caso. No entanto, ela mesma assume que é necessária a consideração de outros parâmetros para a definição dos usos do gerúndio.

seja, elas constituem uma projeção, uma intenção quanto a algo que se realizará no futuro.

Essa tendência se inscreve perfeitamente nas previsões do princípio de iconicidade, ou seja, as orações de gerúndio finais, ao codificarem posterioridade com relação ao estado de coisas descrito na núcleo, reproduzem de certa forma a ordenação dos eventos no mundo real (GIVÓN, 1984, 2001).

As correlações observadas para a fala se mantêm em muitos aspectos quando consideramos a modalidade escrita, como mostram os resultados da tabela 16.

Tabela 16 – Relação semântica e disposição temporal das orações de gerúndio - Escrita

Disposição temporal	Concomitância	Modo	Tempo	Condição	Finalidade	Consequência	Causa	Concessão	Total
Simultâneo	126= 100%	103= 100%	78= 94%	21= 40%	33= 83%	33= 97%	12= 41%	13= 65%	**419= 86%**
Anterior	0= 0%	0= 0%	3= 4%	31= 60%	0= 0%	0= 0%	17= 59%	6= 30%	**57= 12%**
Posterior	0= 0%	0= 0%	2= 2%	0= 0%	7= 17%	1= 3%	0= 0%	1= 5%	**11= 2%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

De forma bastante semelhante ao verificado na modalidade falada, na modalidade escrita, há predominância absoluta, 86%, de orações de gerúndio que codificam estados de coisas simultâneos ao da oração núcleo, reiterando a tendência depreendida por Souza Campos (1980). As orações de gerúndio anteriores à núcleo somaram 12% e aquelas com estados de coisas posteriores representam apenas 2% dos dados de escrita analisados. Assim como se verificou para a fala, nas relações de modo e de concomitância, observa-se resultado categórico de simultaneidade.

A predominância de estados de coisas simultâneos pode ser observada para praticamente todas as relações semânticas, sendo mais nítida nas orações de gerúndio consecutivas, 97%, nas temporais, 94%, e nas de finalidade, 83%. A relação de condição particulariza-se pelo predomínio de estados de coisas anteriores, 60%, de forma paralela à que foi observada para a modalidade falada. As causais apresentam comportamento similar, com uma certa redução nos índices para estados de coisas simultâneos, e frequência mais significativa para estados de

coisas anteriores. A relação semântica de finalidade contou com 17% dos dados de posterioridade, diferenciando-se dos resultados da modalidade falada. Na escrita, as temporais com estados de coisas anteriores ou posteriores são muito escassas, com 4%.

Comparando-se as duas modalidades no que se refere à disposição temporal entre os fatos relacionados no período composto, observa-se um nítido paralelismo entre elas no que diz respeito à forte restrição das orações de gerúndio à codificação de um estado de coisas posterior ao que é codificado pela núcleo. Aparentemente, na fala, as orações adverbiais de gerúndio admitem maior flexibilidade quanto à relação temporal entre os estados de coisas relacionados, enquanto que, na escrita, verifica-se maior saliência do traço de simultaneidade entre os estados de coisas descritos na núcleo e na oração de gerúndio.

6.4 Estatuto informacional da oração núcleo e da oração de gerúndio

A emergência de um ou outro valor semântico em períodos compostos com orações de gerúndio envolve não apenas fatores morfossintáticos mas, como já destacaram outros trabalhos (SOUZA CAMPOS, 1980, BRAGA, 1996, SIMÕES, 2007), uma conjugação entre estes e as características discursivas da oração núcleo e da oração de gerúndio. Hoyer (2003), por exemplo, seguindo a proposta de Halmoy (1981), defende uma estreita correlação entre tipo de oração de gerúndio, correferencialidade de sujeito e o papel informacional dessa oração. Segundo a autora, as orações de gerúndio que exprimem simultaneidade e possuem sujeito correferencial ao da núcleo, aparecem sempre na posição remática, ou seja, como informação nova para o falante.[16]

Para outros autores, como Olsen (1999) *apud* Hoyer (2008), a natureza remática das orações de gerúndio é mais geral, visto que essas orações dificilmente

[16] Hoyer (2003) mostra que, no francês, as formas de gerúndio distinguem-se em quatro tipos. Seguindo a proposta de Halmoy (1981), ela apresenta a seguinte tipologia: **A**: é o gerúndio cuja ação é logicamente anterior, e apresenta valor circunstancial, ele estabelece, juntamente com o verbo da oração núcleo, duas ações diferentes. **A'**: é o gerúndio com ação logicamente anterior à ação expressa pelo verbo da oração núcleo, mas codifica uma ação concreta com relação a uma consequência abstrata e metafórica da oração núcleo, portanto, exprimem uma única ação. **B**: é o gerúndio simultâneo em relação ao verbo da oração núcleo, não havendo uma relação lógica entre as ações, há correferencialidade entre os sujeitos e exprime ação diferente àquela expressa pelo verbo da núcleo. **B'**: é o gerúndio que completa o processo expresso pelo verbo da oração núcleo, tem sujeito correferencial ao desta e é temporalmente simultâneo.

funcionam como tema. Muitas dessas generalizações são obtidas a partir de dados da intuição, sem uma verificação empírica do comportamento das orações de gerúndio na organização do fluxo informacional. Neste estudo, procuramos compreender o papel dessas orações na constituição do discurso e a forma como o seu estatuto informacional pode contribuir para a emergência de um determinado valor semântico. Para tanto, consideramos as duas orações constituintes do período complexo, examinando o estatuto informacional da oração núcleo e da oração de gerúndio.

O foco no estatuto informacional dos constituintes permite compreender a relação entre sintaxe e discurso. A maioria dos estudos concentra-se, no entanto, no estatuto informacional de referentes, ou seja, em sintagmas nominais. Assim, Prince (1981), por exemplo, partindo de um enfoque textual, propõe uma classificação tripartida dos referentes, considerando que eles podem ser: informação *velha, isto é, apresentada como compartilhada por falante e ouvinte; nova*, *quando é introduzida pela primeira vez no discurso*; e *inferível*, *uma informação que o ouvinte pode identificar através de conhecimentos pragmáticos ou de outras informações fornecidas no contexto*.[17]

Chafe (1984) aplica esses conceitos ao nível sentencial, considerando o estatuto informacional de orações adverbiais, do ponto de vista de uma oposição entre *familiar* e *não familiar*. Uma informação familiar é aquela que já apareceu no discurso ou pode ser inferida dele; uma informação não familiar é aquela que entra no discurso no momento em que é enunciada, não integrando, portanto, o conhecimento compartilhado por falante e ouvinte.

Segundo Paiva (1991), que retoma a proposta de Chafe (1984) na análise da posição de orações causais, a correspondência entre a proposta tripartida de Prince (1981) ou a de Chafe (1984) é apenas parcial, na medida em que "a oposição dado/novo procura explicar fenômenos intra-clausais, ao passo que a oposição familiar/não familiar visa a explicar fenômenos ligados à articulação de cláusulas" (PAIVA, 1991, p. 77).

Embora as oposições tema/rema e dado/novo refiram-se à forma de organização do fluxo de informação (cf. CHAFE, 1984, PRINCE, 1981, e HALLIDAY, 1994), pode-se discutir a equivalência entre elas. De acordo com Halliday (1994), a

[17] A classificação da autora subdivide a categoria de novo em inteiramente novo e novo ancorado.

oposição tema-rema é orientada para o falante/escritor, ao passo que dado/novo é orientada para o ouvinte. Uma informação velha é apresentada pelo falante como recuperável pelo ouvinte, seja por estar presente no contexto verbal ou não-verbal, seja porque o falante/escritor deseja apresentá-la dessa forma.

Para a análise das orações de gerúndio, consideramos o estatuto informacional do predicado das orações (cf. PAIVA, 1991) núcleo e da oração de gerúndio em uma perspectiva textual, controlando a relação dessas orações com o discurso em que estão inseridas. Assim, os dois segmentos do período composto foram classificados da seguinte forma:

a) Informação nova:

(46) F: Meu sogro coitado ele já fez tanta coisa na vida, ele trabalhou na... em trem, ele já foi garçom, depois ele teve uma borracharia, ele não tinha profissão certa, né? trabalhou em marmorearia, *trabalhou com caminhão* carregando pedra, areia*,* entendeu depois da borracharia, depois ele trabalhou de segurança no ponto da Penha, depois que ele se aposentou. (Amostra Censo 2000, fal.18)

(47) Logo o Serra, com a tristeza de uma campanha em que ele não quer ser e exigem que seja, já entrou com fisionomia de noite de vigia ou de agente funerário – pô, não é mole ter que defender o custo Brasil, o risco Brasil, a sociologia do FhC, e ainda mais o transplante do rio São Francisco que Lula chama de Chico, com a mesma intimidade com que chama o Buarque. E Garotinho, *que pegaram no Show do Silvio Santos* ignorando o H2O, ri com a cara do Lula que não sabe o que é Cide, mas diz, com sua atual autoridade em todos os assuntos, que pertence a uma velha conjunção de forças, sabe, né, que não vai ser permitida numa sociedade solidária. (Jornal do Brasil, Crônica)

No exemplo (46), a oração núcleo – *trabalhou com caminhão* – codifica uma informação nova, introduzida no momento de sua enunciação, numa relação de concomitância. No trecho (47), a oração de gerúndio concomitante – *ignorando o H2O* - colabora para a progressão textual, introduzindo uma nova informação no discurso.

b) Informação velha:

(48) E: E você fez amigos rápido então na Sta. Catarina?
F: É, de uma maneira fiz, né? Brigano*, eu fiz*. (Amostra Censo 2000, fal.11)

(49) E: Mas e a sua filha?
F: Minha filha ficou uns tempo com a minha falecida sogra, né? sempre estudano e quando ela fez uns dez ano mais ou meno, ela já tava bem com um grau bem grande. Quando ela fez uns dezessete assim *ela já se tornou uma enfermeira* estudano, que ela começou a estudá com três ano de idade. É verdade memo isso! (Amostra Censo 2000, fal.16)

Em (48), a oração núcleo - *eu fiz* - pode ser considerada uma informação velha na medida em que ratifica uma conclusão já apresentada na pergunta do entrevistador. O falante apenas expande essa informação, enriquecendo-a através da especificação da forma como havia feito amigos: *brigando*. No exemplo (49), a oração de gerúndio – *estudando* -, que introduz uma circunstância de modo para o fato de a filha ter se formado enfermeira, retoma informação já mencionada no discurso anterior, em que a falante insiste no interesse da filha pelos estudos.

c) Informação inferível:

(50) Vemos, assim, que a tática de ludibriar os servidores com afirmações de aumentos de "até 20%" não passa de mais uma mentira do governo Lula, *o qual*, vendo a decepção do funcionalismo que lhe garantiu a eleição, *tenta enganá-lo mais uma vez*. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

(51) E: Angu eu num suporto, mas eu gosto de quiabo cum galinha.
F: Gente, minha vó veio cum aquele prato, eu pequenininha... desde esse dia eu num comia mais nada na casa dela. *Me forçô a comê*, enfiano na minha goela a dentro, e cum o chinelo no lado... se eu num comesse... Aí eu: "Ah, nunca mais eu comi lá!" Agora eu vô na casa dela, bebe água, muito pôco que eu faço lá! (Amostra Censo 2000, fal.12)

No exemplo (50), o redator da carta procede a uma generalização quanto à atitude do governo Lula que engana os servidores, levando-os a acreditar em aumentos que não serão aprovados. No trecho seguinte, insere uma situação mais específica, atual, numa tendência mais geral, o que fica transparente na expressão temporal *mais uma vez*. Considerada essa relação de todo-parte, a informação codificada na oração núcleo é possível por um processo inferencial autorizado pelas informações que antecedem o período com a oração de gerúndio. No exemplo (51), a oração de gerúndio modal - *enfiano na minha goela adentro* - foi considerada

como informação inferível, pelo processo de dedução autorizado pela própria oração núcleo: “forçar a comer já possibilita a interpretação de que o alimento foi enfiado “*goela a dentro*”.

Os resultados apresentados na tabela 17 mostram a distribuição das orações núcleo de acordo com o seu estatuto informacional.

Tabela 17 - Relação semântica e estatuto informacional da oração núcleo - Fala							
Estatuto informacional	**Conco mitância**	**Modo**	**Condi ção**	**Tempo**	**Finalida de**	**Causa**	**Total**
Nova	34= 74%	26= 67%	23= 62%	19= 62%	12= 80%	11= 92%	**125= 70%**
Velha	9= 20%	9= 23%	9= 24%	10= 32%	3= 20%	0= 0%	**40= 22%**
Inferível	3= 6%	4= 10%	5= 14%	2= 6%	0= 0%	1= 8%	**15= 8%**
Total	**46**	**39**	**37**	**31**	**15**	**12**	**180**

De acordo com a distribuição mostrada na tabela 17, evidencia-se uma correlação geral e independente da relação semântica considerada: a maior parte das orações núcleo codifica informação nova, 70%. Essa tendência se confirma para todas as relações semânticas: para todas elas predominam orações núcleo com informação não mencionada no discurso anterior, embora de forma mais saliente na relação de causalidade, com 92%, e nas finais, com 80%. Seguem-se orações núcleo com informação velha, 22%, e com informação inferível, a menos frequente, com apenas 8%.

Variação um pouco mais expressiva pode ser observada nas relações de modo, concomitância, tempo e condição, em que aumenta a possibilidade de orações núcleo com informação velha: 32%, para temporais, 24%, para condicionais, 23%, para modais, e 20%, para concomitantes. As núcleo inferíveis atingem índices um pouco mais consideráveis apenas para as de condição, 14%, e as de modo, 10%.

Na modalidade escrita, a predominância de informação nova na oração núcleo torna-se ainda mais evidente, segundo os resultados da tabela 18.

Tabela 18 - Relação semântica e estatuto informacional da oração núcleo - Escrita									
Estatuto informacional	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Nova	123= 97%	102= 99%	79= 95%	52= 100%	40= 100%	34= 100%	28= 96%	19= 95%	**477= 98%**
Velha	3= 3%	1 1%	2= 2,5%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 5%	**7= 1,5%**
Inferível	0= 0%	0= 0%	2= 2,5%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 4%	0= 0%	**3= 0,5%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

Na modalidade escrita, o percentual de orações núcleo com informação nova atinge 98%, ou seja, é quase categórico. Assim como na modalidade falada, orações núcleo com informação nova estão presentes em todas as relações de sentido. Apenas as temporais e causais apresentam ocorrências de núcleo com informação inferível, mas o número muito escasso de dados não autoriza uma conclusão. Uma análise mais detida dos poucos exemplos em que a oração núcleo apresenta informação já mencionada no discurso anterior permite elucidar alguns aspectos. Consideremos os exemplos a seguir:

(52) Vi o Éder Jofre e vejo agora o Popó. Imaginando que estão no mesmo peso e que vão se enfrentar, apostaria no Popó. <u>Morrendo de medo de perder minha grana suada</u>, *mas apostaria*. (Extra, Artigo de opinião)

(53) Infelizmente não estava enganada, e sofro mesmo não estando mais aí. *Sofro* <u>vendo uma cidade tão linda ser destruída</u>. (O Globo, Carta de leitor)

Em (52), a oração núcleo - *mas apostaria* - insere-se em um contexto em que o falante busca reforçar seu apoio ao lutador de boxe Popó, afirmando que apostaria nele mesmo com o risco de perder. Em (53), a informação da oração núcleo – *sofro* – também já é conhecida do leitor. Nesses dois exemplos, a informação oferecida na oração de gerúndio é introduzida *a posteriori*, ou, como denominaram Chafe (1984) e Paiva (1993), uma espécie de *afterthought*, ou mesmo adendo, acarretando a repetição da oração núcleo com a qual está ligada. Assim, a repetição da informação como oração núcleo da oração de gerúndio funciona no

sentido de reforçar uma posição e possui, portanto, uma função claramente argumentativa, ocorrendo num contexto mais marcado do ponto de vista discursivo.

De forma semelhante às orações núcleo, as orações de gerúndio codificam predominantemente informação nova, como mostram os resultados da tabela 19, para a fala.

Tabela 19 - Relação semântica e estatuto informacional da oração de gerúndio - Fala							
Estatuto informacional	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Nova	40= 72%	27= 59%	24= 62%	19= 59%	10= 67%	11= 92%	**131= 66%**
Velha	8= 14%	10= 22%	13= 33%	7= 22%	2= 13%	1= 8%	**41= 20%**
Inferível	8= 14%	9= 19%	2= 5%	6= 19%	3= 20%	0= 0%	**28= 14%**
Total	**56**	**46**	**39**	**32**	**15**	**12**	**200**

Os resultados da tabela 19 evidenciam a regularidade da associação entre oração de gerúndio e informação nova, correlação mais frequente para todas as relações semânticas, embora mais saliente para a de causa, com 92%. Constata-se, no entanto, maior incidência de orações de gerúndio que codificam informação inferível, principalmente naquelas que expressam modo, finalidade e tempo, com 19%, 20% e 19%, respectivamente. Para a relação de condição, aumenta sensivelmente o índice associado à informação velha, 33%. De forma mais discreta, verifica-se o aumento dessa possibilidade também para as de modo e de tempo, ambas com 22%.

De acordo com os resultados da tabela 20, a tendência de orações de gerúndio com informação nova é ainda mais expressiva na modalidade escrita.

Tabela 20 - Relação semântica e estatuto informacional da oração de gerúndio - Escrita									
Estatuto informacional	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Nova	120= 95%	100= 97%	79= 95%	52= 100%	38= 95%	33= 97%	27= 94%	20= 100%	**469= 96%**
Velha	1= 1%	0= 0%	1= 1%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 3%	0= 0%	**3= 1%**
Inferível	5= 4%	3= 3%	3= 4%	0= 0%	2= 5%	1= 3%	1= 3%	0= 0%	**15= 3%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

As médias gerais indicam ocorrência quase categórica de orações de gerúndio com informação nova, 96% na modalidade escrita, uma tendência sistemática em todas as relações semânticas. Orações de gerúndio com informação inferível correspondem a apenas 3% e com informação velha a apenas 1%. Essa restrição mantém-se sistematicamente para todas as relações semânticas, indicando que orações de gerúndio com informação inferível e, principalmente, com informação velha, são possibilidades marcadas.

Se considerarmos que informação inferível, na verdade, pode ser reinterpretada como informação nova, na medida em que não ocorreu explicitamente no contexto discursivo, os índices referentes às inferíveis não chegam a contradizer o estatuto informacional mais geral da oração de gerúndio.

Uma análise mais detida das orações de gerúndio com informação velha, exemplificadas em (54), (55) e (56), permite mostrar que elas desempenham funções discursivas específicas:

(54) O cidadão comum só pode imaginar a podridão institucional dos bastidores políticos. E, imaginando, *pensar se o sr. senador Almeida Lima não foi cooptado pelo governo* - expondo-se ao ridículo - para desviar a atenção do assunto principal, que é a relação promíscua do governo com os representantes do crime organizado. Mas daí, a relegar a fato despiciente a conivência do chefe da Casa Civil com o bandidão Waldomiro Diniz, é passar atestado de imbecil em nós outros, eleitores. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

(55) Como o atual governo mantém a política anterior *e o atual presidente do Banco Central não costuma acertar no PIB a ser alcançado*, errando sempre, a preocupação de todos nós é com este presente virando futuro. (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

(56) Vem cá, que democracia é essa em que não se pode criticar a crítica? Qual é a graça de ter Regina Duarte fazendo um depoimento polêmico... porque era polêmico, não era? O Serra botou a namoradinha do Brasil no ar, dizendo que estava com medo de o Lula ganhar a eleição e, consequentemente, a inflação voltar aos 80% e achou que não haveria reação? Então, qual é a graça de ter Regina Duarte fazendo um depoimento polêmico se a polêmica não extrapolar o horário eleitoral?
Não me espanta ver Regina Duarte batalhando pela campanha de Serra. Assim como Beth Carvalho sempre foi brizolista, Regina sempre foi tucana. Merece toda a admiração sua atitude de cair na chuva, quando todo mundo está buscando abrigo no guarda-chuva do

> PT. Mesmo assim, todo mundo tem o direito também de criticar a maneira como Regina entrou na campanha. (O Globo, Crônica)

Em (54), a oração de gerúndio – *imaginando* - retoma, literalmente, uma possível reação do cidadão comum já mencionada anteriormente, mas novamente trazida ao texto para ancorar o estado de coisas descrito na núcleo. Em (55), a oração de gerúndio – *errando sempre* – ratifica na forma de uma paráfrase uma informação já mencionada - *o atual presidente do Banco Central não costuma acertar no PIB a ser alcançado*. Nos dois exemplos, podemos observar que a oração de gerúndio possui pouca informação, é curta do ponto de vista estrutural, vem entre vírgulas, o que faz com que tenha caráter parentético, uma forma de adendo. Em muitos aspectos, funciona como uma forma de insistir em uma informação que constitui um argumento que garante uma conclusão: no exemplo (54), a inacessibilidade do cidadão comum à podridão dos bastidores do governo e, em (55), a preocupação do povo em relação às previsões econômicas.

Em (56), exemplo de uma relação de concomitância, a informação de que Regina Duarte está batalhando pela campanha presidencial de Serra já foi mencionada no parágrafo anterior, embora em outros termos, e é retomada para argumentar a favor da polêmica sobre a participação de artistas em campanhas eleitorais. Diferenciando-se das orações de gerúndio dos exemplos (54) e (55) em alguns aspectos, a informação desta oração em (56) tem uma estrutura comparativa e argumentativa, ao comparar a posição de Regina Duarte com a de Beth Carvalho e defender a possibilidade de os artistas envolverem-se em campanhas político-partidárias. Nesse sentido, o período com a oração de gerúndio é tomado como um exemplo específico, particular, que assegura a posição do articulista quanto ao direito de crítica.

A tendência identificada nas duas últimas tabelas, principalmente na da modalidade escrita, corrobora a afirmação de Hoyer (2003), de que as orações de gerúndio tendem a integrar a porção remática do enunciado, contribuindo, assim, para a progressão textual. Mais uma vez podemos nos perguntar se essa é uma característica particular às orações de gerúndio ou uma propriedade compartilhada com as orações finitas. Se levarmos em conta, por exemplo, tendências observadas em alguns estudos sobre causais finitas, teríamos uma resposta afirmativa. Paiva

(1991) destaca que tanto as causais justapostas como as conectadas constituem, com índices acima de 60%, pontos de introdução de informação nova.

Como já destacaram muitos autores (PAIVA, 1991, PEREIRA, 1999, LOBO, 2003), há estreita correlação entre o papel de orações hipotáticas adverbiais no fluxo informacional e a posição que elas ocupam no período composto. Pereira (1999), por exemplo, destaca que o tipo de informação codificada por temporais conectadas está relacionado à sua disposição sintagmática no período. Para a autora, orações temporais com informação nova estão preferencialmente pospostas; temporais com informações velhas, ao contrário, situam-se na margem esquerda do enunciado. Portanto, podemos suspeitar que uma parte das tendências verificadas para o estatuto informacional reflitam aspectos ligados à disposição sintagmática das orações, uma questão que focalizamos na próxima seção.

6.5 Posição das orações de gerúndio

Para alguns autores, como por exemplo Lobo (2003), o próprio significado da oração de gerúndio depende em grande parte da sua posição na sentença. Na perspectiva da autora, haveria pouca ou, em alguns casos, nenhuma variação na posição da oração de gerúndio, uma vez que determinados significados só emergem em função da disposição sintagmática das orações no período. No entanto, há estudos que mostram (SIMÕES, 2007) que mesmo orações de gerúndio de uma mesma categoria semântica podem ser pospostas, antepostas ou interpostas à oração núcleo, como nos exemplos a seguir:

a) Posposta à núcleo:

(57) E: O que, pra briga mesmo?
F: É, *já desafiaram nossa turma*, <u>dizendo que a gente num é de nada</u>.
(Amostra Censo 2000, fal. 02)

b) Anteposta à núcleo:

(58) Leiam, por obséquio, o início da matéria de hoje escrita por um talentoso repórter que atende por Diogo Aída. <u>Usando de ironia fina e cortante</u>, *Diogo encontra uma forma saborosa de contar que o Ricardo Gomes deixou o Romário fora da lista de passageiros do vôo para Caxias do Sul*. (Extra, Artigo de opinião)

c) Interposta à núcleo:

(59) Nas referências feitas nas Cartas dos Leitores ao envio de tropa brasileira ao Haiti *ocorreram*, deixando de lado aspectos políticos, *alguns enganos sob o ponto de vista técnico*. (O Globo, Carta de leitor)

Essa flexibilidade na posição das orações de gerúndio circunstanciais constitui, como lembra Braga (1996, p.239), “o único critério a diferenciá-las das coordenadas”, ou, em outros termos, uma propriedade que permitiria incluí-las no conjunto das subordinadas.

Podemos pressupor, porém, que a posição da oração de gerúndio possa acionar mais facilmente uma determinada interpretação do que outra. Assim, o valor condicional, por exemplo, poderia emergir mais facilmente para orações de gerúndio antepostas do que para orações pospostas. O valor final, ao contrário, emergiria mais facilmente em períodos com orações de gerúndio pospostas do que com as antepostas.

Os resultados da tabela 21, referentes à modalidade falada, confirmam as expectativas, mostrando nítida correlação entre posição e valor semântico da oração de gerúndio.

Tabela 21 – Relação semântica e posição da oração de gerúndio - Fala

Posição	Concomitância	Modo	Condição	Tempo	Finalidade	Causa	Total
Posposta	50= 94%	40= 93%	6= 16%	7= 23%	15= 100%	7= 58%	**125= 66%**
Anteposta	2= 4%	2= 5%	24= 65%	23= 74%	0= 0%	3= 25%	**54= 28%**
Interposta	1= 2%	1= 2%	7= 19%	1= 3%	0= 0%	2= 17%	**12= 6%**
Total	**53**	**43**	**37**	**31**	**15**	**12**	**191**

Segundo a distribuição da tabela 21, as orações de gerúndio situam-se, preferencialmente, após a oração núcleo, 66%, confirmando o que já foi atestado em outros trabalhos, como em Simões (2007). Nas relações de modo e concomitância, o percentual de posposição atinge 93% e 94%, respectivamente, e na relação de finalidade, a posposição é categórica.

Embora as orações de gerúndio causais situem-se com maior frequência à direita da sua núcleo, 58%, verifica-se percentual significativo de causais antepostas, 25%, e interpostas, 17%.

As orações temporais e as condicionais particularizam-se por se posicionarem preferencialmente à esquerda da oração núcleo, com 74%, para as primeiras e 65%, para as segundas. As duas distinguem-se, no entanto, na forma como se apresenta a variação na ordem: enquanto a segunda posição preferida das temporais é a posposição, 23%, a das condicionais é a interposição, com 19%.

Algumas dessas tendências confirmam-se na modalidade escrita, como mostram os resultados da tabela 22.

Tabela 22 – Relação semântica e posição da oração de gerúndio – Escrita

Posição	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Posposta	121= 96%	99= 96%	48= 58%	11= 21%	33= 82%	32= 94%	12= 42%	4= 20%	**360= 74%**
Anteposta	4= 3%	4= 4%	24= 29%	38= 73%	5= 12%	2= 6%	14= 48%	16= 80%	**107= 22%**
Interposta	1= 1%	0= 0%	11= 13%	3= 6%	2= 6%	0= 0%	3= 10%	0= 0%	**20= 4%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

De forma paralela à fala, também na escrita, predominam as orações de gerúndio pospostas, 74%, seguindo-se as antepostas, com 22%, e finalmente as interpostas, com apenas 4%. A tendência à posposição é mais nítida para as relações de concomitância, 96%, de modo, 96%, de finalidade, 82% e, ainda, para as consecutivas, com 94%.

As condicionais na escrita apresentam comportamento semelhante ao da fala, particularizando-se pela maior frequência de anteposição, 73%, uma tendência já destacada por Neves (2000), para as condicionais finitas, e por Simões (2007) e Braga e Coriolano (2007), para as orações de gerúndio condicionais. A tendência verificada nas concessivas é semelhante à das condicionais, com 80% de anteposição.

Nas temporais e nas finais verificam-se as diferenças mais nítidas em relação à modalidade falada: as temporais são mais frequentemente pospostas, 58%, e as de finalidade admitem maior variabilidade sintagmática, embora com frequência muito alta de posposição, 82%.

Para as causais, não chega a se definir uma posição preferencial, constatando-se frequências muito aproximadas de antepostas, 48%, e pospostas,

42%, distinguindo-se, assim, da tendência verificada por Braga e Coriolano (2007) de maior anteposição das orações de gerúndio causais.

A interposição da oração de gerúndio destaca-se apenas para as de tempo, com 13%, de causa, com 10%, de finalidade e de condição, com 6%, e de concomitância, com 1%, indicando que essa posição é mais restrita.

Com base nos resultados das tabelas 21 e 22, dois aspectos podem ser ressaltados: a) de um lado, confirma-se, tanto na fala como na escrita, a tendência mais geral de posposição das orações de gerúndio, como já atestado por Simões (2007) e Braga e Coriolano (2007); b) por outro lado, é necessário considerar que essa tendência relativiza-se em função da relação semântica que emerge no período e distingue-se em termos da modalidade considerada.

Para muitas das relações semânticas, as tendências observadas para as orações de gerúndio vão ao encontro das que foram atestadas para as orações adverbiais finitas, embora em alguns casos intervenha a modalidade. No que se refere às temporais desenvolvidas, Neves e Braga (1998) constataram o predomínio de orações temporais antepostas em uma análise de dados de fala, o que é corroborado tanto em Braga (1999) como em Antonio (2004). Pereira (1999), analisando dados de escrita, destaca a predominância de temporais antepostas também na escrita, embora possam haver algumas diferenças a depender do tipo de conector.

A posição das causais finitas conectadas depende, como mostram Neves (2000) e Neves, Braga e Dall'Aglio-Hattnher (2008), do conector que liga as duas orações. Neves (1999b) atesta que causais antepostas são introduzidas pelo conector *como* e pospostas pelo conector *porque*, constituindo-se em diferentes organizações do ponto de vista informativo. Para aquelas ligadas pelo conector *porque*, Paiva (1991) e Antonio (2004) atestam a posposição como posição preferencial, de forma semelhante ao que constatamos nas orações de gerúndio causais da fala. Paiva (1991) afirma que, nas justapostas, o índice de posposição da causal diminui sensivelmente, para 48%, quando comparado ao das orações conectadas por *porque*. Considerando que as causais de gerúndio assemelham-se às justapostas quanto à ausência de elo explícito de ligação, podemos identificar um

paralelismo entre essas e as causais justapostas, levando em conta os resultados para a modalidade escrita.[18]

No que se refere às condicionais, o paralelismo entre as orações de gerúndio e as orações finitas ligadas por conectores é menos transparente. Gryner (1995), analisando dados de fala, conclui que a posição das condicionais está correlacionada tanto à forma de conexão das orações como ao tempo verbal da oração hipotática. Assim, 100% das justapostas são antepostas e aquelas no futuro do subjuntivo são preferencialmente pospostas, uma tendência distinta da que foi verificada para as orações de gerúndio. No entanto, Neves e Braga (1998) encontram 67,5% de condicionais conectadas antepostas na fala e os resultados de Hirata-Vale (2001) confirmam essa tendência na escrita, com 69,4% de anteposição de orações condicionais conectadas. Neves (2000, p. 835 e 836) afirma que a maior parte das condicionais são antepostas e explica essa tendência em termos do princípio da iconicidade, que, segundo a autora, prevê esta configuração das condicionais: “enuncia-se primeiro a ocorrência de um estado de coisas como assentamento de uma condição” e só então “enuncia-se um estado de coisas como factual/contrafactual/eventual (apódose), em dependência do preenchimento daquela condição”. A intercalação das orações condicionais finitas é a posição menos frequente - 14,5% em Neves e Braga (1998), e 4,2% em Hirata-Vale (2001), resultados semelhantes aos encontrados para as orações de gerúndio condicionais, a saber, 19% de intercalação na fala e 6% na escrita.

Para as orações finais conectadas, Dias (2002, 2007) conclui que as canônicas, ou seja, aquelas que exercem papel muito mais semântico do que discursivo, na escrita, são sempre situadas à direita da núcleo na escrita, mas, na fala, podem ser, ainda que mais raramente, antepostas ou interpostas. Nesse sentido, verifica-se um paralelismo com as orações finais de gerúndio, categoricamente pospostas na fala e predominantemente pospostas na escrita.

No que se refere às concessivas, Neves (2000) ressalta a necessidade de considerar os propósitos comunicativos do falante/autor, embora considere que a posposição é a ordem mais frequente, principalmente com os conectores *apesar de que*, *apesar que* e *se bem que.* Nesse sentido, as orações de gerúndio concessivas

[18] Paiva (1991, 1995) destaca uma correlação entre a posição da causal e o tipo de predicador da oração, mostrando que tanto as causais justapostas quanto as ligadas por conectores apresentam-se preferencialmente na anteposição quando possuem verbos de evento, e, com outros tipos de verbos, essas orações situam-se com maior frequência na posposição.

parecem se distinguir, pois, como vimos acima, situam-se preferencialmente à esquerda da sua núcleo.

Assim como no caso das orações finitas, a posição da oração adverbial de gerúndio está diretamente relacionada com outros fatores, dentre eles o tipo de sujeito. Como já destacaram por exemplo Bechara (2002), Cunha e Cintra (1985) e Simões (2007), a ausência de sujeito foneticamente realizado na oração de gerúndio depende da disposição sintagmática dessa oração em relação à sua núcleo. Através de uma análise do cruzamento entre a posição da oração de gerúndio e o tipo de sujeito, procuramos verificar a hipótese de que essa interrelação envolve, inclusive, a relação lógico-semântica entre as orações. Assim, podemos esperar que as orações de gerúndio de modo, concomitância e finalidade, predominantemente pospostas, como vimos acima, possuam sujeito nulo. As condicionais, causais e temporais poderiam, quando se situam à esquerda da núcleo, ou são interpostas, preencher a posição de sujeito por pronome ou mesmo por um sintagma nominal. Os resultados mostrados nas tabelas 23, para a fala e 24, para a escrita, confirmam grande parte de nossas expectativas. Consideremos inicialmente os resultados para a modalidade falada.

Tabela 23 - Relação semântica, posição e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Fala							
Tipo de sujeito	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Oração de gerúndio posposta							
Sintagma nominal	6= 12%	2= 5%	1= 17%	1= 14%	0= 0%	0= 0%	**10= 8%**
Pronome	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Sujeito nulo	44= 88%	38= 95%	5= 83%	6= 86%	13= 100%	6= 100%	**112= 92%**
Subtotal	50	40	6	7	13	6	**122**
Oração de gerúndio anteposta							
Sintagma nominal	0= 0%	0= 0%	3= 13%	3= 14%	0= 0%	0= 0%	**6= 12%**
Pronome	0= 0%	0= 0%	8= 35%	5= 24%	0= 0%	1= 34%	**14= 27%**
Sujeito nulo	2= 100%	2= 100%	12= 52%	13= 62%	0= 0%	2= 66%	**31= 61%**
Subtotal	2	2	23	21	0	3	**51**
Oração de gerúndio interposta							
Sintagma nominal	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Pronome	0= 0%	0= 0%	2= 33%	1= 100%	0= 0%	0= 0%	**3= 27%**
Sujeito nulo	1= 100%	1= 100%	4= 67%	0= 0%	0= 0%	2= 100%	**8= 73%**
Subtotal	1	1	6	1	0	2	**11**
Total	**53**	**43**	**35**	**29**	**13**	**11**	**184**

A tabela acima mostra que as orações de gerúndio pospostas estão mais frequentemente associadas a sujeitos nulos e que, embora muito raramente, apenas sintagmas nominais preenchem essa posição argumental. A correlação entre posição à direita da núcleo e sujeito nulo é categórica para as finais, e aumenta significativamente para as de modo, 95%, e de concomitância, 88%.

As condicionais e as temporais, mais propensas à anteposição, apresentam comportamento semelhante. Ainda que admitam maior diversidade de tipos de sujeito, as orações de gerúndio condicionais e temporais situadas à esquerda da oração núcleo tendem a apresentar sujeito nulo, com 52% e 62%, respectivamente. Nas pospostas mantém-se a mesma tendência, mas reduz-se sensivelmente os índices para sujeitos preenchidos.

As causais, por sua vez, para as quais o escasso número de dados dificulta uma conclusão, apresentam um comportamento mais específico: orações de gerúndio causais pospostas apresentam categoricamente sujeitos nulos. Nas

causais antepostas e interpostas são mais frequentes os sujeitos nulos, com 66% para as primeiras e 100% para as segundas.

A tabela 24 mostra os resultados obtidos para a escrita.

Tabela 24 - Relação semântica, posição e tipo de sujeito da oração de gerúndio – Escrita									
Tipo de sujeito	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Oração de gerúndio posposta									
Sintagma nominal	15= 12%	5= 5%	3= 7%	0= 0%	1= 3%	2= 7%	0= 0%	1= 25%	**27= 7%**
Pronome	3= 3%	1= 2%	1= 2%	0= 0%	2= 5%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**7= 2%**
Sujeito nulo	103= 85%	93= 93%	44= 91%	11= 100%	35= 92%	30= 93%	12= 100%	3= 75%	**331= 91%**
Subtotal	121	99	48	11	38	32	12	4	**365**
Oração de gerúndio anteposta									
Sintagma nominal	4= 100%	0= 0%	1= 5%	10= 26%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**15= 15%**
Pronome	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 3%	0= 0%	0= 0%	1= 8%	0= 0%	**2= 2%**
Sujeito nulo	0= 0%	4 100%	23= 95%	27= 71%	0= 0%	2= 100%	13= 92%	16= 100%	**85= 83%**
Subtotal	4	4	24	38	0	2	14	16	**102**
Oração de gerúndio interposta									
Sintagma nominal	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 50%	0= 0%	1= 34%	0= 0%	**2= 10%**
Pronome	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Sujeito nulo	1= 100%	0= 0%	11= 100%	3= 100%	1= 50%	0= 0%	2= 66%	0= 0%	**18= 90%**
Subtotal	1	0	11	3	2	0	3	0	**20**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

De acordo com as expectativas, também na escrita, o índice de sujeito nulo nas orações de gerúndio pospostas é relevante, alcançando 91%. Essa tendência é nítida e repete-se nas relações semânticas de modo, 93%, finalidade, 92%, concomitância, 85%, e consequência, 93%.

As orações de gerúndio condicionais antepostas da escrita, reiterando a tendência observada na fala, embora possuam mais frequentemente sujeitos nulos, 71%, admitem maior variabilidade do tipo de sujeito na oração de gerúndio, principalmente na forma de sintagmas nominais, com 26%. Nas condicionais pospostas, no entanto, a ocorrência de sujeitos nulos é categórica.

As orações de gerúndio concessivas apresentam uma distribuição em certos aspectos inversa à das condicionais, com predomínio de sujeito nulo nas pospostas e ocorrência categórica desse tipo de sujeito nas antepostas.

Tomando por base os resultados de Neves e Braga (1998), podemos destacar o paralelismo entre períodos complexos com orações de gerúndio condicionais e com orações condicionais finitas, no que se refere à diversidade de tipos de sujeito na oração anteposta. Como mostram as autoras, as condicionais antepostas, diferentemente das pospostas, admitem sujeito pronominal ou na forma de sintagma nominal; as condicionais pospostas, ao contrário, são mais restritivas ao tipo de sujeito. Essa tendência confirma-se nos resultados desta análise, tanto na modalidade falada como na modalidade escrita.

As orações de gerúndio temporais da escrita apresentam comportamento um pouco distinto do atestado para a modalidade falada. Na fala, embora predomine sujeito nulo nas temporais antepostas, podem ocorrer ainda sujeitos na forma de sintagma nominal, 10%, ou de pronomes, 18%. Na escrita, verificam-se apenas 5% de sintagmas nominais e 95% de sujeitos nulos. A ocorrência categórica de sujeitos nulos na temporais interpostas confirma-se na escrita.

A maior ocorrência de sujeito preenchido na fala pode ser consequência de uma tendência mais geral do português brasileiro no sentido de perda do parâmetro de sujeito nulo. Como mostrou Duarte (2007) em estudo sobre o sujeito em orações finitas, o preenchimento do sujeito na modalidade falada é recorrente, acima de 60% em algumas amostras de fala e acima de 80% em outras, para o sujeito de terceira pessoa. Esse índice cai para 51% em amostras de escrita, constituída de gêneros da esfera jornalística. Esses resultados mostram que o preenchimento do sujeito na modalidade falada não é somente uma característica das orações de gerúndio temporais, mas também das orações finitas.

Comparando as orações de gerúndio temporais com as orações temporais finitas, parece haver maior paralelismo no que diz respeito às orações pospostas. No que se refere às antepostas, os resultados aqui atestados diferem dos que foram encontrados, por exemplo, por Neves e Braga (1998), que mostram predominância de anáfora pronominal nessa posição, 78%, enquanto os de anáfora zero somam 22%, para os casos de sujeitos correferenciais. Por outro lado, há maior simetria entre orações de gerúndio temporais pospostas e temporais finitas, para as quais as autoras constatam índice de 33% para anáfora zero.

Como já mostraram diferentes trabalhos sobre as hipotáticas finitas (PAIVA, 1991, 1995, PEREIRA, 1999, GRYNER, 1995, DIAS, 2007) e sobre orações de gerúndio (LOBO, 2003, GRYNER, 2003, SIMÕES, 2007), a posição de uma oração hipotática adverbial está frequentemente associada à forma como ela contribui para a organização discursiva.

Segundo Hoyer (2003), tanto a posição da oração de gerúndio como suas funções na estrutura tema/rema refletem-se nas suas funções circunstanciais. A fim de verificar em que medida a interseção entre a posição da oração de gerúndio e o seu estatuto informacional podem associar-se a uma ou outra interpretação, procedemos à análise da correlação entre essas duas propriedades. Os resultados para a modalidade falada estão na tabela 25.

Tabela 25 - Relação semântica, posição e estatuto informacional da oração de gerúndio – Fala

Estatuto informacional	**Concomitância**	**Modo**	**Condiçao**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Oração de gerúndio posposta							
Nova	38= 76%	29= 72%	5= 83%	7= 100%	12= 80%	7= 100%	**98= 78%**
Velha	9= 18%	8= 20%	1= 17%	0= 0%	3= 20%	0= 0%	**21= 17%**
Inferível	3= 6%	3= 8%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**6= 5%**
Subtotal	**50**	**40**	**6**	**7**	**15**	**7**	**125**
Oração de gerúndio anteposta							
Nova	1= 100%	1= 50%	17= 71%	14= 61%	0= 0%	2= 67%	**35= 66%**
Velha	0= 0%	1= 50%	7= 29%	6= 26%	0= 0%	1= 33%	**15= 28%**
Inferível	0= 0%	0= 0%	0= 0%	3= 13%	0= 0%	0= 0%	**3= 6%**
Subtotal	**1**	**2**	**24**	**23**	**0**	**3**	**53**
Oração de gerúndio interposta							
Nova	1= 100%	0= 0%	6= 85%	1= 100%	0= 0%	2= 100%	**10= 84%**
Velha	0= 0%	0= 0%	1= 15%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 8%**
Inferível	0= 0%	1= 100%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 8%**
Subtotal	**1**	**1**	**7**	**1**	**0**	**2**	**12**
Total	**52**	**43**	**37**	**31**	**15**	**12**	**190**

De acordo com os percentuais mostrados na tabela 25, a hipótese de correlação entre posição e estatuto informacional da oração de gerúndio confirma-se

apenas parcialmente na modalidade falada. Por um lado, as orações de gerúndio pospostas, independentemente da relação semântica, associam-se com informação nova, sendo categórica para as relações de tempo e de causa. Nesse sentido, comprova-se a afirmação de Hoyer (2003) quanto à natureza remática das orações de gerúndio, embora as modais e de concomitância apresentem índices relativamente mais baixos de orações pospostas com informações novas, 72% e 76%, respectivamente, e uma incidência um pouco mais considerável de orações pospostas com informação velha.

Os resultados para as orações de gerúndio antepostas são menos decisivos. Contrariando as expectativas, para todas as relações semânticas observa-se índice mais expressivo para antepostas com informação nova do que com informação velha. Desconsiderando os dados das orações de gerúndio de modo e de concomitância, que são quase categoricamente situadas à direita da sua núcleo, a maior variação entre antepostas novas e antepostas velhas é observada nas relações incluídas no domínio da condicionalidade, ou seja, tempo, causa e condição.

Os resultados para a modalidade escrita, mostrados na tabela 26, corroboram os da fala.

Tabela 26 - Relação semântica, posição e estatuto informacional da oração de gerúndio – Escrita									
Estatuto informacional	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condiçao**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Oração de gerúndio posposta									
Nova	115= 95%	96= 97%	45= 94%	11= 100%	31= 94%	31= 97%	10= 84%	4= 100%	**343= 95%**
Velha	1= 1%	1= 1%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	1= 8%	0= 0%	**3= 1%**
Inferível	5= 4%	2= 2%	3= 6%	0= 0%	2= 6%	1= 3%	1= 8%	0= 0%	**14= 4%**
Subtotal	**121**	**99**	**48**	**11**	**33**	**32**	**12**	**4**	**360**
Oração e gerúndio anteposta									
Nova	4= 100%	4= 100 %	23= 96%	38= 100%	5= 100%	2= 100%	14= 100%	16= 100%	**106= 99%**
Velha	0= 0%	0= 0%	1= 4%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**1= 1%**
Inferível	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Subtotal	**4**	**4**	**24**	**38**	**5**	**2**	**14**	**16**	**107**
Oração de gerúndio interposta									
Nova	1= 100%	0= 0%	11= 100 %	3= 100%	2= 100%	0= 0%	3= 100%	0= 0%	**20= 100%**
Velha	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Inferível	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	0= 0%	**0= 0%**
Subtotal	**1**	**0**	**11**	**3**	**2**	**0**	**3**	**0**	**20**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

Na escrita, a percentagem de orações de gerúndio pospostas com informação nova é ainda mais saliente do que na fala, atingindo 95% dos dados, e de forma paralela à fala, independente da relação semântica. Os índices de orações de gerúndio pospostas com informação velha, 1%, ou inferível, 4%, são praticamente irrisórios, permitindo concluir que orações de gerúndio pospostas são pontos de progressão do discurso. As relações de tempo e de finalidade chegam a apresentar alguma incidência de orações pospostas com informação inferível, ambas com 6%, a relação de causa chega a 8% de orações pospostas com informação inferível, e as demais possuem índices menores.

Mais uma vez, as orações antepostas associam-se com informação nova, com índices categóricos para praticamente todas as relações semânticas. A mesma distribuição verifica-se para as interpostas.

Tudo leva a crer, portanto, que a categoria informacional da oração de gerúndio é independente da sua posição, o que as distingue inclusive de algumas das adverbiais finitas. Tomemos, por exemplo, as temporais que admitem certa flexibilidade de estatuto informacional. Pereira (1999) encontra estreita correlação entre temporais finitas antepostas com informação velha e temporais finitas pospostas com informação nova. Do que se constata nas tabelas 25 e 26, mesmo nas orações de gerúndio antepostas, predomina informação nova, embora elas admitam uma certa variabilidade de estatuto informacional.

Paiva (1999), no entanto, já observara que a pressuposta equação entre anteposição e informação velha não se confirma para causais introduzidas por *porque*. Os esquemas *porque X e Y* e *Y porque X* possuem configuração informacional similar, indicando que a anteposição da causal finita está a serviço de outras funções que não se referem à organização do fluxo informacional no discurso. Diferentemente das orações pospostas, as causais com *porque* antepostas tendem a ser tópicas, desempenhando importante papel na ligação com o discurso anterior ou na introdução de enquadres temporais. Função discursiva semelhante é destacada por Neves (2000) para as concessivas: as antepostas carregariam informação já conhecida do interlocutor, ou informação velha, em que primeiro há a refutação de uma objeção do interlocutor e, em seguida, uma asseveração, e tendem a exercer função topicalizadora.

Uma análise mais detida das orações de gerúndio antepostas permite mostrar algumas particularidades associadas, ao que tudo indica, à própria posição inicial, como nos exemplos (60) a (62).

(60) E: Rômulo, sua mãe tinha me dito que você tem aula sobre atualidades na Escola. Fala um pouco desses aulas que você tem.
F: Ah, atualidades ? Ela ... a gente tem que ver uma notícia e levar para a sala de aula. <u>Chegando lá</u>*,* a gente tem que... *a gente amostra o professor* e tem que falar o que a gente entendemo da reportagem. É assim, o que aconteceu, no Brasil ou então em outro lugar. (Amostra Censo 2000, fal.03)

(61) Eu acho que... eu tenho minha opinião formada, eu acho que ninguém vai conseguir me induzir qualquer dia... a... em primeiro lugar, qualquer forma, igual falei que o álcool era pior... era pior.... droga, é porque eu acho que o álcool destrua muitas famílias, principalmente quem é da família do meu tio... (voz emotiva) bebia muito, chegava em casa, batia na esposa dele, porque você fumando... você... injetando droga, cheirando... eh... tóxico! *você vai... tá consciente do que você tá fazendo*, o álcool não te deixa consciente disso. Eu acho que você vai tomando... bebendo cervejinha... cachacinha... bebendo, bebendo, bebendo, quando tá bêbado já não tem mais volta. (Amostra Censo 2000, fal.09)

(62) Todo bandido é covarde, mas encontrando coerção, resistência e repressão *se amedronta*, haja vista, quando é preso, que esconde as faces ou abaixa cabeça para não ser fotografado. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

Em (60), a oração de gerúndio situada à esquerda, curta e separada do discurso seguinte por uma pausa – *Chegando lá* –, estabelece ligação com o contexto anterior, o que se torna explícito na continuidade referencial, marcada no sujeito *a gente*. Além disso, ela cria o pano de fundo (*background*) para as predicações que se seguem, introduzindo uma segmentação no discurso do falante.[19]

Nos trechos (61) e (62), as orações de gerúndio antepostas estabelecem um certo contraste entre duas porções discursivas, destacando, naquele, a posição do falante quanto ao perigo do álcool. No exemplo (62), esse papel contrastivo fica mais nítido na coocorrência do elemento mas. Nos dois exemplos, a oração de gerúndio anteposta, situada em uma posição mais marcada, está, portanto, a serviço de funções discursivas mais específicas e próprias da periferia esquerda da oração, como a ligação com o discurso anterior ou a introdução de um contraste.

Um aspecto a destacar ainda é o fato de que tanto em (60) como em (61), a oração de gerúndio anteposta incorpora uma certa generalidade, através de indeterminadores como *a gente,* em (60), e *você,* em (61).

A tendência para essa generalidade pode ser observada também no sujeito indeterminado em (63).

---

[19] Nessa função, orações de gerúndio antepostas aproximam-se de outros circunstanciais na mesma posição que, como mostra Paiva (2008) para os temporais, funcionam como elos de ligação em dois sentidos: remetendo a informações já introduzidas, como *backward-tie*, ou ao discurso subsequente, como *forward-tie*, indexando porções maiores de informação.

(63) Lendo-se a pesquisa do Instituto Gerp/JB, acerca da eleição para prefeito do Rio (JB, 18/4), *surpreendem as análises feitas pelo presidente do instituto, Gabriel Pazos, e pelo professor da PUC-Rio Cesar Romero Jacob*. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

No exemplo acima, a oração *Lendo-se a pesquisa do Instituto Gerp/JB,* além de introduzir um enquadramento temporal para o discurso que se segue, funcionando como um *forward-tie*, nos termos de Paiva (2008), garante a naturalidade da surpresa do articulista com relação às análises feitas pelos especialistas. Ela possui, portanto, um escopo mais amplo, podendo incluir diversas orações, o que é consoante inclusive com sua ocorrência em início de parágrafo.

O recurso a uma oração de gerúndio anteposta pode ser utilizado igualmente para enquadrar um ato de fala, como no exemplo (64):

(64) Tomando de empréstimo o título de um dos painéis que servem de debate no simpósio internacional que está se realizando na cidade de Alexandria (Egito)*, venho indagar: o Rio está correndo risco de morte?* (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

Em (64), a oração de gerúndio - *Tomando de empréstimo*... - , além de servir de pano de fundo para a introdução do ponto central do texto (o risco de morte do Rio de Janeiro), enquadra o ato de fala realizado pelo autor (venho indagar), situando sua questão em um contexto mais amplo. Exemplos como (65) indicam que essa função pode ser desempenhada igualmente pelas orações de gerúndio interpostas à sua núcleo.

(65) Parabéns, presidente, parabéns. O sr. mostrou quem é que manda neste país. Agora, aproveitando o momento de lucidez que envolve a sua autoridade, *sugiro que se faça uso da caneta*, pode até ser a mesma, para tomar as mesmas medidas com os mesmos efeitos com os que lucram com CDs piratas, o jogo do bicho, colocar fim ao voto obrigatório, acabar com a pornografia na TV aberta e mais uma penca de coisas. (Jornal do Brasil, Carta de leitor)

No exemplo acima, a oração – *aproveitando o momento de lucidez que envolve a sua autoridade* - atenua o efeito do ato de sugerir algo ao Presidente da República, funcionando como uma forma de modalização, ou como denomina

Simões (2007), um marcador orientado para a elocução do falante. O ato de sugerir, que pode ser mal recebido, torna-se pertinente em um contexto em que, através de algumas atitudes, o presidente vem demonstrando maior lucidez.

Em outros casos, a oração de gerúndio anteposta atua diretamente no plano textual, contribuindo como elemento de coesão entre partes do texto e apontando para pontos ou etapas do texto, como conclusão e finalização, ou marcando retomadas tópicas. Os exemplos (66) e (67) ilustram essas funções:

(66) Estas manifestações revelam ser o acordo não só um projeto bem-sucedido, devendo portanto ser mantido, como também ter o Tratado de Elysée, celebrado por de Gaulle e Adenauer, o mesmo vigor de outrora.
Concluindo, *resta dizer* que atualmente fala-se de um matrimônio entre a França e a Alemanha ou até, como caracterizado pelo ex-diretor de estudos da ARD (canal de TV alemã) em Paris, Ulrich Wickert: "O Tratado de Elysée é muito mais que um matrimônio, e nele o divórcio está excluído." (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

(67) Não, meu caro leitor, não estou sequer levando em conta a possibilidade de o Brasil ter conquistado as duas Copas em questão graças a subornos ou à desonestidade dos árbitros. Tivemos uma ajudazinha aqui e acolá. Alguns fortes oponentes foram soprados do nosso caminho pela força do apito. Mas vencemos na bola. E acho bom o assunto ir morrendo por aqui.
Voltando ao nosso poderoso futebol carioca, *leio que o Botafogo contratou o primo do Kaká*. O rapaz atende por Delani, é atacante, mede 1,83m, tem 21 anos e, segundo o Levir Culpi, move-se com desenvoltura na área e cabeceia com propriedade. E daí? É primo do Kaká e isso já basta. (Extra, Artigo de opinião)

No exemplo (66), a oração de gerúndio – *Concluindo* - constitui uma estratégia coesiva, ao sinalizar para a conclusão do texto. Em (67), a oração - *Voltando ao nosso poderoso futebol carioca* - sinaliza para o leitor a retomada de um tópico do qual o escritor temporariamente se desviara, ou nos termos de Simões (2007), através da oração de gerúndio, o articulista reativa um tópico.[20]

Os exemplos discutidos acima são tratados por Braga (1996) como casos em que o gerúndio gramaticaliza-se, cristalizando-se como marcador discursivo, e por Simões (2007, p.269-271), como casos de discursivização, ou seja, usos em que as formas de gerúndio estão a serviço do contexto discursivo ou mesmo da

[20] Termo proposto por Castilho (1997).

organização textual. Para Móia e Viotti (2004), essas construções constituem o que denominam de relações discursivas de enquadramento. Nesses usos, podemos dizer, seguindo Neves (2000), que, assim como outros constituintes antepostos, as orações de gerúndio passam por processos de gramaticalização, com perda de complexidade semântica, ressignificação funcional e de valor expressivo.

6.5.1 Sequência de orações adverbiais de gerúndio

Em muitos casos, as orações de gerúndio encadeiam-se, criando um efeito que Simões (2007) denomina de "cascata". Said Ali (1971, p.359) também já afirmava que, não raro, ocorre um "encadeado de orações implícitas todas com o verbo sob a forma gerundial, mas de espécies diferentes, devendo cada qual ser interpretada segundo o pedir o sentido." Embora para o autor cada uma dessas orações estabeleça com a núcleo uma ligação lógico-semântica distinta, o caso mais frequentemente constatado envolve a mesma relação semântica, como mostram os exemplos a seguir em que consideramos o número de orações encadeadas.

a) Relação entre uma oração núcleo e duas orações de gerúndio:

(68) F: O que tem de bom aqui eu acho que é a praia durante o final de semana, que só tem morador, fica fazia... fica uma delícia, sabe? Fica super tranquila... *Tem sempre gente se exercitando*... <u>andando no calçadão, na ciclovia... e fazendo até aqueles aparelhos que ficam na praia,</u> ("aqueles ferros")... e na praia mesmo!... sabe? Os aparelho de ginástica... tem sempre gente andando com cachorro! tem tudo. (Amostra Censo 2000, fal.14)

No exemplo acima, a oração núcleo anteposta – *Tem sempre gente se exercitando* – estabelece uma relação semântica de concomitância com duas orações de gerúndio – (1) *andando no calçadão, na ciclovia* e (2) *fazendo até aqueles aparelhos que ficam na praia*.

b) Relação entre uma oração núcleo e três orações de gerúndio:

(69) Sou moradora das redondezas e já cansei de ver *o modo com que eles chegam*, <u>empurrando quem estiver na frente, insultando as pessoas e menosprezando um povo que trabalha</u> e tenta viver de uma forma honesta. (O Globo, Carta de leitor)

No exemplo (69), uma oração núcleo liga-se a três orações de gerúndio que especificam o modo como eles chegam: *empurrando*, *insultando as pessoas* e *menosprezando* um povo [...].

Esses usos do gerúndio na forma de “cascata”, nos termos de Simões (2007), não são recentes, remontando, de acordo com o autor, ao séc. XIV. Dois pontos merecem ser destacados com relação a essas orações em cascata: a) no que diz respeito à ordem, são orações de gerúndio quase categoricamente pospostas e, na maioria dos casos, não é possível uma reversão da ordem; b) no que diz respeito ao processo sintático, permitiriam uma interpretação de coordenadas.

A dificuldade de reversão da ordem nas sequências de orações de gerúndio pode ser explicada com referência a dois aspectos. Por um lado, nessas sequências predominam orações de modo ou de concomitância que, como já destacamos na seção anterior, são quase categoricamente situadas à direita da oração matriz. Por outro lado, pode ser decorrência ainda de um princípio de peso, envolvendo a colocação de constituintes mais pesados, com maior quantidade de informação em posição final.

As orações de gerúndio em cascata ocorrem de forma equivalente na modalidade falada e na modalidade escrita: na primeira, foram constatados 6,5% (13/200) de exemplos com essa característica e na segunda, apenas 5,7% (28/487). Uma diferença mais notável entre as duas modalidades refere-se ao número de orações de gerúndio que se ligam a uma mesma oração matriz: na fala, elas se restringem a duas orações; na escrita, embora ainda predominem “cascatas” com duas orações de gerúndio, puderam ser constatados casos de encadeamento mais longos, de até seis orações. O exemplo a seguir é ilustrativo:

c) Relação entre uma oração núcleo e cinco orações de gerúndio:

(70) <u>Afirmando-nos como cidadãos, tomando as ruas, recusando as chantagens políticas e o banditismo, exigindo mudanças, segurança, justiça e equilíbrio das autoridades e cobrando a resolução de nossos problemas</u>, *acabaremos com a desigualdade, com a impunidade e mandaremos os agentes do medo e do atraso para lata de lixo da História*. (Jornal do Brasil, Crônica)

O exemplo acima apresenta a especificidade de que as cinco orações de gerúndio encadeadas são antepostas e relacionam-se a diversas orações núcleo

que também se dispõem em cadeia. Observemos, no entanto, que a todas as orações de gerúndio encadeadas pode-se atribuir um significado condicional, o que vai ao encontro da tendência observada na seção 6.5, em que essa relação semântica destaca-se por favorecer índice mais significativo de anteposição.

Contrariando a posição de Said Ali (1971), são mais raras as ocorrências de cascatas em que cada oração de gerúndio liga-se à núcleo por uma relação lógico-semântica distinta, como ocorre no exemplo (71):

(71) Mas para que 2004 seja realmente diferente, o Flamengo do Júnior já deveria ter dado o primeiro passo e contratado o argentino do vídeoteipe, o tal de Castillo. Já pensaram o cara, que dizem ser um boêmio diplomado, *a entrar em campo* vindo da farra, tropeçando nas pernas e a pedir a saideira? Mais diferente do que isso impossível. (O Globo, Carta de leitor)

No fragmento (71), a oração núcleo – *a entrar em campo* – liga-se a duas orações de gerúndio pospostas com sentidos diferentes. A primeira delas – *vindo da farra* – situa temporalmente o evento da núcleo, podendo ser parafraseada por *logo depois da farra*, e a segunda – *tropeçando nas penas* – especifica o modo como o jogador Castillo entraria em campo.[21]

Simões (2007, p.344) mostrou que as orações de gerúndio em cascata constroem "a figura e a relação de relevo em uma cena composta por vários eventos que são trazidos à tona pelo narrador." Para o autor, essas estruturas estão a serviço de uma continuidade narrativa, como ocorre no exemplo (71). No entanto, em alguns contextos, as orações de gerúndio em cascata estabelecem uma hierarquia nos estados de coisas encadeados, como no exemplo seguinte:

(72) Nada se parece mais com o teatro de antigamente do que o teatro infantil, onde também há tramas básicas, comédia ingênua, exageros trágicos e catarse. *As crianças interferem na história como o público de antigamente*, vaiando os vilões, incentivando os heróis, avisando aos berros que o lobo vai atacar e, não raro, subindo no palco para impedir o ataque. (O Globo, Crônica)

No trecho acima, o autor defende a posição de que não há diferença entre o teatro infantil contemporâneo e o de antigamente. O argumento central para essa

[21] Este é um dos três exemplos da modalidade escrita em que a oração núcleo e as orações de gerúndio em cascata possibilitam relações de sentido diferenciadas umas com as outras.

afirmação está na interferência/participação das crianças durante o desenrolar da história. A oração núcleo - *As crianças interferem na história como o público de antigamente* – liga-se a uma sequência de quatro orações de gerúndio pospostas e especificadoras do modo como se realiza o estado de coisas *interferir: vaiam os vilões, incentivam os heróis, avisam da presença do lobo* e *sobem no palco.* As orações de gerúndio são dispostas em uma sequência que reflete uma hierarquia dos estados de coisas descritos: à medida que aumenta a tensão na história encenada, aumenta igualmente a participação das crianças. Inicialmente expressa em atos puramente verbais (*ao vaiarem os vilões, incentivarem os heróis, avisarem aos berros que o lobo vai atacar),* essa participação culmina no fato de *subir no palco para impedir o ataque,* ou seja, alterar o desenvolvimento do enredo. É possível considerar que a própria sequência de gerúndios resulta em uma estrutura narrativa, através de um encadeamento de ações, em que a última oração de gerúndio funciona como um desfecho.

O exemplo seguinte ilustra igualmente essa disposição hierárquica das orações de gerúndio em "cascata":

(73) Ou, ainda melhor, que o visitante vá a um comício - uma reunião que, hoje em dia, muitos chamam de *showmício* (ou às vezes, como recentemente em Fortaleza, *jogomício). O estrangeiro verá o povo nas praças*, escutando a música de artistas famosos, cantando com eles, dançando, bebendo cerveja, comendo pipoca - em outras palavras: desfrutando a vida. (Jornal do Brasil, Artigo de opinião)

No exemplo (73), a oração núcleo – *o estrangeiro verá o povo nas praças* – liga-se a seis orações que codificam ações temporalmente superpostas ao estado de coisas apresentado na núcleo. Essas ações simultâneas são dispostas de uma forma gradativa, que se inicia com uma ação que pode ser considerada mais passiva - *escutando a música* - e progride para uma sequência de ações mais participativas - *cantando com eles, dançando* -. Dessa forma, o escritor especifica as diferentes fases de um evento (showmício) que vai culminar no estado codificado na última oração da sequência que funciona como uma forma de conclusão - *desfrutando a vida.*

As orações de gerúndio em cascata desempenham um papel discursivo fundamental na medida em que contribuem para a realização de objetivos comunicativos do falante/escritor, em narrar os fatos de forma encadeada e ao

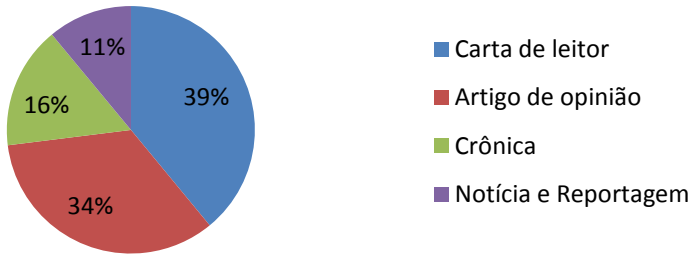
mesmo tempo despertar o interesse e a expectativa do ouvinte/leitor para os acontecimentos apresentados.

6.6 A variável gênero textual

No início deste capítulo, mostramos que as orações de gerúndio são predominantes na modalidade escrita, principalmente quando consideramos seus índices em relação ao total de sentenças de cada amostra. No entanto, como já discutimos no capítulo 4, as diferenças entre as duas modalidades podem estar refletindo, na verdade, particularidades ligadas aos gêneros textuais, resultando em um *continuum*. Retomamos essa questão nesta seção com o objetivo de mostrar que não só as orações de gerúndio como também as diferentes relações semânticas a elas associadas distribuem-se de forma diferenciada de acordo com o gênero textual.

Como já foi destacado nos procedimentos metodológicos, esta análise concentra-se na modalidade escrita, para a qual foi controlada previamente uma representatividade de diferentes gêneros jornalísticos. O gráfico 2 mostra a distribuição geral das orações de gerúndio de acordo com o gênero textual.

Gráfico 2: Orações de gerúndio de acordo com o gênero textual



De acordo com o gráfico 2, as maiores ocorrências de orações de gerúndio são constatadas nas cartas de leitores e nos artigos de opinião, com índices muito aproximados, de 39% e de 34%, respectivamente. Portanto, mais de 70% das orações adverbiais de gerúndio concentram-se em textos nos quais predominam

características que os situam num ponto mais alto de argumentação. A menor incidência de orações de gerúndio é observada nas crônicas, 16%, e principalmente nas notícias e reportagens, 11%, gêneros textuais mais narrativos, ou seja, de menor teor argumentativo.

Se considerarmos a distribuição das orações de acordo com cada uma das relações semânticas, mostrada na tabela 27, nota-se, no entanto, uma distribuição diferenciada em relação à variável gênero.

Tabela 27 – Distribuição das orações de gerúndio de acordo com o gênero textual

Gênero textual	Concomitância	Modo	Tempo	Condição	Finalidade	Consequência	Causa	Concessão	Total
Carta de leitor	58= 46%	48= 47%	40= 48%	13= 25%	18= 45%	7= 20%	5= 17%	2= 10%	**191= 39%**
Artigo de opinião	26= 21%	28= 27%	22= 27%	27= 52%	10= 25%	22= 65%	14= 49%	15= 75%	**164= 34%**
Crônica	23= 18%	17= 16%	15= 18%	7= 13%	5= 13%	2= 6%	5= 17%	2= 10%	**76= 16%**
Notícia e Reportagem	19= 15%	10= 10%	6= 7%	5= 10%	7= 17%	3= 9%	5= 17%	1= 5%	**56= 11%**
Total	**126**	**103**	**83**	**52**	**40**	**34**	**29**	**20**	**487**

As relações de concomitância, modo, tempo e finalidade apresentam uma distribuição similar com percentuais mais altos nas cartas de leitor, 46%, 47%, 48% e 45%, respectivamente, e um decréscimo nas percentagens associadas aos artigos de opinião, crônicas e notícias/reportagens. A relação de concomitância distingue-se das outras três pela maior aproximação entre os valores para artigos de opinião e crônicas. Excetuando-se a relação de tempo, observa-se ainda que não chega a haver diferença nos índices associados a crônicas e reportagens/notícias.

As relações de condição, causa, consequência e concessão são mais frequentes nos artigos de opinião, com 52%, 49%, 65% e 75%, respectivamente. As relações de causa e de concessão distribuem-se de forma muito equilibrada nos demais gêneros. Para as causais, constatam-se percentuais idênticos, de 17%, nas cartas de leitor, nas crônicas e nas notícias/reportagens; para as concessivas, verificam-se 10% nas cartas de leitor e nas crônicas, um índice que decresce para 5% nas reportagens e notícias. As condicionais e as consecutivas assemelham-se por apresentarem o segundo maior índice nas cartas de leitor: 25% e 20%.

Retomando aqui os percentuais encontrados para algumas relações nas entrevistas sociolinguísticas, temos evidência adicional para a necessidade de considerar a variável gênero textual no uso das orações de gerúndio. Nas entrevistas sociolinguísticas, em muitos trechos ocorrem relatos de experiências pessoais ou narrativa de fatos vividos pelos próprios falantes ou outras pessoas. Desse ponto de vista, as entrevistas assemelham-se às notícias e reportagens, nas quais há o predomínio de relatos. Comparando os índices para esses dois gêneros, um da fala e outro da escrita, notamos que há diferenças significativas entre os percentuais para praticamente todas as relações semânticas. Isso indica, mais uma vez, que as diferenças entre os percentuais de orações de gerúndio não podem ser tratados de maneira isolada, sem relacioná-los ao gênero textual onde eles se fizeram. Um ponto a destacar é a maior frequência das condicionais na modalidade falada, 20%, em comparação àquela obtida nas reportagens e notícias, 10%.

Os resultados da tabela 27 sugerem que as diferenças entre os gêneros analisados são mais quantitativas do que qualitativas. Embora todas as relações semânticas ocorram em todos os gêneros, eles ocorrem em proporção diferenciada, reduzindo-se sensivelmente nas crônicas e nas notícias/reportagens. A recorrência de causais, finais e, em menor proporção, de condicionais, nas notícias e reportagens, pode explicar-se pela própria organização desses gêneros, mais caracteristicamente narrativos ou descritivos, em que essas relações têm um papel importante.

6.7 Grau de vinculação das orações adverbiais de gerúndio

As orações de gerúndio são classificadas pela tradição gramatical como orações subordinadas e reduzidas (MIRA MATEUS *et elli*, 1983, CUNHA e CINTRA, 1985, BECHARA, 2002, PERINI, 2010), cujo verbo é a forma nominal de gerúndio. Alguns autores, dentre eles Bechara (2002), assumem tratar-se de uma classificação não muito consensual entre os próprios gramáticos, que ora definem tais estruturas como construções à parte, muito embora ainda as contraponham às estruturas desenvolvidas, com verbos finitos.

No entanto, como já discutimos no capítulo 2, o próprio termo subordinadas resulta em problemas mais gerais, pelo fato de não permitir uma distinção entre encaixadas e adverbiais. A inadequação do conceito de subordinação é ainda mais

nítida quando tratamos das orações de gerúndio, visto que, como já destacou Braga (1996), elas apresentam propriedades compatíveis tanto com a coordenação como com a subordinação e podem vincular-se ou à oração núcleo como um todo ou a um de seus constituintes.

Numa perspectiva funcionalista, os processos de articulação de orações são concebidos em forma de um *continuum* que resulta da conjugação de diversos parâmetros, não só sintáticos, como também semânticos, discursivos e pragmáticos, que permitem identificar o grau de sentencialização/dessentencialização de uma oração. De acordo com essa perspectiva, as orações de gerúndio situam-se em um ponto distinto daquele no qual se localizariam as orações finitas conectadas.

Retomemos a escala de dessentencialização proposta por Lehmann (1988, p.200), para os processos de articulação de orações:

sententiality <————————————————————————> nominality
clause nonfinite construction verbal noun
no illocutionary force
constraints on illocutionary elements
constraints on/loss of modal elements and mood
constraints on/loss of tense and aspect
dispensability of complements
loss of personal conjugation
conversion of subject into oblique slot
no polarity
conversion of verbal into
nominal government
dispensability of
subject
constraints
on complements
combinable with adposition / agglutinative case affix / flexive case affix

Figure 3: Desententialization

A escala acima pressupõe, em um extremo, sentencialidade máxima e, no outro extremo, um grau mínimo de sentencialidade, correspondendo à nominalidade, com diferentes estágios intermediários. À medida em que perde em propriedades oracionais, como independência de tempo e modo, uma oração vai se aproximando do polo da nominalidade. Dadas as suas características mais prototípicas, as construções não finitas, como as orações de gerúndio, estariam numa posição

intermediária do *continuum*, mais próximas da sentencialidade, ainda que, na perspectiva do autor, o gerúndio tenha natureza mais adverbial do que nominal.

A inclusão das orações de gerúndio num polo intermediário de integração aparece também na proposta de Raible (2001), denominada modelo de junção (*junktion*). Retomemos neste ponto a escala de oito níveis distintos de junção de orações, já apresentada no capítulo 3:

(i) simples justaposição de orações sem juntores (parataxe assindética);
(ii) junção através de retomada correferencial de um item da oração anterior;
(iii) ligação de orações principais através de juntores explícitos (parataxe sindética);
(iv) ligação de orações através de conjunções subordinativas;
(v) ligação de orações através de construções gerundiais e participiais;
(vi) junção de relações através de construções com grupos preposicionais (locuções prepositivas);
(vii) junção de relações através de preposições e/ou morfemas de caso e, finalmente;
(viii) junção através de morfemas marcadores de caso ou papel temático.

No sentido vertical, essa escala vai de um polo de agregação para maior integração e, mais uma vez, as orações de gerúndio situam-se num nível intermediário (ponto 5), distinguindo-se das orações finitas que estariam no nível 4 de integração.

Tanto na perspectiva de Lehmann como na de Raible, as orações de gerúndio, indistintamente, estariam no mesmo ponto de um *continuum*, em razão de propriedades mais gerais como:

- não exibem flexão verbal específica;
- dependem da noção de tempo expressa pelo verbo da oração núcleo, embora expressem aspecto;
- são neutras quanto ao modo verbal;

- não apresentam juntores explícitos (a não ser em casos marcados como ocorrências com embora, mesmo, até, só etc).[22]

Entretanto, podemos questionar a adequação dessa análise e nos perguntar se o grau de vinculação semântica das orações adverbiais de gerúndio distingue-se em função da relação semântica que elas codificam.

Há evidências, como já propuseram outros autores, de que é necessário distinguir entre diferentes construções de gerúndio, como adjetivas e adverbiais (SOUZA CAMPOS, 1980, BRAGA e CORIOLANO, 2007, SIMÕES, 2007) ou orações de gerúndio periféricas e integradas (LOBO, 2003).

Mesmo entre as orações conectadas, conforme já mostraram Neves e Braga (1998), é possível distinguir diferentes graus de integração entre núcleo e hipotática, se forem considerados fatores como a ordem das orações, explicitação e correferencialidade de sujeitos, por exemplo. Na análise das hipotáticas temporais e condicionais, as autoras concluem que, pelas variáveis posição e explicitação do sujeito, as condicionais estão mais integradas e mais gramaticalizadas, e, pela variável correlação tempo-modo, as temporais estão mais integradas e, portanto, mais gramaticalizadas.

O nosso objetivo nesta seção é o de discutir evidências de que é igualmente necessário distinguir entre diferentes graus de vinculação no conjunto das orações adverbiais de gerúndio, de acordo com a relação semântica que emerge no período complexo. Para discutir essas evidências, retomamos de forma resumida, nos quadros 7 e 8, as propriedades discutidas ao longo deste capítulo. Nosso objetivo é observar se algumas relações lógico-semânticas apresentariam uma conjugação de propriedades mais compatíveis com maior grau de integração do que outras. Nos quadros, são apontadas aquelas propriedades mais salientes nas orações adverbiais de gerúndio, sendo omitidas propriedades menos frequentes, já discutidas nas seções anteriores.

---

[22] É possível considerar que o próprio sufixo *–ndo* constitui um elemento que exerce a função de conector (MÓIA e VIOTTI, 2004).

Quadro 7 - Propriedades das orações adverbiais de gerúndio de acordo com seu valor semântico - Fala							
Propriedades da oração de gerúndio ou da núcleo	**Concomitância**	**Modo**	**Condição**	**Tempo**	**Finalidade**	**Causa**	**Total**
Tempo verbal da oração núcleo	+ presente	+ presente	+ presente	+ presente	+ pretérito perfeito	+ pretérito perfeito	**+ presente**
Tipo de sujeito da oração de gerúndio	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo + suj. preen.	+ sujeito nulo + suj. preen.	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	**+ sujeito nulo**
Correferencialidade dos sujeitos	+ correferencial	+correferenc.	+ correferen. - correferen.	+correferen. - correferen.	+correferencial	- correferen. + correferen.	**+correferen.**
Tipo de predicador da núcleo	+ relacional	+ relacional	+ relacional	+ relacional	+ relacional	+ relacional	**+ relacional**
Tipo de predicador da oração de gerúndio	+comportam. + material	+comportam.	+ relacional	+ relacional	+ comportam. + verbal	+ mental + relacional	**+ comport. + relacional + material**
Sequencialidade dos estados de coisas	+ simultâneo	+ simultâneo	+ anterior	+ simultâneo + anterior	+ posterior + simultân.	+ anterior + simultân.	**+simultâneo**
Estatuto informacional da núcleo	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	**+ nova**
Estatuto informacional da oração de gerúndio	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	**+ nova**
Posição da oração de gerúndio	+ posposta	+ posposta	+ anteposta	+ anteposta	+ posposta	+ posposta + anteposta	**+ posposta**

Quadro 8 – Propriedades das orações adverbiais de gerúndio de acordo com seu valor semântico - Escrita									
Propriedades da oração de gerúndio ou da núcleo	**Concomitância**	**Modo**	**Tempo**	**Condição**	**Finalidade**	**Consequência**	**Causa**	**Concessão**	**Total**
Tempo verbal da oração núcleo	+ presente	+presen.	+pret.perf.	+ presente	+ presente	+presente +pret.perf.	+presen.	+pres.	**+presente +pret. perf.**
Tipo de sujeito da oração de gerúndio	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	+ suj. nulo + suj. preenchi.	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	+ sujeito nulo	**+ sujeito nulo**
Correferencialidade dos sujeitos	+ corref.	+ corref.	+ corref.	+corref. -corref.	+ corref.	+ corref.	+ corref. - corref.	+ corref.	**+ corref.**
Tipo de predicador da núcleo	+ relacional	+compo.	+relacion. +comport.	+relacion.	+relacion. +comport.	+ comport.	+relacion.	+relaci.	**+relacional +comport.**
Tipo de predicador da oração de gerúndio	+ comport.	+compo.	+ comport.	+relacion.	+comport. +relacion.	+relacion. +material +comport.	+relacion.	+relaci.	**+comport. +relacional**
Sequencialidade dos estados de coisas	+ simult.	+ simult.	+ simult.	+ anterior +simultân.	+ silmult + post.	+ simult.	+anterior +simultâ.	+ simult. + anteri.	**+ simultân.**
Estatuto informacional da núcleo	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	**+ nova**
Estatuto informacional da oração de gerúndio	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	+ nova	**+ nova**
Posição da oração de gerúndio	+ posposta	+pospo.	+posposta +antepost.	+antepos.	+posposta	+posposta	+ antep. + pospo.	+antep.	**+ posposta**

Os quadros 7 e 8 permitem destacar a regularidade/sistematicidade das orações de gerúndio no que se refere a duas propriedades: a configuração informacional do período complexo, em que tanto a oração núcleo como a oração de gerúndio introduzem informação nova no discurso, e o tipo de predicador da oração núcleo, predominantemente um verbo do tipo relacional.

As orações adverbiais de gerúndio constituem a porção remática dos enunciados, de certa forma, contribuindo para a progressão do discurso, ao inserirem informação avaliada como nova, corroborando a conclusão de Hoyer (2003). Essa propriedade parece inerente à própria estrutura oracional de gerúndio e independente da relação lógico-semântica entre as duas orações do período.

A ocorrência categórica na escrita e prioritária na fala de predicadores do tipo relacional pode ser tomada como um índice de que as orações de gerúndio estão mais fortemente associadas a estados de coisas menos dinâmicos, o que contribui, inclusive, para investi-las de uma maior generalidade que, em certa medida, favorece a ambiguidade dessas construções.

Considerando, no entanto, as demais propriedades analisadas, os quadros resumitivos 7 e 8 permitem depreender algumas diferenças na conjugação de traços mais característicos de algumas relações semânticas. Em princípio, tanto na fala quanto na escrita, é possível identificar pelo menos dois grandes grupos de relações de acordo com as propriedades compartilhadas. O primeiro grupo é constituído pelas relações de *concomitância* e *modo,* que compartilham as seguintes propriedades: tempo verbal preferencial da oração matriz no presente, sujeitos nulos e correferenciais, predicador do tipo relacional na oração núcleo, predominância de predicador do tipo comportamental na oração de gerúndio, estados de coisas simultâneos e posição à direita da núcleo, com pouquíssima possibilidade de reversão da ordem, e introdução de informação nova. As únicas distinções entre as duas diz respeito à possibilidade de verbos materiais para as orações de gerúndio de concomitância na fala e processo comportamental na oração núcleo das modais na escrita.

No segundo grupo estão as relações no domínio da condicionalidade: *condição, tempo, causa, consequência* e *concessão*. A oração núcleo das orações de gerúndio tem o verbo no tempo presente ou no pretérito perfeito, o sujeito pode ser correferencial ou não correferencial, o tipo de predicador da oração de gerúndio varia entre o relacional, comportamental, mental, verbal e material, os estados de

coisas descritos podem ser simultâneos ou se disporem temporalmente e admitem variabilidade de posição no período complexo.

No entanto, é possível que esse segundo grupo inclua subgrupos, se considerarmos principalmente critérios como correferencialidade do sujeito e disposição sintagmática das orações no período. De um lado, estariam as *causais* e as *condicionais*, que compartilham preferencialmente o tempo presente na oração núcleo, anterioridade dos estados de coisas relacionados, sujeitos frequentemente não correferenciais e aparecem predominantemente à esquerda da núcleo. Outro grupo seria formado pelas *temporais*, *consecutivas* e *concessivas*, que compartilham a possibilidade do verbo da núcleo estar no presente ou no pretérito perfeito, têm sujeitos correferenciais, caracterizam-se pela simultaneidade entre os estados de coisas relacionados, e pela a oscilação entre a posposição e a anteposição com relação à oração núcleo.

As orações de gerúndio com valor final ora apresentam traços mais característicos das *modais* e *concomitantes*, com sujeito sempre correferencial e pospostas à núcleo, ora são semelhantes àquelas do domínio mais amplo da condicionalidade, admitindo presente ou pretérito perfeito na oração núcleo. Se particularizam por se associarem a estados de coisas posteriores ao codificado pela núcleo. Particularizando-se por tais características, elas constituiriam um grupo à parte, justamente por compartilharem propriedades de um ou outro grupo, alternadamente.

Definir especificamente cada um dos graus de vinculação semântica entre as orações de gerúndio e sua núcleo não constitui objetivo desta pesquisa, embora possamos afirmar que, a partir dos resultados a que chegamos, elas possuem vínculos diferentes e, possivelmente, graus de gramaticalização também diversos.

As diferenças entre as propriedades analisadas são sugestivas de que as orações adverbiais podem não constituir um conjunto uniforme no que se refere ao seu grau de vinculação, com algumas delas apresentando um conjunto de propriedades compatíveis com maior grau de integração do que outras. Assim, por exemplo, o primeiro grupo – das *concomitantes* e *modais* – estaria mais à direita do *continuum*, portanto, seriam mais integradas e com grau maior de vinculação, e, assim, mais dessentencializadas, na perspectiva de Lehmann (1988). Um argumento adicional para essa interpretação seria o fato de que as modais operam no interior da predicação, ligando-se, portanto, a um constituinte da núcleo, e as concomitantes

estabelecem maior relação entre dois estados de coisas, ao considerá-los superpostos na linha do tempo.

Por outro lado, o segundo grande grupo – das relações de *tempo*, *condição*, *causa*, *consequência* e *concessão* – estaria mais à esquerda, por apresentarem traços compatíveis com menor vinculação. Como vimos, elas admitem maior variabilidade, oscilam entre pelo menos duas possibilidades naquelas propriedades que podem ser tomadas como índices de maior integração sintático-semântica. As finais, por sua vez, estariam situadas entre esses dois pontos, nem tão integradas e nem tão desvinculadas a sua oração núcleo.

Outra observação a ser feita é a de que aquelas orações de gerúndio com menor grau de vinculação com a oração núcleo - orações temporais, condicionais, causais, consecutivas e concessivas – estão mais disponíveis para usos discursivos mais específicos, em contextos linguísticos mais marcados.

Como foi mencionado na introdução desta tese, um dos objetivos deste estudo é o de verificar a existência de feixes de propriedades associados mais diretamente a uma ou outra relação lógico-semântica. Embora os resultados obtidos não permitam uma distinção inequívoca das propriedades correlacionadas mais diretamente a uma ou outra interpretação semântica, é possível depreender algumas particularidades interessantes, que constituiriam pistas na determinação de uma ou outra relação de sentido.

As orações de gerúndio condicionais especificam-se pela maior variabilidade entre sujeitos + correferenciais e sujeitos - correferenciais, tanto na fala como na escrita. Além disso, juntamente com as temporais, admitem maior variabilidade de tipo de sujeito.

As orações de gerúndio causais e de condição compartilham a maioria das propriedades (tempo presente na oração núcleo, anterioridade dos estados de coisas relacionados, sujeitos mais frequentemente não correferenciais e aparecem predominantemente à esquerda da núcleo). No entanto, distinguem-se sutilmente na maior flexibilidade da oração causal (+ posposta, na fala, e + anteposta, na escrita) do que a condicional (mais frequentemente anteposta na fala e na escrita). É possível, portanto, que a posição da oração no período contribua para favorecer uma ou outra das interpretações possíveis.

Tomando o parâmetro sequencialidade, as finais distinguem-se das demais por codificarem estados de coisas + posteriores ao da núcleo, o que pode favorecer a interpretação de finalidade, entendida como uma meta a ser alcançada.

O traço que especifica as consecutivas em relação às demais relações de sentido é a possibilidade equivalente de processos verbais dos tipos relacional, material e comportamental nesta oração.

A maior dificuldade parece envolver as relações de modo e concomitância que, como já destacamos, compartilham a maioria das propriedades, o que se reflete na maior ambiguidade desses períodos e na dificuldade de precisar o valor semântico dessas orações de gerúndio.

Evidentemente, essas particularidades devem ser tomadas com cautela, pois nem sempre elas são inteiramente sistemáticas nas duas modalidades, como ocorre com as temporais e as finais. No entanto, é possível notar que algumas relações, como as de modo, de concomitância e de condição, apresentam um feixe de propriedades, independentemente se são da fala ou da escrita.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acrescentando-se a outros estudos, esta pesquisa evidencia, empiricamente, que nos períodos complexos com orações de gerúndio adverbiais podem emergir diferentes valores circunstanciais, como os de *concomitância, modo, tempo, condição, finalidade, causa, consequência* e *concessão* tanto no discurso falado como no discurso escrito. Em decorrência das características mais gerais das orações de gerúndio, a atribuição de um ou outro desses valores pode não ser inequívoca e não excluir completamente a possibilidade de superposição de duas ou mais interpretações. No entanto, ao longo deste estudo, pudemos mostrar que diferentes combinações de propriedades das duas orações podem contribuir para que um determinado valor semântico se torne mais evidente, ou seja, se sobreponha aos demais.

Uma das hipóteses diretrizes deste estudo previa diferenças na ocorrência de orações adverbiais de gerúndio em diferentes gêneros textuais, devido às suas características composicionais e discursivas e dos seus diferentes objetivos comunicativos. Em princípio, a pesquisa mostrou não só um índice absoluto maior de orações adverbiais de gerúndio, como também uma proporção mais relevante dessas construções em relação ao número total de sentenças na escrita, comparada à fala. No entanto, pudemos atestar que, na modalidade escrita, a ocorrência das orações de gerúndio está correlacionada ao gênero textual: as orações de gerúndio são predominantes em gêneros do tipo argumentativo e menos recorrentes em gêneros do tipo narrativo. Confirma-se, assim, a hipótese de que as diferenças entre fala e escrita têm que ser relativizadas em função de um *continuum* de gêneros textuais.

Gêneros argumentativos, como cartas de leitor, artigos de opinião e, em alguns casos, crônicas, são mais propícios à instanciação de orações de gerúndio adverbiais. Por outro lado, gêneros de relato e narrativos, como as notícias, reportagens e entrevistas sociolinguísticas, parecem não favorecer a utilização das orações de gerúndio pelos escritores/falantes. Essa distribuição conduz a duas conclusões: a) por um lado, há indicações de que tais estruturas desempenham um papel relevante na construção do discurso argumentativo, o que pode ser devido, pelo menos em parte, ao tipo de relação que elas codificam; b) as diferenças entre

as duas modalidades, alinhando-se a conclusões sobre outros fenômenos, podem distribuir-se em um gradiente de acordo com os objetivos sócio-comunicativos dos textos.

Considerando separadamente as diferentes relações semânticas, podemos dizer que as diferenças entre as duas modalidades e entre os diversos gêneros analisados são, na verdade, apenas de grau. De forma geral, as orações de gerúndio ocorrem com os mesmos valores nas duas modalidades e em todos os gêneros. Destaca-se apenas a maior diversidade de relações lógico-semânticas associadas às orações de gerúndio nos textos escritos. Outro ponto a destacar é a predominância de orações de gerúndio que codificam relações de concomitância e modo, na fala e na escrita, relações que se aproximam das propriedades caracterizadoras da própria forma de gerúndio, principalmente a simultaneidade entre os estados de coisas codificados pelas duas orações.

Na busca de identificar os padrões mais recorrentes das orações de gerúndio no português contemporâneo, foram considerados aspectos de diferentes níveis: morfossintáticos, semânticos, discursivos e sintagmáticos. A análise permitiu, por um lado, corroborar um conjunto de características próprias das orações adverbiais de gerúndio e, por outro, depreender algumas particularidades associadas a algumas das relações semânticas.

Independentemente do valor semântico que instanciam, as orações de gerúndio caracterizam-se por: veiculação de informação nova para o ouvinte/leitor, o que permite considerá-las como uma estratégia de progressão do discurso; polaridade afirmativa; se relacionam a orações núcleo no modo indicativo; são preferencialmente pospostas; e possuem, predominantemente, sujeito correferencial ao da núcleo com que se relacionam. Acrescentando-se a essas propriedades o cancelamento de marcas modo-temporais, podemos afirmar, seguindo Braga e Coriolano (2007), que as orações de gerúndio são processos de redução.[1]

A segunda hipótese central deste estudo, que previa uma associação entre um feixe de propriedades e uma determinada relação semântica, encontrou evidências parciais. Os resultados encontrados mostram que as diferenças entre as

[1] Braga e Coriolano (2007) defendem que todas as orações de gerúndio passam pelo processo de redução, mas nem todas passam pelo processo de incorporação, destinado a uma parte dessas orações. Por isso, propõem tratar separadamente as propriedades de redução e de incorporação das orações de gerúndio.

orações adverbiais de gerúndio de acordo com a relação semântica não são absolutas, embora se constatem indícios de que algumas propriedades possam favorecer uma determinada interpretação semântica do que outra. Assim, por exemplo, a codificação de um estado de coisas posterior ao da núcleo pode contribuir para a atribuição do valor de finalidade a uma oração de gerúndio. De forma semelhante, a anteposição da oração de gerúndio pode favorecer uma interpretação condicional, causal ou concessiva.

Observam-se, porém, propriedades compartilhadas por algumas relações semânticas e não por outras, o que permite argumentar a favor da existência de diferentes graus de integração da oração de gerúndio com a sua núcleo, confirmando, assim, a hipótese de que essas estruturas oracionais não podem ser tratadas como um bloco homogêneo. A partir das propriedades morfossintáticas, semânticas, discursivas e sintagmáticas investigadas, foi possível postular quatro grupos de orações adverbiais de gerúndio. O primeiro deles inclui as orações de gerúndio de *concomitância* e *modo,* que compartilham propriedades em praticamente todos os níveis: tempo verbal presente na oração núcleo, ocorrência quase categórica de sujeitos nulos e correferenciais ao da núcleo na oração de gerúndio, predicador do tipo comportamental na oração de gerúndio, estados de coisas simultâneos e posição à direita no período, além da propriedade mais geral de veiculação de informação nova. Assumimos a possibilidade de que essas duas relações constituem orações de gerúndio de grau mais alto de integração/vinculação, em razão, principalmente, do compartilhamento do sujeito e da codificação de estados de coisas simultâneos. A nítida similaridade na configuração dos períodos que codificam essas duas relações lógico-semânticas explica a superposição entre elas, ou seja, sua ambiguidade.

Num segundo grupo encontram-se as relações de *condição* e *causa,* que compartilham entre si propriedades como: possibilidade de possuírem sujeito próprio e não correferencial ao da sua matriz, com índice expressivo de sujeitos [-correferenciais], codificam preferencialmente estados de coisas anteriores ao da oração núcleo na oração e, predominantemente, situam-se à esquerda da oração núcleo. A possibilidade de preenchimento do sujeito por pronomes ou mesmo por sintagmas nominais, principalmente daquelas que se situam à esquerda da núcleo, pode ser tomada como uma evidência de que orações de gerúndio condicionais situam-se em um ponto mais baixo numa escala de integração com a oração núcleo.

A partir da análise das configurações menos frequentes das orações de gerúndio, foi possível constatar que são as condicionais e as temporais que, mais frequentemente, desempenham funções discursivas mais específicas, como as funções de coesão discursiva, introdução de enquadramentos ao discurso seguinte, introdução de informações parentéticas ou pano de fundo, modalização de atos de fala, ou funções textuais, como a de retomada de tópico. Em síntese, há indicações de que elas estão mais sujeitas a processos de discursivização.

Outro grupo de orações é constituído pelas *temporais*, *consecutivas* e *concessivas*, orações que compartilham propriedades como maior variação no tempo verbal da oração núcleo (presente ou pretérito perfeito), sujeitos preferencialmente correferenciais, simultaneidade entre os estados de coisas relacionados e, no plano sintagmático, oscilação entre anteposição e posposição. As características compartilhadas por essas orações de gerúndio justificariam situá-las em posições mais intermediárias, ora se aproximando das concomitantes e modais, por exemplo, ora das de condição e causa.

A possibilidade de anteceder a oração núcleo aproxima principalmente as temporais das de causa e de condição, no que se refere ao seu papel na organização discursiva: orações de gerúndio temporais desempenham papel de relevo na abertura de enquadres temporais, na medida em que criam um quadro de referência temporal no interior do qual vários estados de coisas podem ser interpretados.

Por último, as orações de gerúndio *finais* têm um comportamento diferenciado das demais no que diz respeito principalmente à sequencialidade: caracterizam-se por uma disposição menos recorrente em que o estado de coisas descrito na final é posterior ao estado de coisas descrito na oração núcleo. Por um lado, compartilham com as modais e concomitantes propriedades como correferencialidade de sujeito e posposição à núcleo. Por outro, aproximam-se das temporais, consecutivas e concessivas, ao admitirem tanto o presente quanto o pretérito perfeito como tempo verbal da núcleo. As finais se situariam, portanto, num nível intermediário de integração.

Ainda quanto ao nível de integração com a oração núcleo, mostramos que as orações adverbiais de gerúndio não se situam num mesmo ponto em vários daqueles *continua* discutidos, ao contrário, têm propriedades que as agrupam em diferentes níveis de integração, conforme suas características. As modais e

concomitantes estariam mais à esquerda do *continuum*, portanto, mais integradas, as finais estariam num segundo ponto, também mais próximas à integração. Em seguida, o grupo das temporais, consecutivas e concessivas, ocupando uma terceira posição numa escala de conexão de orações, nem tão integradas e nem tão soltas. Por último, mais à direita do *continuum*, orações menos integradas, estariam as condicionais e as causais, relacionando-se de maneira mais frouxa com a oração núcleo.

Uma última questão envolve a correspondência entre as orações de gerúndio e as orações finitas conectadas. Na análise de diversos parâmetros, pudemos mostrar similaridades entre padrões de correlação observados para as relações de gerúndio com padrões constatados para conectadas que expressam a mesma relação semântica, embora, em alguns casos, intervenha a modalidade. Essas similaridades poderiam levar a crer, numa primeira interpretação, na equivalência entre as orações de gerúndio e as orações finitas, como admitem, por exemplo, as gramáticas do português. Acreditamos, no entanto, que as orações adverbiais de gerúndio, embora compartilhem muitas das propriedades com as orações finitas de mesmo valor semântico, não são equivalentes a essas. Apesar do compartilhamento de muitas propriedades, nem sempre é possível uma paráfrase da oração de gerúndio por uma oração finita sem comprometer nuances aspectuais ou a forma de sequenciamento dos estados de coisas relacionados. Além disso, em muitos casos, uma paráfrase só é possível com um determinado conector, sendo bloqueada com outros elementos de conexão. Nesse caso, qualquer conversão de uma oração não finita de gerúndio seria limitada, aplicando-se a apenas uma parte das diferentes nuances que são codificadas através de cada tipo de oração finita conectada. De uma perspectiva funcionalista, como a adotada neste estudo, tal situação é esperada, visto que formas diferentes estariam a serviço de funções diferentes.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

ANTONIO, Juliano Desiderato. Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português. In: **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Conexões de orações. Juiz de Fora, v.08, 2004. p.41-52.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Org.: DIONISIO, Angela Paiva e HOFFNAGEL, Judith Chambliss. São Paulo: Cortez, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BRAGA, Maria Luiza. As orações de tempo no discurso oral. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos.** Campinas, n.28, jan/jun, 1995. p. 85-97.

_____. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). **Gramática do Português falado**. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP,1996.

_____. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Gramática do Português falado**. Volume VII: Novos Estudos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. Aí e Então em expressões cristalizadas. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Número 44. MORATO, Edwiges M., BENTES, Anna Christina e LIMA, Maria Luiza Cunha (orgs.). Campinas: UNICAMP/IEL. 2003.

BRAGA. Maria Luiza e CORIOLANO, Jaqueline. Construções de gerúndio no português do Brasil In: **Alfa**. 51 (1). São Paulo, 2007. p.175-187.

BREIVIK, Leiv Egil. *On relative clauses and locative expressions in english existential sentences.* In: **Pragmatics**. Vol. 13, nº 2. International Pragmatics Association, 2003.

BRODERICK, John P. **Toward a "Monosyntactic" (and Monosemic?):** Analysis of –ing Forms in English. Old Dominion University, 2006.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas**, Revista de Estudos Linguísticos. Conexões de orações. Juiz de Fora, v.08, 2004. p.09-27.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários 19**, 1997.

_____. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. O problema da gramaticalização das preposições no Projeto Para a História do Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos 33.** 2004, cd-rom.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CHAFE, Wallace. Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D. **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood: New Jersey, 1982.

_____. How people use adverbial clauses. In: **Proceedings of the tenth meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.

_____. Linking intonation units in spoken English. In: **Clause combining in grammar and discourse**. J. Haiman & S. Thompson (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: An Introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. **Language Universals and Linguistic Typology**. Syntax and Morphology. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRISTOFARO, Sonia. **Subordination**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CROFT, William. **Typology and universals***,* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Radical construction grammar**; syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do português contemporâneo***.* 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Maria Angélica F., OLIVEIRA, Mariangela Rios e MARTELOTTA, Mário E. **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. In: **SCRIPTA**. Vol. 2, nº 4. Belo Horizonte, 1999. p.23-38.

_____.Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’. In: **SCRIPTA**. Vol. 5, nº 9. Belo Horizonte: 2001. p.104-118.

DIAS, Nilza Barrozo. **As cláusulas de finalidade**. São Paulo: Tese de Doutorado da UNICAMP, 2001.

_____. A articulação das cláusulas de finalidade: uma análise funcionalista. In: **SCRIPTA**. Vol. 5, nº 9. Belo Horizonte: 2001. p.67-76.

_____. As funções discursivas das cláusulas de finalidade. In: **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Sociolinguística. v.06, n.02. Juiz de Fora, 2002. p.137-148.

_____. As cláusulas de finalidade: uma proposta de tipologia. In: MENDES, Ronald Beline.(org.) **Passando a palavra**: uma homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Paulistana, 2007.

DIAS, Nilza Barrozo e GARCIA REIS, Andreia Rezende. Orações relativas reduzidas de gerúndio no português do Brasil. In: **Veredas**: Revista de Estudos Linguísticos. Conexão de orações. v.08. Juiz de Fora, 2004. p.121-135.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

DIK, S. C. **Theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) **Gêneros textuais e Ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DUARTE, Maria Eugênia L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. **Linguística** (PPGL/UFRJ), v. 3, 2007. p.89-115.

DUQUE, Paulo Henrique. **Contrastes e Confrontos**: um estudo funcional do elemento *mas* na fala e na escrita. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FARACO, Carlos Emílio e MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1990.

FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Emília R., DUARTE, Inês e GOUVEIA, Carlos A. M. (orgs.) **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. e AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e Escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERRARI, Lilian Vieira. As construções gerundiais no português contemporâneo: uma abordagem cognitivista. In: **SériEncontros: Descrição do Português:** abordagens funcionalistas. SOUZA CAMPOS, Odette G.L.A. de. Araraquara,1999. p.365-381.

_____.Rede polissêmica e processos figurativos: o caso do gerúndio. In: **SériEncontros: Descrição do Português:** abordagens funcionalistas. SOUZA CAMPOS, Odette G.L. Araraquara,1999. p.81-97.

FERREIRA DA SILVA, Maria José. **Propriedades formais e semântico-discursivas das orações causais com *PORQUE***. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GARCIA REIS, Andreia Rezende. **As cláusulas relativas desenvolvidas e aaas cláusulas relativas reduzidas de gerúndio no português escrito e falado do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

GIVÓN, T. **Syntax and Semantics**: Discourse and Syntax, v.12. Nova York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax**: A Functional. Typological Introduction. Amsterdam: Johm Benjamins, 1984.

_____. **Syntax II**. Nova York: Academic Press, 1990.

_____. **Syntax**. An Introduction. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia: Johm Benjamins, 2001.

GORSKI, Edair. A (não) realização do sujeito e a integração de orações. In: **SCRIPTA**, Revista do programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Vol.5, n.9. Belo Horizonte, 2001. p.161-173.

GRANGER, Sylviane. On Identifying the syntactic ans discourse features of participle clauses in academic english: native and non-native writers compared. In: AARTS, J., de MONNINK, I. And WEKKER, H. (eds). **Studies in English language and Teaching.** Rodopi: Amsterdam & Atlanta, 1997.

GRYNER, Helena. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. In: Koch, Ingedore G. Villaça e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Número 28. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995. p.69-83.

_____. O status do gerúndio na gramaticalização das orações complexas. In: RONCARATI e ABRAÇADO (orgs.). **Português brasileiro** – contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2003.

HAIMAN, J. **Natural Syntax:** Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HAIMAN, Jonh e THOMPSON, Sandra. **Subordination in universal grammar**. Proceedings of the Tenth Annual Meeting of Berkley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1994.

HALMOY, Odile. **Le Gérondif**: Eléments pour une description syntaxique et sémantique, Tapir, Université Trondheim, 1981.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. Articulação de orações no português escrito do Brasil: as orações condicionais. In: **SCRIPTA**, Revista do programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Vol.5, n.9. Belo Horizonte, 2001. p.126-142.

HOPPER P. e TRAUGOTT E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOYER, Anne-Gro. **L`emploi du participe présent em fonction d attribut libre et la question de la concurrence avec lê géondif.** Universitetet i Bergen, 2003.

KEENAN, Edward L. *Relative clauses.* In: **Language typology and syntactic discription.** Vol. 2. Edited by Timothy Shopen.1994.

KOCH, Ingedore G. V. A articulação entre as orações no texto. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.28, jan/jun, 1995.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: J. Haiman & S. Thompson (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

LOBO, Maria. **Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal**. Universidade Nova de Lisboa. Comunicação oral, 2002.

_____. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português.** Tese de doutorado. Universidade de Lisboa, 2003.

LONGACRE, Robert. **Sentences as combinations of clauses**. In: SHOPEN, Timothy. Language typology and syntactic description: complex constructions. V. II, Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LOPES, Maria Helena C. Couto. **Aspectos sintácticos, semânticos e pragmáticos das construções causais:** contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática. (Teses em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.

LUFT, C.P. **Moderna Gramática Brasileira.** 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

MACEDO, Walmírio. **Análise sintática em nova dimensão**. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Vinculação em cláusulas adverbiais: uma análise de cláusulas finais. In: **SCRIPTA**, Revista do programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Vol.5, n.9. Belo Horizonte, 2001. p.54-66.

_____. (org) **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo, e AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica F. da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de, e MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.) **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J. e THOMPSON, S. (eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1988.

MENDES, Andréa. **Orações complexas de tempo no português escrito do Brasil.** Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MENDES, Ronald Beline.(org.) **Passando a palavra**: uma homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Paulistana, 2007.

MIRA MATEUS, Maria Helena. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa.** Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MÓIA, Telmo e VIOTTI, Evani. Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais. In: **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Lisboa, 2004.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. **O processo de redobramento sintático no português medieval**: formação das perífrases com *estar*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2005.

MOTHÉ, Núbia Graciella Mendes. **Descrição dos usos das construções gerundiais.** UFRJ, 2004.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____. **Construções encaixadas:** considerações básicas. In: II Congresso Nacional da Abralin, 1999a. Caderno de Resumos. Florianópolis.

_____. As construções causais. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Gramática do Português falado**. Volume VII: Novos Estudos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999b.

_____. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Texto e Gramática.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura e BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. In: **D.E.L.T.A. Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. Vol.14. São Paulo: PUC SP, 1998. p.191-208.

NEVES, Maria Helena de Moura, BRAGA, Maria Luiza e DALL'AGLIO-HATTNHER, Marize Mattos. As construções hipotáticas. In: CASTILHO, Ataliba de. (coordenação geral). **Gramática do Português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

OLSEN, Gry. **Le gérondif et la structure communicative de la phrase**. Romansk Institutt, Universitetet I Bergen, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição. **Ordenação das cláusulas causais**: forma e função. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1991.

_____. Cláusulas causais adendos: Uma variante de ordenação? In: **Revista de Estudos da Linguagem**. Ano 2, n.2. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Jan/Jun, 1993. p.05-21.

_____. Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça e BRAGA, Maria Luiza.(orgs.) **Caderno de Estudos Linguísticos.** nº. 28. Campinas: 1995. p.59-68.

_____. A ordem não marcada das cláusulas porque. In: **SériEncontros: Descrição do Português:** abordagens funcionalistas. SOUZA CAMPOS, Odette G.L.A. de. Araraquara,1999. p.263-279.

_____. Gramaticalização de conectores no português do Brasil. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento, BITTENCOURT, Vanda de Oliveira e BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) **SCRIPTA**: Linguística e Filologia. V. 5. Belo Horizonte: PUC MG, 2001. p.35-46.

_____. Temporais na margem esquerda da oração: indexação na fala e na escrita. In: RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara.(orgs.) **Português brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008.

_____. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, Sebastião e RONCARATI, Cláudia.(orgs.) **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4.ed. São Paulo, Ática, 2000.

_____. **Gramática do Português brasileiro**. São Paulo, Parábola, 2010.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, Marli Hermenegilda. **Ordenação das Orações Temporais no Discurso Escrito**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Linguística e Filologia, 1999.

PRINCE, E. **On the given**: new distinction. Chicago: Linguistic Society, 1981.

RAIBLE, Wolfgang. **Linking clauses**. Art. 45. Germany: University of Freiburg i. Br., 2001.

RIOS, Mariangela de Oliveira. Orações adjetivas em Língua Portuguesa: uma abordagem pancrônica. In: **SCRIPTA**. Vol. 5, nº 9. Belo Horizonte, 2001. p.92-103.

RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara. (orgs.) **Português brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

_____. **Gramática Elementar da Língua Portuguesa**. 5. a 7. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, sem data.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SIMÕES, José da Silva. **Variação das orações reduzidas de gerúndio e orações desenvolvidas conjuncionais:** Sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no português brasileiro. Salvador: VI Seminário para a história do Português Brasileiro, GT de Mudança gramatical funcionalista, 2004.

_____. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de letras clássicas e vernáculas. 2007.

SOUZA CAMPOS, Odette A. de. **O gerúndio no Português:** estudo histórico-descritivo. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

TARALLO, Fernando Luiz. **Relativization strategies in brazilian portuguese.** Pennsylvania, Tese de Doutorado, 1983.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a Language**: a usage-based theory of Language Acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e DASHER, Richard B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português:** a categoria e sua expressão. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

VOTRE, Sebastião e RONCARATI, Cláudia. (orgs.) **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo